

**IÚRI YRVING MÜLLER DA SILVA**

**UM ESTUDO HISTORIOGRÁFICO SOBRE A  
PSICANÁLISE COM CRIANÇAS NO CONTEXTO  
UNIVERSITÁRIO**

**ASSIS  
2015**

**IÚRI YRVING MÜLLER DA SILVA**

**UM ESTUDO HISTORIOGRÁFICO SOBRE A  
PSICANÁLISE COM CRIANÇAS NO CONTEXTO  
UNIVERSITÁRIO**

**Tese apresentada à Faculdade de Ciências e  
Letras de Assis – UNESP – Universidade  
Estadual Paulista, para obtenção do título  
de Doutor em Psicologia (Área de  
Conhecimento: Psicologia e Sociedade).**

**Orientador: Dr. Jorge Luís Ferreira Abrão**

**ASSIS  
2015**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

S586e Silva, Iúri Yrving Müller da.  
Um estudo historiográfico sobre a psicanálise com crianças  
no contexto universitário / Iúri Yrving Müller da Silva. -  
Assis, 2015.  
152 f. : il.

Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de  
Assis – Universidade Estadual Paulista.  
Orientador: Dr. Jorge Luís Ferreira Abrão

1. Psicanálise infantil. 2. Psicanálise - História. 3. Psicaná-  
lise - Pesquisa. 4. Psicoterapia infantil. 5. Universidades e fa-  
culdades - Brasil. I. Título

CDD 150.1952

**IÚRI YRVING MÜLLER DA SILVA**

**UM ESTUDO HISTORIOGRÁFICO SOBRE A PSICANÁLISE  
COM CRIANÇAS NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO**

**COMISSÃO JULGADORA**

TESE PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE DOUTOR

Faculdade de Ciências e Letras - UNESP

Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade

Presidente e Orientador .....

Dr. Jorge Luís Ferreira Abrão

2º Examinador .....

3º Examinador .....

4º Examinador .....

5º Examinador .....

Assis, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

*Com respeito e gratidão à pessoa que,  
com seu incentivo, cuidado e presença constante,  
ajudou na superação de cada obstáculo  
para a realização deste sonho:  
Meu Pai.*

## AGRADECIMENTOS

É chegado um dos momentos mais ambíguos da presente tese: momento difícil e satisfatório. Difícil pelo fato de ter de eleger e recordar alguns dos nomes e instituições que contribuíram no desenvolver do trabalho, e satisfatório pela conclusão e reconhecimento dos frutos colhidos.

Porém, os nomes que foram uma constante no desenrolar da pesquisa não podiam deixar de ser citados, não excluindo da lembrança, no entanto, os que de maneira direta ou indireta também estiveram presentes, seja por meio de um abraço, de uma palavra amiga, seja simplesmente pela disposição em escutar.

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família, pela oportunidade de desenvolver a tese de doutorado, por meio da minha formação e dos anos de dedicação proporcionados por eles.

À Unesp de Assis e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, pela aceitação do projeto na área de concentração e pela adequação a uma de suas linhas de pesquisa.

À Dr<sup>a</sup> Inês Amosso Dolci, pelo incentivo e identificação do meu potencial para pesquisa psicanalítica com crianças, desde a graduação.

Ao Dr. Walter José Martins Migliorini e à Dr<sup>a</sup> Helena Rinaldi Rosa, pela apreciação do trabalho em seu momento crítico e inicial.

À Seção de Pós-Graduação, por tornar as questões burocráticas mais brandas e o ambiente da seção familiar e acolhedor.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que apoiou a realização desta pesquisa.

À Lucinéia, cujas conversas me levaram a voltar a ter esperança no mundo em geral e maior confiança naquilo que é bom; esta esperança está presente de alguma forma nestas páginas.

Aos Professores Francisco Hashimoto e Leonardo Lemos de Souza, pelo apoio e acolhida durante esta jornada.

Finalmente, agradeço ao meu Orientador, Dr. Jorge Luís Ferreira Abrão, tanto pela acolhida quanto pelo exemplo de profissional que, por meio de supervisões, revisões, adequações e, especialmente, pela palavra sempre oportuna e amiga, viabilizou o sonho da realização deste trabalho.

*Sob a matriz genérica psicanálise de crianças  
repousa uma diversidade de formas de atuação  
que trazem em comum a marca do inconsciente. (ABRÃO, J;  
SÁ, P. D. (Orgs.). 2011. p.13)*

SILVA, Iúri Yrving Müller da. **Um estudo historiográfico sobre a psicanálise com crianças no contexto universitário**. 2015. 152 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015.

## RESUMO

A Psicanálise com Crianças inicia seu percurso na Europa no início do século XX, marcado pelas contribuições pioneiras de Melanie Klein e Anna Freud. No Brasil, essa modalidade de atendimento psicanalítico começou a ser difundida a partir da década de 1930 e acabou se disseminando em práticas institucionais bem estruturadas, culminando em produção teórica expressiva. E, sob os auspícios das Sociedades de Psicanálise, esse ramo da ciência psicanalítica encontrou maior ressonância para sua aplicação, divulgação, formação de analistas infantis e produção teórica que, apesar de não vultosa, tem se mostrado altamente expressiva. De forma análoga, o meio universitário, por intermédio de sua produção científica, vem devotando maior atenção à compreensão das influências que a psicanálise exerce sobre a maneira de abordarmos esse tema, já presente nos cursos de Psicologia desde que foram inaugurados, na década de 1960. A partir dos anos 1980, podemos observar um fenômeno alvissareiro, a acolhida da psicanálise pelos cursos de pós-graduação em diversas universidades brasileiras. Dessa forma, a universidade fomentou a produção teórica sobre o tema, por não visar à formação analítica *stricto sensu* e representar um ambiente mais neutro, mais apto a estimular e a aceitar a miríade de pontos de vista, do que a instituição psicanalítica. Por meio da análise de dissertações e teses produzidas em cursos de pós-graduação em psicologia na última década, a presente pesquisa tem por objetivo investigar a produção teórica psicanalítica com crianças no século XXI, a partir da produção científica acadêmica. Tomando como referência o método histórico contextual, a pesquisa consistiu inicialmente em um levantamento bibliográfico sobre o tema em dissertações e teses nacionais, no período de 2000 a 2010. A partir dos resultados, foram definidas quatro categorias, considerando a natureza dos trabalhos: estudos conceituais, psicanálise com crianças em contextos institucionais, quadros clínicos específicos e casos clínicos. A análise destas categorias possibilitou a criação de quatro temas: psicanálise com crianças em contextos institucionais, estudos conceituais em psicanálise com crianças: comparações, ampliações e desenvolvimentos, estudos sobre grupos específicos: a psicanálise com crianças e os estados mentais primitivos e relatos clínicos: dos estudos de caso aos procedimentos clínicos. Com esses temas, foi possível demonstrar a viabilidade da aplicação do referencial psicanalítico no entendimento da infância, tanto no âmbito teórico quanto no prático, em parte do contexto acadêmico brasileiro, contribuindo assim para a expansão e refinamento das pesquisas dedicadas à história da psicanálise em nosso meio.

Palavras-chave: História. Psicanálise. Criança. Universidades brasileiras.

SILVA, Yuri Yrving Müller da. **A historiographical study of psychoanalysis of children in the university context.** 2015. 152 f. Thesis (Ph.D. in Psychology) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015.

## ABSTRACT

Child Psychoanalysis starts its journey in Europe in the early twentieth century, marked by the pioneering contributions of Melanie Klein and Anna Freud. In Brazil, this type of psychoanalytic service began to be widespread from the 1930s and ended up spreading in well-structured institutional practices, culminating in significant theoretical production. Furthermore, under the auspices of Psychoanalysis Societies, this branch of psychoanalytic science has found greater resonance to its implementation, dissemination, training of child analysts and theoretical work which, though not bulky, has been highly significant. Similarly, academia, through its scientific production, is devoting greater attention to understanding the influences that psychoanalysis has on the way we approach the subject, which has been present in Psychology courses since they were inaugurated in 1960. Since the 1980s, we can observe an auspicious phenomenon, the reception of psychoanalysis by graduate courses in various universities. Therefore, the university encouraged the growth of theoretical literature on the topic, for it didn't aim at a strict analytic training, but at representing a more neutral environment, better able to stimulate and to accept the myriad of points of view than the psychoanalytic institution. Through the analysis of theses and dissertations produced in graduate courses in psychology over the past decade, this research aims at investigating the psychoanalytic theoretical work on children in the twenty-first century, basing on the academic scientific production of that period. Taking the contextual historical method as a reference, the research initially consisted of a bibliographical survey on the topic in national dissertations and theses, from 2000 to 2010. Basing on the results, four categories have been defined, considering the nature of the work: conceptual, psychoanalysis with children in institutional settings, specific medical conditions and clinical cases. The analysis of these categories, enabled the creation of four themes: psychoanalysis with children in institutional settings, conceptual studies in psychoanalysis with children: comparisons, expansions and developments, studies on specific groups: psychoanalysis with children and primitive mental states and clinical reports: case studies to clinical procedures. Thus, it has been proven possible to demonstrate the feasibility of application of psychoanalysis to the understanding of childhood, both in the theoretical and at the practical situations, in part of the Brazilian academic context, thereby contributing to the expansion and refinement of research devoted to the history of psychoanalysis in our midst.

Keywords: History. Psychoanalysis. Children. Brazilian universities.

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Distribuição do número de dissertações e teses por ano de publicação.....	77
QUADRO 2 – Relação de dissertações e teses no ano de 2010.....	79
QUADRO 3 – Relação de dissertações e teses no ano de 2009.....	79
QUADRO 4 – Relação de dissertações e teses no ano de 2008.....	80
QUADRO 5 – Relação de dissertações e teses no ano de 2007.....	81
QUADRO 6 – Relação de dissertações e teses no ano de 2006.....	82
QUADRO 7 – Relação de dissertações e teses no ano de 2005.....	83
QUADRO 8 – Relação de dissertações e teses no ano de 2004.....	84
QUADRO 9 – Relação de dissertações e teses no ano de 2003.....	85
QUADRO 10 – Relação de dissertações e teses no ano de 2002.....	86
QUADRO 11 – Relação de dissertações e teses no ano de 2001.....	87
QUADRO 12 – Relação de dissertações e teses no ano de 2000.....	88
QUADRO 13 – Relação de dissertações e teses por programa de pós-graduação.....	89
QUADRO 14 – Relação de Orientadores.....	92
QUADRO 15 – Relação de autores mais citados nas dissertações e teses como referencial teórico.....	94
QUADRO 16 – Relação de dissertações e teses por categoria.....	96

QUADRO 17 – Relação das dissertações e teses sobre o tema “Contextos Institucionais”.....	101
QUADRO 18 – Relação das dissertações e teses sobre o tema “Estudos Conceituais”.....	111
QUADRO 19 – Relação das dissertações e teses sobre o tema “Quadros Clínicos Específicos”.....	117
QUADRO 20 – Relação das dissertações e teses sobre o tema “Relatos Clínicos”.....	127

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 REVISITANDO O CONCEITO DE INFÂNCIA DA ANTIGUIDADE À SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA .....	20
<b>1.1 Da antiguidade à Renascença: a emergência de uma categoria.....</b>	<b>20</b>
<b>1.2 Infância na contemporaneidade: uma categoria em des-construção ou uma Nova configuração? .....</b>	<b>27</b>
2 PSICANÁLISE COM CRIANÇAS: DA DESCOBERTA À TÉCNICA ATUAL.....	32
<b>2.1 Contribuições de Freud: das lembranças encobertas nos adultos às aplicações no trabalho com crianças .....</b>	<b>32</b>
<b>2.2 As contribuições de Ferenczi .....</b>	<b>35</b>
<b>2.3 Outros passos na direção da psicanálise com crianças .....</b>	<b>36</b>
<b>2.4 Melanie Klein e Anna Freud: a consolidação de uma prática .....</b>	<b>37</b>
<b>2.5 O desenvolvimento da Psicanálise com Crianças e Seus Desdobramentos .....</b>	<b>43</b>
3 A IMPLANTAÇÃO DA PSICANÁLISE NO BRASIL E SUAS PRINCIPAIS INFLUÊNCIAS NO DESENVOLVIMENTO DA PSICANÁLISE COM CRIANÇAS .....	48
<b>3.1 O Desenvolvimento da Psicanálise em São Paulo .....</b>	<b>49</b>
<b>3.2 O Desenvolvimento da em Psicanálise no Rio de Janeiro .....</b>	<b>51</b>
<b>3.3 O Desenvolvimento da Psicanálise de Crianças no Brasil .....</b>	<b>54</b>
4 UMA PESQUISA HISTORIOGRÁFICA DA PSICANÁLISE: DELIMITAÇÕES E LIMITES .....	61
<b>4. Problema e Justificativa .....</b>	<b>61</b>
<b>4.2 Objetivos .....</b>	<b>65</b>
<i>4.2 Objetivo Geral .....</i>	<i>65</i>
<i>4.2.1 Objetivos Específicos .....</i>	<i>65</i>
<b>4.3 Fundamentos Metodológicos da Pesquisa Historiográfica Psicanalítica .....</b>	<b>66</b>
<b>4.4 A historiografia da Psicanálise no Brasil .....</b>	<b>68</b>
<b>4.5 Delimitação da Pesquisa .....</b>	<b>73</b>

5 AS TESES E DISSERTAÇÕES SELECIONADAS EM NÚMEROS: UM ESTUDO QUANTITATIVO SOBRE O TEMA PSICANÁLISE DE CRIANÇAS NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO .....	77
<b>5.1 Criando categorias e especificando temas: algumas considerações sobre a análise das dissertações e teses .....</b>	<b>95</b>
<b>5.2 Mais algumas constatações .....</b>	<b>96</b>
6 A PSICANÁLISE COM CRIANÇAS EM CONTEXTOS INSTITUCIONAIS .....	98
<b>6.1 Contextos: a céu aberto, entre muros, sinais e sirenes .....</b>	<b>104</b>
7 ESTUDOS CONCEITUAIS EM PSICANÁLISE COM CRIANÇAS: COMPARAÇÕES, AMPLIAÇÕES E DESENVOLVIMENTOS .....	108
<b>7.1 Principais desenvolvimentos teóricos .....</b>	<b>113</b>
8 ESTUDOS SOBRE GRUPOS ESPECÍFICOS: A PSICANÁLISE COM CRIANÇAS E OS ESTADOS MENTAIS PRIMITIVOS .....	115
<b>8.1 Dos estados mentais primitivos à ampliação dos casos atendidos .....</b>	<b>120</b>
9 RELATOS CLÍNICOS: DOS ESTUDOS DE CASO AOS PROCEDIMENTOS CLÍNICOS .....	125
<b>9.1 Alinhavando tendências .....</b>	<b>132</b>
CONCLUSÃO .....	136
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	140

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa versa sobre o desenvolvimento da Psicanálise com Crianças no Brasil, representado por parte da produção científica acerca do tema desenvolvida em Programas de Pós-Graduação em Psicologia no país, com maior concentração nas Regiões Sul e Sudeste. Trata-se, obviamente, de uma história recente, visto que o período analisado abrange os anos de 2000 a 2010. Tal fato justifica-se, uma vez que a psicanálise com crianças, como ramo do conhecimento científico, conta com um século de existência, o que nos leva a concluir, num raciocínio tautológico, que a psicanálise com crianças é uma invenção recente, gerada e consolidada no século XX.

Tal raciocínio pode parecer simplista, já que é de domínio comum. Considerando que a Psicanálise com Crianças comemorou seu centenário, há poucos anos, em 2009, desde a publicação do caso “Pequeno Hans” (1909), devemos nos indagar sobre quais confluências de interesses e necessidades estiveram presentes para que tal ramo da ciência psicanalítica pudesse vir à luz.

Nesta fenda de tempo, que percorre todo o século XX chegando ao nascimento do século XXI, muitas foram as transformações na organização social, no modo como as relações humanas são estabelecidas e nas concepções acerca da infância. A psicanálise, por sua vez, enquanto uma expressão cultural de seu tempo, insere-se neste dinâmico processo de transformações em um duplo movimento.

Na direção destas transformações, as concepções relativas à infância e, por conseguinte, a forma de compreender, educar e tratar a criança, também sofreram sensíveis modificações, de forma tal que o sentimento de infância constituído, segundo Philippe Ariès (1973/1981), no decorrer da Idade Média, começou a ser sensivelmente abalado, dando margens a hipóteses que sustentam o prenúncio do desaparecimento da infância na sociedade contemporânea (POSTMAN, 1982/1999).

A extensão das questões aqui levantadas, resultantes da relação de temas como psicanálise, infância e contemporaneidade, coloca em cena uma diversidade de recortes e personagens que possibilitam a realização de diversas pesquisas, que podem surgir com o ímpeto de compreender uma nova realidade que começa a ser delineada. No âmbito deste trabalho, delimitamos como foco de nossa investigação as características de parte da produção científica sobre psicanálise com crianças, desenvolvidas no contexto acadêmico, principalmente nas regiões Sul e Sudeste.

Neste sentido, a presente pesquisa sustenta-se em dois eixos organizadores, de forma a constituir uma realidade dialeticamente complexa e promotora de desenvolvimento. Por um lado, temos as transformações, modificações e ampliações da técnica psicanalítica, que desde Melanie Klein e Anna Freud não deixaram de ocorrer. Essas mudanças são sistematicamente introduzidas no contexto nacional por intermédio da influência proveniente de outros centros culturais tradicionalmente engajados na produção de conhecimento psicanalítico, como Inglaterra e França. Por outro lado, as características culturais brasileiras e seus reflexos na forma de compreender a infância e abordar a criança, bem como as peculiaridades que marcaram a introdução e o desenvolvimento da psicanálise no contexto nacional, impõem à psicanálise com crianças – praticada nas universidades brasileiras – condições bastante singulares. No entrecruzamento destes fatores, encontramos a produção científica acadêmica, que representa algumas das peculiaridades técnicas da psicanálise com crianças praticada no Brasil, objeto do presente estudo.

Além da relevância científica conferida ao tema em discussão nesta tese, cumpre destacar que sua delimitação decorre da ampliação da pesquisa histórica em nosso país.

Em estudo anterior (SILVA, 2010), foi desenvolvido um estudo qualitativo de natureza histórica que buscou circunscrever um segmento da psicanálise brasileira, cujo objetivo foi caracterizar a produção sobre Psicanálise de Crianças no Brasil no período de 1967 a 2007, por intermédio dos artigos de autores nacionais publicados na *Revista Brasileira de Psicanálise*. Os resultados obtidos a partir do levantamento dos artigos sobre Psicanálise de Crianças publicados no periódico apontaram as seguintes informações: 107 artigos publicados sobre o tema, destes 89 de autoria de psicanalistas nacionais, a maioria na década de 1980; uma prevalência de artigos teóricos em que Melanie Klein e seus seguidores são os mais citados. Indicando, assim, maior influência do pensamento kleiniano na implantação da Psicanálise de Crianças no Brasil. Tais resultados ainda nos permitem a conclusão de que vários trabalhos iniciais como os de Klein e Anna Freud, inclusive os da atualidade merecem destaque por terem influenciado a prática analítica em nosso país, seja na Psicanálise de Crianças seja em áreas correlatas nela inspiradas. Entre esses trabalhos encontra-se o de Esther Bick, que em 1964 desenvolve a técnica de observação psicanalítica da relação mãe-bebê, que consiste em uma observação semanal da dupla mãe-bebê, realizada em casa durante o primeiro ano de vida. Evidenciamos, também, a ampliação das matrizes teóricas como esteio da prática clínica; juntamente com as contribuições de Melanie Klein, que já contava com uma vasta tradição no pensamento psicanalítico brasileiro, outros autores passam a ser citados com relativa frequência, notadamente Bion, Winnicott e Francis Tustin. Em linhas

abreviadas, procuramos apresentar de maneira sucinta os trabalhos que marcaram os principais fundamentos da análise infantil mundial e o pensamento e a produção teórica sobre crianças e adolescentes no meio psicanalítico brasileiro.

A experiência adquirida por intermédio da pesquisa histórica citada proporcionou, por um lado, um amplo entendimento sobre os caminhos percorridos pela psicanálise com crianças no Brasil, as influências mais significativas, os modelos teóricos de referência e as práticas que se constituíram; e, por outro, possibilitou um aprimoramento e refinamento da utilização da metodologia de pesquisa histórica em psicanálise. Foi a partir da bagagem advinda da nossa pesquisa de mestrado que a presente pesquisa nasceu, com a intenção, ou talvez pretensão, de integrar diversos elementos ainda dispersos e dar sentido a um conjunto de trabalhos que se sucederam ao longo de anos, culminando com o intuito de promover uma investigação que procura compreender, a partir de uma perspectiva histórica, elementos de parte da produção acadêmica sobre psicanálise com crianças no meio acadêmico brasileiro.

Para que possamos iniciar a discussão deste tema, entendemos ser necessário apresentar alguns conceitos, que constituem os primeiros capítulos desta tese, de modo a subsidiar as hipóteses que sustentam a presente pesquisa.

No primeiro capítulo, **Revisitando o Conceito de Infância da Antiguidade à Sociedade Contemporânea**, apresentaremos uma resenha das principais hipóteses teóricas acerca do surgimento e desenvolvimento do conceito de infância na civilização ocidental, de forma a percorrer um desenvolvimento histórico que vai da Idade Média à sociedade contemporânea.

O segundo capítulo, **Psicanálise com crianças: das descobertas à técnica atual**, dedica-se à exposição do desenvolvimento da psicanálise de crianças. Preliminarmente, discutiremos os trabalhos pioneiros de Melanie Klein e Anna Freud, demonstrando a ruptura que as ideias dessas autoras promoveram na psicanálise de então, para, na sequência, apontarmos os desdobramentos posteriores ocorridos na técnica da análise infantil, cujos reflexos mais notórios se fizeram sentir por intermédio dos trabalhos de Donald Winnicott, Françoise Dolto e Arminda Aberastury.

Por sua vez, o terceiro capítulo, intitulado **A implantação da psicanálise no Brasil e suas principais influências no desenvolvimento da psicanálise com crianças**, surge com a finalidade de demonstrar os caminhos pelos quais a psicanálise foi introduzida no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, bem como destacar suas influências no desenvolvimento da psicanálise com crianças, por meio das aproximações com a educação e, finalmente, com a consolidação desta área de interesse de forma mais autônoma.

O quarto capítulo, **Uma pesquisa historiográfica da psicanálise: delimitações e limites**, destina-se a discutir os fundamentos metodológicos da presente pesquisa, sustentando-a no campo das investigações históricas em psicologia e mais especificamente na ceara da historiografia da psicanálise. Também são apresentados os procedimentos da pesquisa, demonstrando o levantamento bibliográfico realizado.

No capítulo cinco, **As teses e dissertações selecionadas: um estudo quantitativo sobre o tema psicanálise com crianças no contexto universitário** é apresentado um estudo quantitativo das dissertações e teses selecionadas. Reúne também as informações colhidas durante a pesquisa por intermédio do levantamento bibliográfico e apresenta as principais hipóteses formuladas a partir dos dados levantados, com vistas a demonstrar as especificidades da produção acadêmica sobre o tema, a partir das teses e dissertações desenvolvidas em universidades brasileiras. Tendo em vista a recorrência de alguns elementos com características em comum e com a finalidade de organizar a apresentação dos dados de forma coerente e didática, foram criadas quatro categorias denominadas estudos conceituais, psicanálise com crianças em contextos institucionais, casos clínicos e quadros clínicos específicos. Por sua vez, estas categorias possibilitaram a elaboração de quatro grandes temas, que apresentam de maneira mais detalhada os trabalhos selecionados bem como uma contextualização histórica e cronológica da psicanálise com crianças sob a temática abordada.

Assim, o sexto capítulo, **Psicanálise com crianças em contextos institucionais**, por meio dos trabalhos reunidos procuramos demonstrar que a psicanálise com crianças em contextos institucionais vem se tornando cada vez mais significativa, nas pesquisas universitárias, pelo menos nas localizadas neste estudo.

O sétimo capítulo, **Estudos conceituais em psicanálise com crianças: comparações, ampliações e desenvolvimentos**, procuramos apresentar, por meio de alguns trabalhos selecionados, como os conceitos teóricos psicanalíticos iniciais, até os contemporâneos, continuam a ser relacionados, ampliados e desenvolvidos em algumas das pesquisas sobre psicanálise com crianças em parte do contexto universitário brasileiro.

O oitavo capítulo, **Estudos sobre grupos específicos: a psicanálise com crianças e os estados mentais primitivos**, sustenta-se na apresentação das pesquisas nas quais as manifestações psicopatológicas na infância prevalecem, sendo que o autismo e as psicoses infantis ganham maior proeminência. Assim, procura-se demonstrar a ampliação dos quadros clínicos específicos oriundos dos trabalhos selecionados.

O nono capítulo, **Relatos clínicos: dos estudos de caso aos procedimentos clínicos**, foi estruturado com a finalidade de apresentar alguns relatos clínicos bem como alguns dos procedimentos clínicos adotados nas pesquisas citadas.

Por fim, a conclusão surge com a finalidade de esboçar algumas considerações sobre as principais características das pesquisas citadas e algumas das limitações encontradas no percurso metodológico do presente estudo.

# 1 REVISITANDO O CONCEITO DE INFÂNCIA DA ANTIGUIDADE À SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Embora exista no imaginário popular uma forte tendência em tomar o conceito de infância como reflexo de uma condição natural e imutável, diretamente associada à ideia de criança, como categoria biológica que delimita uma etapa do desenvolvimento humano, diversas disciplinas, como a sociologia e a história, apontam que o conceito de infância foi constituído historicamente.

Sustentando esta linha de raciocínio, encontramos na literatura estudos, tais como Ariès (1973/1981), Postman (1982/1999), Donzelot (1986), Elkind (2001) e Badinter (1980/1985), que destacam as transformações do conceito de infância ao longo da história e apontam sua repercussão nas relações sociais e familiares.

Assim, para compreendermos a criança contemporânea, com suas singularidades, angústias e manifestações sintomáticas, é necessário nos apropriarmos das representações de infância que se constituíram desde a antiguidade até o século XXI.

Para isto, tomaremos como parâmetros dois marcos teóricos: o primeiro, introduzido por Philippe Ariès (1981), ao demonstrar a crescente diferenciação entre o universo do adulto e da criança no declínio da Idade Média, particularmente entre os séculos XVIII e XIX, que culminou no conceito de infância tal qual o entendemos hoje; e o segundo, destacado por Neil Postman (1982/1999), ao sustentar o raciocínio de que a infância vem gradualmente perdendo sua importância na atualidade, na medida em que as diferenças entre a infância e a idade adulta vão sendo relativizadas em uma nova estrutura de relações sociais.

## 1.1 Da antiguidade à Renascença: a emergência de uma categoria

Visitando a cultura da Antiguidade clássica, por meio do legado de Aristóteles, encontramos uma de suas obras intitulada *A Política* (1998), na qual o filósofo faz referências à criança. Valendo-se deste trabalho, podemos entender qual o papel assumido pela criança na *polis* grega, além de entender qual a sua relação com aquela sociedade.

Observa-se que as referências sobre as crianças encontradas na obra de Aristóteles estão sempre associadas à figura da mulher e do escravo. Isto permite concluir que, para o filósofo grego, existia um elemento comum entre a criança, a mulher e o escravo, elemento esse que os distinguia do pai, do marido e do senhor. Este elemento comum seria a falta de

autonomia que lhes conferia a condição de comandados. Para entendermos as peculiaridades dessa relação, é necessário compreender a estrutura social da Grécia antiga.

O selo distintivo da sociedade grega antiga residia em uma organização política descentralizada, definida pelas cidades-estado, que se caracterizavam como unidades administrativas independentes e autônomas, cujo poder político era exercido por seus cidadãos. A família, como parte constitutiva do Estado, visto que para a sociedade grega antiga o Estado era uma reunião de famílias, pode ser decomposta em seus elementos constitutivos, para melhor ser compreendida. Havia, então, três elementos básicos – o senhor e o escravo; o marido e a mulher; o pai e o filho – que compunham, segundo Aristóteles, os três ramos da economia doméstica.

Especificamente, a criança era vista como incompleta, o que caracterizava o indivíduo em desenvolvimento, no qual a faculdade de querer não estava ausente, como no escravo, podendo vir a formar-se. Para que tal formação ocorresse, era necessária a presença de um modelo que conduzisse a criança ao seu desenvolvimento potencial. Mesmo correndo o risco de ser redundante, podemos concluir que a criança era entendida como incompleta, desprovida de qualidades inerentes ao pai, qualidades que poderia vir a ter por pertencer à mesma linhagem do pai (ARISTÓTELES, 1998).

Torna-se necessário, nesta fase da exposição, dar um salto da Antiguidade para a Idade Média, a fim de alcançar um de nossos objetivos, que é compreender o significado que a infância assumiu ao longo da história, como categoria social.

Buscando representações da criança na expressão artística da Idade Média, as pesquisas iconográficas de Ariès (1981) apontam uma quase inexistência ou mesmo uma total ausência delas até o século XII. O autor então conclui que a ausência de tais representações não se devia à incompetência ou falta de habilidade dos artistas da época, mas sim a uma falta de lugar para a criança naquele mundo.

O sentimento de infância não existia para o homem medieval; o que predominava era um sentimento superficial, chamado por Ariès de “paparicação”, reservado a crianças muito pequenas, enquanto eram engraçadinhas. Não encontramos segregação entre adultos e crianças, nem mesmo no que concerne à expressão da sexualidade, tão pudicamente afastada das crianças na atualidade. Até o século XVI, era comum encontrarmos relatos de adultos que se divertiam com as brincadeiras sexuais das crianças, livremente manifestadas, ou que faziam alusões a assuntos sexuais em sua presença. Tal fato era entendido como algo natural:

Primeiro porque se acreditava que a criança impúbere fosse alheia e indiferente à sexualidade. Portanto, os gestos e as alusões não tinham consequências sobre a criança, tornavam-se gratuitos e perdiam sua especificidade sexual – neutralizavam-se. Segundo porque ainda não existia o sentimento de que as referências aos assuntos sexuais, mesmo que despojadas na prática de segundas intenções equivocadas, pudessem macular a inocência infantil – de fato ou segundo a opinião que se tinha dessa inocência. Na realidade, não se acreditava que essa inocência de fato existisse. (ARIÈS, 1981, p. 132)

A mortalidade infantil era altíssima, o que impedia que a criança pequena se tornasse objeto de grandes investimentos. Passados os cinco, seis anos, durante os quais os cuidados da criança eram reservados às mães ou, com maior frequência, às amas-de-leite, o pequeno iria, então, compartilhar a vida dos adultos. Desta forma, a aprendizagem e a socialização da criança não eram realizadas pela família ou pela escola, mas sim por toda a comunidade com a qual ela passava a conviver, garantindo, assim, as condições necessárias para a transmissão tanto de valores culturais quanto do ofício a ser aprendido.

Somente a partir do século XIII a sociedade medieval parece ter voltado seu olhar para a criança, começando a incluí-la em sua criação artística.

A iconografia das sociedades dos séculos XIV, XV e XVI nos fornece indícios da forma como foi se transformando a visão de infância ao longo desses séculos. Transformações estas que se consolidarão no século seguinte.

Assim, a criança que havia sido ignorada na iconografia medieval, começa, a partir do século XIII, a ser representada. Inicialmente, sob a forma de crianças mais velhas, quase jovens. Posteriormente, encontramos a representação do menino Jesus e da Virgem Maria, menina. Devemos destacar, ainda, a natureza destas inscrições, que representavam a criança como cópias miniaturizadas dos adultos. Uma outra forma de expressão surgiu com o tema da criança nua, tendência que irá se consolidar no século XVII.

Embora a criança não esteja ausente da iconografia desde o século XIII, sua representação está sempre associada a outros elementos, uma vez que a cena principal era sempre ocupada pelos adultos, cabendo à criança apenas um espaço secundário. É somente a partir do século XV que encontramos a criança representada sozinha – mais especificamente nos retratos –, o que indica uma tentativa de preservar sua lembrança, tendência que será consolidada no século XVII. Isto é um indício de que a criança começava a se inserir na arte, como reflexo de uma nascente reorganização das estruturas sociais, na qual ela começava a ocupar um lugar de maior destaque, assumindo um novo estatuto.

Partindo da análise dos registros iconográficos, no que concerne ao surgimento e ao incremento do registro da imagem das crianças, é possível afirmar que a infância é uma construção social originada na Renascença. Constatação esta sustentada por Neil Postman, ao afirmar:

A ideia de infância é uma das grandes invenções da Renascença. Talvez a mais humanitária. Ao lado da ciência, do estado-nação e da liberdade de religião, a infância, como estrutura social e como condição psicológica, surge por volta do século dezesseis, e chega refinada e fortalecida aos nossos dias. (POSTMAN, 1982/1999, p. 12)

Assim, nos anos da Renascença, uma série de transformações na estrutura social fez que a criança assumisse um lugar de destaque nas relações sociais e uma nova representação no imaginário popular. Como veremos, ao menos duas séries de fatores precipitaram esta transformação: o surgimento da medicina, com uma recente literatura sobre higiene e cuidados dietéticos da criança, e a transformação das práticas pedagógicas, propondo um redirecionamento da forma de transmissão do conhecimento, da oralidade para a escrita.

De acordo com Donzelot (1986), também é a partir do século XVII que irá florescer na Europa uma vasta literatura dedicada ao tema da infância. A tônica desta literatura, originada sobretudo no meio médico, tinha como foco principal o cuidado dispendido à criança, salientando os maus hábitos da educação praticados até então. Neste sentido, são apontadas severas críticas aos hábitos educacionais empregados com regularidade na ocasião, entre os quais "... a prática dos hospícios de menores abandonados, a da criação dos filhos por amas de leite e a da educação artificial das crianças ricas" (DONZELOT, 1986, p.15).

Por outro lado, o hábito amplamente difundido junto à elite e os estratos médios da população, como artesões e comerciantes que começavam a surgir nas cidades, que consistia na criação dos filhos, nos primeiros anos de vida, por amas de leite, passou a ser criticado de forma veemente pelos educadores e moralistas de então. Esta prática, segundo eles, seria a causa dos altos índices de mortalidade infantil e a explicação para o fato de muitas destas crianças tornarem-se adultos corrompidos com graves falhas de caráter, como agressividade e desonestidade.

Na tentativa de explicar os cuidados negligentes dispendidos pelas amas de leite para com as crianças sob sua responsabilidade, a literatura de então, analisada por Donzelot (1986), sustentava a ideia de que as nutrizes falhavam em sua tarefa ora por ódio, ora por interesse.

Já as crianças carentes da época eram enviadas a hospícios de menores, lugar onde a mortalidade era muito alta, devido às más condições. O Estado começa a se preocupar com isso, percebendo que tais crianças morriam bem antes de poderem servir ao Governo.

Partindo do raciocínio de que a educação oferecida às crianças na Idade Média, particularmente até o século XV, era inadequada, prejudicando de forma direta tanto a sua saúde física quanto o seu desenvolvimento emocional, novos parâmetros de educação começam a ser estabelecidos pelos médicos e educadores da Renascença. É neste período, sob a luz dos ideais renascentistas, que surge uma nova preocupação com a criança. Exclui-se a criança do mundo dos adultos. A criança não deveria mais ser preparada por meio do convívio com os adultos; novos espaços e estratégias deveriam ser criados.

A família passa a ser o berço de preparação da criança, posteriormente sendo substituída pela escola, livrando-a, assim, dos maus-tratos das amas-de-leite e do descaso dos adultos.

Todos esses acontecimentos levaram a sociedade a um questionamento quanto aos métodos e recursos utilizados, na época, para o cuidado das crianças, instigando o desenvolvimento de novos recursos para a educação infantil. Uma nova preocupação com as crianças surge da necessidade de controle de distúrbios de comportamento e não de uma verdadeira preocupação e zelo por elas. O sentimento de infância, apesar de ter-se ampliado, ainda continha certa superficialidade.

Essas transformações sociais trazem uma nova mentalidade, com relações afetivas calcadas em novos valores, uma vida social ampla e intensa diminuída entre os membros de uma mesma comunidade, tornando a família o berço da vida particular e subjetiva.

A criança passa a ser objeto de grande afeição para os adultos, levando-os a se organizarem em sua função; natalidade e mortalidade passam a ser controladas para se poder cuidar melhor dos filhos. Vemos, assim, o surgimento do esboço de sentimento de infância que se estende até hoje.

Estas transformações na mentalidade do homem medieval, iniciadas no século XIII, estarão consolidadas no século XIX.

O historiador francês Ariès também percorre a trajetória histórica da escola no desenvolvimento da criança – e encontra dados interessantes.

No século XV, a escola era destinada a um número restrito de clérigos em busca de formação religiosa. Enquanto a escola era restrita, a aprendizagem, valendo-se do contato direto entre crianças e adultos, era o elemento central da pedagogia medieval, garantindo a transmissão dos valores culturais e sociais. Era uma fase em que predominavam a esperteza e

a precocidade. Os privilegiados eram aqueles que, precocemente, conseguiam se destacar no mundo dos adultos.

Nos séculos XVI e XVII, com a exclusão da criança do mundo adulto, mediante o enclausuramento na escola, vê-se uma expansão das escolas escolásticas e particulares. A infância ainda era reduzida e não havia divisão entre crianças e adultos. As crianças passaram a frequentar a escola com dez anos, com a justificativa de que crianças muito pequenas não se adaptavam à disciplina rígida da escola. Vemos, assim, um prolongamento da infância devido a uma necessidade da escola.

A divisão das crianças dentro da escola, em função de sua maior ou menor capacidade, teve seu início no século XV. A segmentação dos alunos – em espaços físicos diferentes e por idade – só ocorrerá séculos mais tarde.

A família e a escola retiraram juntas a criança da sociedade dos adultos. A escola confinou a criança outrora livre num regime disciplinar cada vez mais rigoroso, que nos séculos XVIII e XIX resultou no enclausuramento total no internato. A sociedade da família, da igreja, dos moralistas e dos administradores privou a criança da liberdade de que ela gozava entre os adultos. (ARIÈS, 1981, p.277-278)

No âmago das transformações sociais inspiradas pelos educadores e moralistas entre os séculos XV e XVII, que promoveram significativas mudanças na família e na escola, originaram-se novas condutas disciplinares que passam a nortear a educação das crianças. É neste período que encontramos o desenvolvimento de um novo sentimento de infância, que, com algumas variações, predomina até hoje. A criança passa a ser entendida como um ser inocente e imaculado que precisa ser formado, e não mais como algo pitoresco com que os adultos se divertiam.

Já no século XVIII, podemos identificar outra face desse investimento na infância: as transformações no papel da mulher, que sofreu grandes modificações ao longo da Idade Média. Ao enclausurar a criança no âmbito familiar, a educação e a medicina da época atribuíram à mãe a responsabilidade e a incumbência do cuidado com os filhos, sob a alegação de que a mãe era a figura privilegiada que poderia oferecer simultaneamente cuidado responsável e afeto aos filhos. A instituição das amas de leite foi desestimulada em benefício do aleitamento materno que sintetizava, do ponto de vista simbólico, a integração entre cuidado físico e afeto.

Para operar este salvamento era preciso convencer as mães a se aplicarem às tarefas esquecidas. Moralistas, administradores, médicos puseram-se em campo e expuseram seus argumentos mais sutis para persuadi-las a retornar a

melhores sentimentos e a dar novamente o seio. (BADINTER, 1980/1985, p.146)

Esta transformação nas relações familiares trouxe repercussões diretas sobre a vida da mulher que, a pretexto da responsabilidade do cuidado com os filhos, ficou enclausurada na esfera familiar, sendo amplamente difundida a ideia de que a realização feminina passaria obrigatoriamente pela maternidade. Assim, a mulher “enclausurada em seu papel de mãe, não mais poderá evitá-lo sob pena de condenação moral” (BADINTER, 1980/1985, p.238).

Esta ideologização celebrou o reinado da criança por meio de obras que concitam os pais a novos sentimentos e, particularmente, ao amor materno, como propõe Badinter (1985). Percebemos que, para essa autora, a família proposta como fundada no amor materno é caracterizada pela intimidade que liga os pais aos filhos, objetivando assegurar uma continuidade da prole que, por seu valor de investimento, começa a ser considerada uma questão de administração pública.

Tal raciocínio nos dá a dimensão da aproximação, sobreposição e interdependência destas duas instâncias sociais consolidadas a partir da Renascença, na medida em que a necessidade de instrução passa a permear o meio familiar, com a finalidade de melhor gerir a educação das crianças. Os pais, cada vez mais responsáveis pela educação dos filhos, deveriam ser instruídos e preparados para o exercício de tal função, por intermédio de uma vasta literatura que começou a ser produzida com esta finalidade. “A família como instituição educacional começou com a tipografia, não só porque a família tinha que assegurar que as crianças recebessem educação na escola, mas também porque tinham que proporcionar uma educação suplementar em casa” (POSTMAN, 1982/1999, p. 58).

De forma clara, podemos perceber uma retomada da visão de infância presente na Antiguidade Clássica. Essa nova concepção de infância, que começou a inspirar no século XVII e que atingiu seu ápice no século XIX, não comportava mais negligências e abusos, dando lugar a uma preocupação de como garantir um desenvolvimento saudável à criança.

Neste período, surge uma tentativa de sistematizar a educação para a criança: uma nova pedagogia, influenciada pela medicina e pela recente ciência psicológica, que no século XIX tentou imputar padrões para gerir a educação das crianças.

Para conferir legitimidade a este raciocínio, é necessário entender a cristalização de alguns acontecimentos, já enunciados nos séculos anteriores, que se definiram pelo declínio do regime totalitário e pela extinção da comunidade ampliada – da qual o indivíduo era parte indissociável – em benefício de uma economia mercantilista, caracterizada pela ascensão da

burguesia, de seus ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, que há pouco tinham figurado como lema da Revolução Francesa.

Segundo Áries (1981), esta nova ordem social e política impôs ao homem uma compreensão inovadora sobre si e sua constituição como indivíduo; uma nova ordem política e social é criada, a subjetividade e a intimidade assumem o núcleo da família.

A Psicologia é requisitada a estabelecer novos padrões e normas para a educação e a resolução de conflitos internos do homem. É neste contexto que, de acordo com Ariès (1981), surgem as condições necessárias para o desenvolvimento de novas ciências, como a Psicanálise e a Pediatria. A criança deixa de ser vista como um adulto em miniatura e conquista seu lugar na sociedade e na família, cabendo, assim, a alguns ramos da ciência moderna, estudá-la e compreender suas características como um indivíduo em desenvolvimento. Trata-se, certamente, da necessidade de poder identificar e construir formas mais adequadas de gerir sua educação.

Novas ciências como a Psicanálise, a Pediatria, a Psicologia, consagram-se nos problemas da infância e suas descobertas são transmitidas aos pais através de uma vasta literatura de vulgarização. Nosso mundo é obcecado pelos problemas físicos, morais e sexuais da infância. (ARIÈS, 1981, p.276)

Partindo do percurso histórico proposto até este ponto, chegamos à constatação de que o conceito de infância teve seu ápice a partir de meados do século XIX, quando as instituições dedicadas ao cuidado da criança, família e escola assumiram um formato bem definido e uma clara identidade na esfera social. Segundo Postman, (1982/1999), “O período entre 1850 e 1950 representa a preamar da infância” (p. 81).

Também é neste ponto que a Psicanálise, assim como foi na virada do século XIX para o século XX, é intimada a assumir o centro da investigação da mente e comportamentos infantis, por meio da busca de novas formas e estratégias para abordar as novas manifestações da subjetividade infantil que se afiguram neste cenário contemporâneo.

## **1.2 Infância na contemporaneidade: uma categoria em des-construção ou uma nova configuração?**

Acompanhando a história, vimos que, a partir da segunda metade do século XX, uma série de transformações políticas, econômicas e sociais conduziram a uma nova configuração das relações familiares e, por conseguinte, do papel da criança na sociedade.

Após a Segunda Guerra Mundial, a civilização ocidental começa a processar uma transformação de amplitude e magnitude que só foi compreendida anos mais tarde. Dentre elas, podemos destacar a mão de obra nas cidades, que se tornou bastante escassa, devido ao fato de os homens estarem à frente das batalhas, criando forte demanda social para o ingresso da mulher no mercado de trabalho. Em decorrência, iniciou-se o processo da emancipação feminina que, por sua vez, resultou em uma reorganização das relações familiares.

No que diz respeito às relações entre mães e filhos, a emancipação feminina promoveu mudanças no modelo vigente, uma vez que a mãe deixou de ser a única responsável pelo cuidado da criança. Essa responsabilidade passou a ser compartilhada com outras figuras das relações familiares ou mesmo com instituições destinadas ao abrigo de crianças, como as creches, por exemplo.

Dessa forma, o cuidado com a criança pequena, nos primeiros anos da infância, deixa de ser primazia da família, na medida em que outras estruturas sociais passam a compartilhar esta tarefa, promovendo assim um reordenamento do estatuto conferido à criança na sociedade contemporânea.

Paralelamente, em relação às transformações evidenciadas na relação entre a criança e a família, as hipóteses levantadas por Neil Postman (1982/1999), em seu livro *O desaparecimento da infância*, apontam a relativização da importância da escola como meio de transmissão de informações e de valores culturais, visto que os meios de comunicação de massa, como a televisão e mais recentemente a internet, o fazem de forma direta e indiscriminada quanto à idade de seus telespectadores e internautas.

Do mesmo modo que a escrita alfabética e o livro impresso, a televisão revela segredos, torna público o que antes era privado. Mas, ao contrário da escrita e do prelo, a televisão não dispõe de qualquer meio de fechar as coisas hermeticamente. O grande paradoxo da alfabetização foi que, ao tornar os segredos acessíveis, simultaneamente criou um obstáculo à sua acessibilidade. Devemos nos capacitar para os mistérios mais profundos da página impressa submetendo-nos aos rigores de uma educação escolar. (POSTMAN, 1982/1999, p.97-98)

Este novo modo de circulação das informações que caracteriza a segunda metade do século XX e o início do século XXI, nos instiga a pensar na questão levantada pelo autor: É possível imaginar o mundo sem infância, tal como a reconhecemos hoje?

Neste mesmo livro, o autor nos responde que sim, pois já aconteceu e está acontecendo de novo. A concepção atual de infância inexistia até o final da Idade Média. Ela surgiu na Renascença, após a revolução promovida pela palavra impressa, que socializou a

necessidade de alfabetização, multiplicou e tornou rotineiras as escolas, hierarquizou o conhecimento por faixa etária, disseminou noções de pudor, estabelecendo e criando limites bem demarcados entre crianças e adultos.

Para Postman, durante o último século:

[...] foram feitas tentativas bem sucedidas durante esses anos de pôr todas as crianças fora das fábricas e dentro das escolas, dentro de suas próprias roupas, de seu próprio mobiliário, de sua própria literatura, de seus próprios jogos, de seu próprio mundo social. Em uma centena de leis as crianças foram classificadas como qualitativamente diferentes dos adultos; numa centena de normas foi-lhes atribuído estatuto preferencial e oferecida proteção contra os caprichos da vida adulta. (1999, p.81)

Agora, segundo o autor, com a informação eletrônica – sobretudo a TV, que só requer aptidões naturais e o entendimento da fala, adquirido a partir do primeiro ano de vida – as fronteiras começam a desmoronar:

Mas mesmo que eu esteja errado em acreditar que a súbita preocupação de registrar a história da infância é, em si mesma, um sinal do declínio da infância, podemos, pelo menos, ser gratos por contarmos, finalmente, com informações que nos dizem de onde vem a infância. Tais relatos nos permitem aprender por que uma ideia como infância foi concebida e fazer conjecturas a respeito das razões por que deva tornar-se obsoleta. (POSTMAN, 1999, p.19).

Assim, a erotização precoce e a crescente participação infanto-juvenil nos índices de criminalidade são apenas as indicações mais evidentes de um conjunto de sinais de que a infância – em especial a meninice, entre os sete anos e a puberdade – está em extinção. Neste sentido, Postman destaca que já habitamos um tempo de crianças adultas e de adultos infantis, e estamos no limiar de outro em que a idade das pessoas só estabelecerá diferenças marcantes em dois extremos – a primeira infância e a senectude.

As ideias ora enunciadas, embora bem articuladas, têm encontrado vários focos de oposição em autores contemporâneos, que se afirmam como opostos às suas ideias.

Para, Prout (2005), autor que se coloca em oposição à ideia proposta por Postman, a nítida distinção entre adulto e criança introduzida pela modernidade encontra-se em desvanecimento na pós-modernidade, no entanto, as tentativas de interpretar essas transformações como sinais indicativos do final da infância constituem-se em uma compreensão nostálgica que confunde uma compreensão ontológica de infância com novas formas de representação desta etapa da vida que se configuram na atualidade. Ainda segundo

este autor, as mudanças que se processam nas representações da infância acompanham as transformações que ocorrem no mundo globalizado, fazendo que a criança seja reconhecida como mais ativa e mais participante e, simultaneamente, como um indivíduo menos dócil e bem mais difícil de lidar.

Neste mesmo contexto, inserem-se as contribuições de Elkind (2001), que chama com veemência nossa atenção para as pressões que a sociedade impõe às crianças, expondo-as a uma grande variedade de problemas na infância e adolescência, como baixa autoestima, gestação na adolescência e altos índices de suicídio. Este especialista em desenvolvimento infantil mostra-nos que, ao perdermos a noção do que é adequado à idade, esperando ou impondo demais, muito cedo, as pressões do mundo adulto, obrigamos nossas crianças a crescer prematuramente.

Lançando um olhar minucioso ao mundo das crianças e dos adolescentes, o autor defronta-nos com toda uma nova geração de pais que pressiona cada vez mais as crianças. Explica por que isso ocorre, oferecendo um alerta encorajador que contempla o desenvolvimento saudável, protegendo o desfrute e a liberdade da infância.

Preconiza, também, que a concepção das crianças como competentes para lidar com tudo e com qualquer coisa que a vida tenha a oferecer, e ainda se beneficiar disso, foi uma racionalização eficaz para os pais que continuam a amar seus filhos, mas não têm o tempo nem a energia para cuidar da infância.

Revela, ainda, que “nossa concepção contemporânea de Supergaroto, competente para lidar com todas as vicissitudes da vida, deve ser encarada como uma invenção social para aliviar a ansiedade e a culpa dos pais” (ELKIND, 2001, p.19).

Tal citação nos permite inferir que estamos atravessando um daqueles períodos da história, como as primeiras décadas da Revolução Industrial, em que as crianças são as vítimas involuntárias da revolta e da mudança da sociedade.

Seguindo esta linha de raciocínio, o autor conclui que as crianças, hoje, funcionam como um *self* substituto para os pais, capaz de realizar e lidar com situações e emoções da vida adulta. Resultado disso é o estresse sobre as crianças em uma forma dinâmica que mascara a culpa dos pais e valoriza os prodígios da criança. Em vez de um desenvolvimento saudável atingido mediante sucessivas etapas do desenvolvimento humano, aparecem sintomas como ansiedade, desgaste na escola, desamparo, estruturação prematura e até invulnerabilidades.

Dentro de uma visão mais otimista do que a de Postman, não prevendo o desaparecimento da infância, mas sim uma outra forma de configuração desta etapa da vida,

Elkind sugere caminhos conhecidos para que possamos auxiliar as crianças pressionadas: um diálogo aberto, levando em conta as características de pensamento da criança, e o brincar, como um antídoto para a pressão.

Se as transformações observadas nas últimas décadas representam o desaparecimento da infância, como sustenta Postman (1982/1999), ou uma nova configuração dessa categoria, como nos indica Elkind (2001), ainda estamos longe de comprovar. De fato, como vimos anteriormente, a configuração atual da infância e seu lugar ocupado na sociedade contemporânea é precedida por um longo desenvolvimento histórico que vai desde a Antiguidade, passando pela Idade Média até chegar aos dias atuais. O que nos sugere que precisaremos de mais algum tempo de observação para preconizarmos o que ocorrerá com esta categoria na pós-modernidade. Sabemos apenas que a criança do século XXI manifesta novos hábitos de vida, de relações familiares diversas, e de angústias pessoais outrora impensáveis, decorrentes de todas estas transformações sociais e culturais.

Como consequência destas transformações, podemos dizer que a sociedade do século XXI, em todas suas instâncias, vem se dedicado, como nunca antes, a este período da vida.

## **2 PSICANÁLISE COM CRIANÇAS: DAS DESCOBERTAS À TÉCNICA ATUAL**

Este capítulo tem a finalidade de demonstrar o desenvolvimento da psicanálise com crianças, percorrendo uma linha histórica que vai desde as primeiras descobertas teóricas e técnicas até os desafios da técnica atual. Para tal, iniciaremos esta discussão identificando as condições e necessidades existentes no universo psicanalítico que culminaram com o surgimento da psicanálise com crianças. Na sequência, percorremos as iniciativas pioneiras, representadas, sobretudo, pelos trabalhos de Melanie Klein e Anna Freud, que, instigadas pelas demandas de seu tempo, lançaram os fundamentos teóricos técnicos da prática clínica psicanalítica com crianças.

Posteriormente, analisaremos as repercussões que os trabalhos destas autoras exerceram sobre o desenvolvimento da psicanálise de crianças em anos posteriores, na medida em que outros autores, como Donald Winnicott, Françoise Dolto e Arminda Aberastury, passaram a agregar contribuições significativas que ampliaram e modificaram o cenário da psicanálise com crianças e promoveram a expansão destas ideias para além das fronteiras da Inglaterra.

Finalmente, proporemos uma discussão que enuncie os principais desafios da psicanálise com crianças nos tempos modernos e aponte algumas linhas de teorização que começam a ser esboçadas na tentativa de responder a estes desafios e tornar a psicanálise com crianças mais respondente às demandas do mundo contemporâneo.

### **2.1 Contribuições de Freud: das lembranças encobertas nos adultos às aplicações no trabalho com crianças**

A importância da infância na Psicanálise começa com a descoberta de Freud sobre o infantil no inconsciente de seus pacientes adultos, fato este que o conduziu à escrita do texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade infantil” (1905/1987b).

Em linhas gerais, este trabalho trazia uma visão inovadora sobre a sexualidade infantil que ultrapassa o limite do biológico: ao defini-la como parcial, autoerótica e sem objeto definido, Freud rompe com a visão tradicional de sexualidade associada ao genital e à procriação, inserindo-a no campo das pulsões, enquanto dimensão potencial de representação de desejos inconscientes.

Partindo destas descobertas, novas hipóteses foram sendo forjadas na teoria psicanalítica, em particular as formulações que davam conta da existência precoce da vida mental que se expressava por intermédio da atividade psíquica inconsciente, atuando desde o nascimento, com a finalidade de obtenção de prazer e eliminação de desprazer. Esta atividade psíquica tem por característica produzir material recalcado de caráter a-histórico que atua durante toda a vida do indivíduo.

Estas formulações, construídas a partir dos primeiros textos freudianos, sinalizam a importância que a infância foi assumindo na teoria psicanalítica, ao considerar que as reminiscências da infância constituem um substrato psíquico atuante no inconsciente, que interferem diretamente nas ações do indivíduo na vida adulta e em sua saúde mental.

Em 1907, subsidiado tanto pelo material advindo da análise de pacientes adultos quanto pelas observações realizadas pelo pai de Hans, expostas adiante, Freud apresenta um trabalho intitulado *O Esclarecimento Sexual das Crianças*. Neste texto, introduz de forma explícita recomendações quanto à educação de crianças; de forma implícita a estas recomendações, figura a suposição de que o influxo de uma educação coercitiva teria uma ação nociva sobre a personalidade, contribuindo para o surgimento de manifestações neuróticas na vida adulta.

Não me parece haver uma única razão de peso para negar às crianças o esclarecimento que sua sede de saber exige. Certamente se a intenção dos educadores é sufocar a capacidade da criança de pensamento independente, em favor de uma pretensa 'bondade' que tanto valorizam, não poderiam escolher melhor caminho do que ludibriá-la em questões sexuais e intimidá-la pela religião. ... Se as dúvidas que as crianças levam aos mais velhos não são satisfeitas, elas continuam a atormentá-las em segredo, levando-as a procurar soluções nas quais a verdade adivinhada mescla-se de forma mais extravagante a grotescas falsidades, e a trocar entre si informações furtivas em que o sexo é apresentado como uma coisa horrível e nauseante, em consequência do sentimento de culpa dos jovens curiosos. (FREUD, 1907/1987, p.142)

Apesar destas breves incursões pela educação infantil, Freud manteve-se bastante ambivalente quanto à possibilidade de conduzir a análise de uma criança. Somente no livro *Análise de Uma Fobia em Um Menino de Cinco Anos*, publicado em 1909, expressa uma conotação mais favorável sobre o tema.

O caso do pequeno Hans, como ficou conhecido, aborda o relato de uma análise conduzida pelo próprio pai do menino que realizou seu trabalho sob a supervisão de Freud. Com base nesta experiência, Freud (1909/1987, p.15) concluiu que:

O caso clínico, estritamente falando, não provém de minha própria observação. É verdade que assentei as linhas gerais do tratamento e que numa única ocasião, na qual tive uma conversa com o menino, participei diretamente dele; no entanto, o próprio tratamento foi efetuado pelo pai da criança, sendo a ele que devo meus agradecimentos mais sinceros por me permitir publicar suas observações acerca do caso. Todavia, sua ajuda ultrapassa esta contribuição. Ninguém mais poderia, em minha opinião, ter persuadido a criança a fazer quaisquer declarações como as dela; o conhecimento especial pelo qual ele foi capaz de interpretar as observações feitas por seu filho de cinco anos era indispensável; sem ele as dificuldades técnicas no caminho da aplicação da psicanálise numa criança tão jovem como essa teriam sido incontornáveis. Só porque a autoridade de um pai e a de um médico se unia numa só pessoa, e porque nela se combinava o carinho afetivo com o interesse científico, é que se pôde, neste único exemplo, aplicar o método em uma utilização para a qual ele próprio não se teria prestado, fossem as coisas diferentes.

Embora Freud tenha lançado as bases da Psicanálise de crianças ao apresentar o caso Hans, segundo a psicanalista argentina Aberastury (1982), ele não apresentou os fundamentos técnicos para o tratamento deste tipo de paciente, valendo-se apenas de uma adaptação técnica empregada com adultos. Além disso, ao recomendar que a análise fosse realizada pelo próprio pai, inviabilizou a utilização da transferência como elemento central da análise. Porém, fixou as bases para a compreensão da linguagem pré-verbal e para a utilização da interpretação na análise de crianças, mas não para uso da transferência como instrumento técnico. Uma grande contribuição deste caso foi mostrar a repercussão que tiveram as situações traumáticas no desenvolvimento do menino, o qual apresentava uma fobia de cavalos que remetia ao seu Complexo de Édipo e à ansiedade de castração, como se expressaram durante o tratamento e como evoluíram até chegar à cura. Além disso, a autora acrescenta que este trabalho teve o mérito de demonstrar que a aplicação da técnica psicanalítica a uma criança tão pequena não causava prejuízo algum ao seu desenvolvimento, como se presumia até então.

O tema sobre psicanálise de crianças ainda continuou a ser visto por Freud com certa cautela. Somente será retomado na obra freudiana em 1933, quando da publicação da Conferência XXXIV, intitulada *Explicações, Aplicações e Orientações*, época em que fundamentos e técnicas da análise de crianças já haviam sido desenvolvidos por Melanie Klein e Anna Freud. Ao pensar as possibilidades de aproximação entre psicanálise e educação, renuncia a pretensão de que a educação guiada por princípios psicanalíticos sirva como uma forma de profilaxia das neuroses e reconhece que “A análise de professores e educadores parece ser uma medida profilática mais eficiente do que a análise das próprias crianças, e são menores as dificuldades para pô-la em prática”. (FREUD, 1933/1987, p.183)

Em outra direção, reconhece a aplicabilidade do método psicanalítico no tratamento da criança, bem como a necessidade de inevitáveis adaptações técnicas. Segundo Freud:

Verificou-se que a criança é muito propícia para tratamento analítico; os resultados são seguros e duradouros. A técnica de tratamento usada em adultos deve, naturalmente, ser muito modificada para sua aplicação em crianças. Uma criança é um objeto psicologicamente diferente de um adulto. De vez que não possui superego, o método da associação livre não tem muita razão de ser, a transferência (porquanto os pais reais ainda estão em evidência) desempenha um papel diferente. (FREUD, 1933/1987, p. 181)

Em que pese o reconhecimento de que a análise de crianças era uma área de interesse viável na psicanálise, desde que sofresse as devidas adaptações técnicas, Freud também reconhece, no mesmo texto, a limitação de sua experiência clínica em relação ao tema, valendo-se dela, portanto, para sustentar as conclusões expostas na citação anterior, a respeito das práticas que vinham sendo realizadas com crianças até então. Particularmente, o trabalho de sua filha Anna Freud parece tê-lo influenciado na forma como concebeu os limites e alcances da psicanálise com crianças em sua obra.

## 2.2 As contribuições de Ferenczi

A este caso veio somar, em 1913, o artigo “Um Pequeno Homem Galo”, de Sándor Ferenczi (1913/1992), no qual ele analisa Arpard, uma criança de cinco anos, que apresentava fobia de galos. Barros (1996), a esse respeito, encontra alguns pontos de convergência e divergência com Freud:

- **Convergências:** uma evidente aproximação entre os dois casos, no que concerne à natureza dos sintomas. Ambos apresentavam fobia de animais. No primeiro caso, de cavalos, e no segundo, de galos, em decorrência de uma ansiedade de castração deflagrada pela ameaça dos pais.
- **Divergências:** a docilidade e cooperação de Hans, que se esforçava em produzir associações que seriam relatadas a Freud, são substituídas em Arpard por um comportamento agressivo e hostil. Em Arpard, as fantasias comunicavam a existência de um mundo mental povoado por objetos bem menos amistosos do que se imaginava até então.

O valor atribuído aos elementos aqui destacados no texto publicado por Ferenczi, em 1913, não reside, tão somente, no fato de sinalizar elementos que se tornarão, em anos

subsequentes, características marcantes e originais de sua obra, mas sim no entendimento de que encontramos nestes elementos aspectos precursores do pensamento de Melanie Klein. O reconhecimento da agressividade no material lúdico da criança, a importância atribuída às fantasias inconscientes arcaicas e o destaque conferido às comunicações não verbais do paciente são questões desenvolvidas por Melanie Klein – a partir do seu trabalho com crianças pequenas – que encontram sua origem embrionária nas ideias de Sándor Ferenczi, seu primeiro analista e mentor intelectual.

### **2.3 Outros passos na direção da psicanálise com crianças**

Neste mesmo período, outros passos são dados na direção da aplicação da psicanálise a crianças pela vienense Hermine Von Hug-Hellmuth (1871-1924), estimulada por Freud. O pai da psicanálise lhe confiou a seção dedicada à psicanálise de crianças na *Revista Imago*. A partir de 1915, esta psicanalista começou a aplicar o método de Freud na análise de crianças, ocasião em que, provavelmente, tomou em tratamento seu sobrinho Rodolph, nascido em 1906, deixado a seus cuidados quando contava 13 anos, após a morte da mãe e a passagem por vários lares substitutivos. Sendo assim, tornou-se, antes de Freud, a primeira clínica no campo. (ROUDINESCO; PLON, 1998)

De forma inusitada, o menino veio a assassiná-la em 1924, ocasião em que se encontrava com 18 anos.

Trata-se de um episódio pouco esclarecido, que foi relegado ao esquecimento no universo psicanalítico de então. No entanto, suas marcas reverberaram em iniciativas mais hesitantes e cautelosas nos primórdios da análise de crianças.

O desaparecimento de Hermine Von Hug-Hellmuth é contemporâneo ao início de Melanie Klein e de Anna Freud, que não poderiam ignorar que a primeira no terreno que ambas iriam disputar entre si tinha morrido assassinada por seu jovem sobrinho, em cuja criação tinham sido usados critérios inspirados na psicanálise. (FENDRICK, 1991, p.19)

O trabalho mais relevante da psicanalista é publicado em 1921, sob o título “On the Technique of Child Analysis”. Neste artigo, Hellmuth descreve sua técnica, que consistia no desenvolvimento de atividades de jogos e desenhos. Para Petot (1979/2005, p.92), este trabalho “[...] é um verdadeiro catálogo das razões pelas quais é impossível se psicanalisar uma criança e que justifica o emprego de um método educativo e curativo de inspiração psicanalítica”.

## 2.4 Melanie Klein e Anna Freud: a consolidação de uma prática

As psicanalistas Melanie Klein e Anna Freud, de forma independente, estabeleceram parâmetros técnicos para o trabalho psicanalítico com crianças na década de 1920.

Fiel aos ensinamentos de seu pai e influenciada pelos trabalhos de Hug-Hellmuth, Anna Freud começa seu trabalho com crianças.

Em 1927, Anna Freud publica o livro *O Tratamento Psicanalítico de Crianças*, fruto do trabalho que vinha desenvolvendo desde o início da década de 1920. Neste trabalho, a autora expõe seu posicionamento diante da psicanálise com crianças, apontando as características básicas que definem a técnica por ela empregada.

De acordo com Anna Freud, a análise de uma criança não deveria começar antes dos quatro anos de idade nem ser conduzida diretamente, mas sim por intermédio de um trabalho pedagógico inicial, que ligasse de maneira consciente a criança ao analista e ao trabalho analítico.

A análise de crianças exige, para a consecução de uma tarefa como essa, um período preparatório que não se verifica na análise de pacientes adultos. Devo dar ênfase ao fato de que tudo o que passamos a realizar nesse período nada tem a ver com o verdadeiro trabalho analítico, a saber, não se trata ainda de tornar conscientes os processos inconscientes ou de exercer influência analítica sobre o paciente. Trata-se simplesmente de converter uma situação inadequada numa outra situação apropriada, através de todos os meios que se encontrem à disposição de um adulto no trato com uma criança. (A. FREUD, 1926/1971, p.23)

Fundamentava sua técnica principalmente nos desenhos e sonhos que a criança trazia e argumentava que a função inicial pedagógica do analista conduziria a criança a cooperar com o analista, trazendo material em forma de sonhos e associações posteriores.

A interpretação dos devaneios assim como a interpretação dos sonhos noturnos comuns desempenham um papel importante na análise da criança. Várias das crianças com quem exercitei a minha experiência eram grandes sonhadoras diurnas e a minuciosa referência de suas fantasias veio ser de suprema ajuda para mim na análise. Geralmente é bastante fácil fazer com que as crianças relatem os seus devaneios, uma vez que se tenha conquistado a sua confiança em outros assuntos. (A. FREUD, 1926/1971, p.42-23)

Considerava a dimensão social e profilática de seu trabalho seu principal referencial, colocando a orientação da família e da escola como uma das funções da psicanálise de

crianças, e não somente a realidade psíquica e pulsional da criança, como Klein salientava em seu trabalho.

Posteriormente, Anna Freud consolidava teoricamente tais dimensões de seu trabalho com crianças em seu livro, de 1936, intitulado *Ego e os mecanismos de defesa*.

Espanta-se quem verifica que o volume de trabalhos estritamente psicanalíticos e informações em relação à analista Anna Freud é bem inferior, se comparado ao volume dos trabalhos e informações similares a Klein. Tal constatação justifica-se ao verificarmos os dados históricos que relatam alguns acontecimentos após a filha de Freud ter emigrado para Londres. (ROUDINESCO; PLON, M, 1998)

À época, os kleinianos sentiram esse desembarque da “legitimidade freudiana” como uma verdadeira intrusão. Nessa época, Anna acabava de publicar *O ego e os mecanismos de defesa* (1936), que se chocava com as pesquisas da escola inglesa. O livro era um movimento longe das bases tradicionais de pensamento psicanalítico. O conflito era inevitável e ocorreria depois da morte de Freud, com a explosão, em 1941, das Grandes Controvérsias. Em conjunto com os vienenses exilados, auxiliou na criação e desenvolvimento da chamada Psicologia do Ego<sup>1</sup>, em uma tentativa de defender e honrar o nome de Freud em oposição aos kleinianos que dominaram parte da psicanálise europeia e a sua difusão no mundo.

Esgotada pelas controvérsias e decepcionada com a evolução do movimento analítico que ela via cada vez mais afastado do freudismo original, Anna Freud conservou, todavia, muitos amigos de outrora, que a admiravam por seu devotamento, sua generosidade e seu senso de fidelidade, e com os quais podia evocar saudosamente o antigo esplendor vienense. Entre eles, destacam-se Ernst Kris, Marianne Kris, Heinz Hartmann, René Spitz, Richard Sterba. Isolada em Londres, mas instalada na magnífica mansão de Maresfield Gardens, que se tornaria o Freud Museum, prosseguiu com suas atividades em favor da infância, criando as Hampstead Nurseries, sempre com a ajuda de Dorothy Burlingham. Em 1952, fundou a Hampstead Child Therapy Clinic, centro de terapia e pesquisas psicanalíticas, onde aplicou suas teorias em estreita colaboração com os pais das crianças atendidas.

Guardiã da herança freudiana, tratou não só da publicação das obras do pai e de seus arquivos, como também dos membros da família, principalmente os sobrinhos. Durante os anos 1970, continuou a desempenhar o papel de mãe para os filhos de sua amiga Dorothy. Dois deles tiveram um fim dramático: Bob morreu de uma crise de asma, depois de atravessar

---

<sup>1</sup> Trata-se de uma das grandes correntes da história do freudismo norte-americano. Desenvolveu-se a partir de 1939, no interior da IPA. Encontra-se mais próxima da doutrina clássica de Freud, embora proceda a uma revisão completa da segunda tópica. Preconiza que o eu se autonomiza ao controlar suas pulsões primitivas, o que lhe permite conquistar sua independência diante da realidade externa.

vários episódios de depressão, e Mabbie acabou suicidando-se, ingerindo uma alta dose de medicamentos. (CHEMAMA, 1995)

Dos anos cinquenta até o fim da sua vida, Anna Freud viajou regularmente para os Estados Unidos para dissertar, ensinar e visitar os amigos. Durante os anos setenta, ela se preocupou com os problemas de trabalhar com crianças emocionalmente privadas e socialmente desvantajosas, e estudou divergências e demoras em desenvolvimento.

Já a entrada de Melanie Klein na Psicanálise se fez por meio da chamada educação psicanalítica realizada em seu próprio filho, e transformado em trabalho publicado em 1921, sob o título de *O desenvolvimento de uma criança*, que marca a entrada da analista na Sociedade de Psicanálise de Budapeste.

Procurando libertar o menino do que entendia ser um quadro de inibição intelectual, Melanie Klein sustentava sua “educação psicanalítica” na tentativa de oferecer ao filho uma educação não coercitiva, que proporcionasse todo o esclarecimento sexual necessário. A intervenção proposta consistia em oferecer à criança respostas francas a todas as perguntas por ela formuladas, fossem relativas a temas ligados à sexualidade ou de qualquer outra natureza, “... com absoluta sinceridade, e, quando necessário, uma base científica adequada a sua capacidade de compreensão – mas sempre da maneira mais breve possível” (KLEIN, 1921/1996, p.24). Neste momento, nossa autora sustentava o raciocínio de que quanto menor a repressão proveniente da educação, maior a probabilidade de a libido seguir o caminho da sublimação de forma livre, proporcionando assim um melhor desenvolvimento intelectual.

Ao analisarmos o contexto em que se inserem as primeiras iniciativas de Melanie Klein na psicanálise, por intermédio da referida prática de “educação psicanalítica”, constatamos que o trabalho por ela desenvolvido encontrava-se em consonância com o pensamento vigente na psicanálise na década de 1920. Nessa ocasião, as propostas que visavam influenciar a educação infantil, por intermédio da teoria psicanalítica, com a intenção de promover a profilaxia das neuroses, começavam a ganhar repercussão.

Apesar de algum progresso no desenvolvimento intelectual de Erich, Melanie Klein constata a insuficiência de seu método pedagógico, que não foi capaz de prevenir o aparecimento de alguns sintomas neuróticos no menino. Desta forma, conclui que a repressão não era proveniente apenas de fatores externos.

Não existe nenhum tipo de educação que não traga dificuldades, não há dúvidas de que aquelas que agem de fora para dentro são um fardo bem menor para a criança, do que aquelas que agem inconscientemente de dentro. (KLEIN, 1921/1996, p.73)

Após esta experiência inicial, Melanie Klein é levada a abandonar suas iniciativas no campo da educação. Perante a constatação da insuficiência de sua proposta de educação psicanalítica, Melanie Klein dá início ao que podemos chamar de uma segunda fase em seu trabalho.

No entanto, encontraria pela frente uma série de problemas a serem superados na psicanálise de crianças. De acordo com os pressupostos freudianos e as constatações evidenciadas pelo trabalho de Ana Freud, presumia-se que a criança não possuía noção de doença como o adulto, com presença de sintomas psíquicos. Essa falta de noção não despertaria motivação para o trabalho analítico.

Contudo, Klein observou que a criança sofre constantemente de angústia. A angústia seria um fator suficientemente forte para levar uma criança a enfrentar uma análise e se tornar cooperativa. Outra objeção era a de que não se podia pedir para uma criança se deitar no divã e associar livremente.

Para superar essa dificuldade, Klein desdobra sua primeira adaptação técnica. Observa que o primeiro modo de expressão da criança é o brincar, uma atividade natural, que manifesta aspectos inconscientes e revela algo da situação infantil, se interpretado de maneira adequada.

No caso Rita, ao que sabemos, seu primeiro caso, a analista atendia no próprio domicílio da família da criança, usando os próprios brinquedos da criança. Posteriormente, passou a atender em seu consultório, em sala especial, com material privativo para cada criança (1955). Klein intuiu que o brincar poderia ser uma expressão final de processos mais profundos, inconscientes, cujo dinamismo seria semelhante ao dos sonhos. Assim, processos psíquicos que Freud já desvendara ao interpretar os sonhos (1900), como deslocamento, condensação, representação verbal pela visual e, principalmente, a simbolização, foram utilizados por Klein para desvendar o sentido oculto do brincar.

Em seu texto *Princípios Psicológicos da Análise de Crianças* (1926), Klein aproximava a situação analítica do adulto e da criança, dizendo que:

Assim, como os meios de expressão da criança diferem dos do adulto, assim também a situação analítica, na análise de crianças, aparece inteiramente diferente. Mas é, todavia, em ambos os casos, essencialmente a mesma. Interpretações consistentes, solução gradual das resistências, e persistente ligação da transferência às situações primitivas – estas constituem nas crianças como nos adultos a correta situação analítica. (1926/1996, p.161)

O caso Rita (KLEIN, 1923/1996) apresenta, segundo Petot (1979/2005), a invenção da técnica do brincar. Quando foi pedido a Melanie Klein que atendesse a pequena, que ainda iria completar três anos de idade, a criança já sofria de perturbações neuróticas graves há um ano. Embora parecesse forte e inteligente, apresentava uma inibição do brincar. Era muito difícil de ser educada e seus pais estavam sempre desnorteados por sua oscilação entre uma prudência excessiva e uma maldade desenfreada.

Levando em conta a idade da pequena e sua dificuldade em separar-se da mãe, Klein empreendeu a análise da criança na casa dos pais, no quarto da criança, sob uma inquieta vigilância da família. No relato do caso, a autora deixa transparecer sua extrema ansiedade em lidar com tal situação inusitada:

Eu estava verdadeiramente em dúvida: como abordar este caso? A análise de uma criança tão pequena era uma experiência inteiramente nova. A primeira sessão pareceu confirmar minhas apreensões. Rita, ao ficar sozinha comigo em seu quarto, mostrou imediatamente sinais do que considereei uma transferência negativa; estava ansiosa e calada e logo depois pediu para sair para o jardim. Concordei e fui com ela – devo acrescentar sob os olhares vigilantes da mãe e da tia, que tomaram o fato como sinal de insucesso. Ficaram muito surpresas ao constatar que Rita se mostrava bastante amistosa comigo quando regressamos ao seu quarto, uns dez ou quinze minutos depois. A explicação dessa modificação estava em que, enquanto ficamos fora, eu interpretava sua transferência negativa (sendo isso também contra a prática habitual) das poucas palavras que ela dissera, parecera menos atemorizada do que quando estivemos fora: daí concluíra que ela estava particularmente receosa de alguma coisa que eu poderia fazer-lhe quando estivesse sozinha comigo no quarto. Interpretei-lhe isto e, aproximando o fato com seus terrores noturnos, avizinhei sua suspeita em relação a mim, sentida como uma estranha hostil, com seu temor de que uma mulher má a atacasse quando estivesse sozinha à noite. Quando, alguns minutos depois desta interpretação, sugeri que voltássemos ao quarto, ela aceitou de bom grado. (KLEIN, 1955/1991, p.152)

Seguindo o estudo de Petot sobre a obra de Klein e a citação anterior, percebemos, de modo geral, as contribuições que a pequena paciente trouxe à autora em sua descoberta da técnica do brincar. De acordo com Petot (1979/2005, p.88), “A técnica do brincar sugerida por Rita só foi verdadeiramente inventada por Melanie Klein, quer dizer, utilizada deliberadamente por iniciativa da analista, após o final da análise de Rita ou, pelo menos, em uma época em que seu tratamento estava próximo ao fim”.

Em 1932, por ocasião da publicação do livro *A Psicanálise de Crianças*, Melanie Klein irá apresentar uma visão sistematizada de suas primeiras formulações teóricas e técnicas relativas à análise de crianças, baseada no trabalho que empreendeu no período de 1923 a

1926, ao conduzir a análise de várias crianças em tenra idade por intermédio da técnica do brincar. Particularmente, as análises de Rita, Ruth, Trude, Erna, Inge, Peter e Egon ganharam destaque, nesta publicação, como exemplos da viabilidade de sua técnica de análise com crianças.

Subsidiada nesta experiência, Melanie Klein pode entrar em contato com o universo mental da criança e fundamentar seu trabalho em torno do conceito de fantasia inconsciente, que tem como forma privilegiada de expressão o simbolismo do brincar. Em linhas gerais, esta autora reconhece a importância do brincar como expressão simbólica do conteúdo inconsciente da criança, equivalente à associação livre do adulto; admite a existência da transferência na análise de crianças, desde o seu início, e abandona toda e qualquer pretensão pedagógica relacionada à análise infantil. Esses postulados manter-se-ão constantes durante toda a sua obra.

Diante de tantas alterações na técnica infantil, muitas foram as controvérsias em relação aos trabalhos de Anna Freud e M. Klein, cujos ápices estão localizados nos anos de 1926-1927 e 1943-1944. Não nos cabe, neste momento, discorrer mais detidamente sobre as diferenças teóricas e técnicas existentes entre as duas fundadoras da psicanálise com crianças; no entanto, é oportuno destacar que as divergências existentes entre as propostas técnicas sustentadas por estas psicanalistas encontram sua origem em uma concepção diversa de desenvolvimento infantil.

Vale, contudo, destacar o embate teórico de 1926-1927, pois neste vemos a posição dos principais analistas de crianças da época destacando as diferenças entre Klein e Anna Freud, marcando, de forma bem nítida, as posições, os fundamentos e as técnicas dos quais as duas analistas e seus seguidores não se afastaram jamais.

Acompanhando o texto de Klein intitulado *Simpósio sobre Análise de Crianças (1927)*, podemos vislumbrar os principais pontos desse embate.

Simon (1986) aponta algumas das principais críticas discutidas por Klein neste artigo. Nele, Klein concentra suas argumentações como resposta ao/e sobre o livro de Anna Freud que aborda o tratamento psicanalítico de crianças. Klein direciona suas críticas à Anna pautada no fato de a mesma não aprofundar sua análise e não analisar a situação edipiana inconsciente, com medo de liberar impulsos que a criança não conseguiria controlar, devido à fragilidade de seu superego. Por essa razão, assumia uma postura educativa e só tratava crianças na idade de latência, fase na qual o superego já estaria mais estruturado.

Klein também a criticava por não acreditar no estabelecimento da situação analítica, evitando a transferência negativa, utilizando-se somente da transferência positiva para ligar a

criança a si. Vale recordar que Anna Freud embasava seu trabalho considerando que não há possibilidade de trabalho analítico completo, porque a criança tem poucos recursos verbais para a associação livre.

Anna Freud também rejeitava a técnica do brincar, preferindo desenhos e associações sobre os sonhos da criança, não acreditando que o motivo principal para a criança brincar seja simbólico e que o brincar corresponda à associação verbal do adulto. Postulava, ainda, que a criança não criava neurose de transferência, presumindo que o superego da criança se formava lentamente e que a influência pedagógica exercida pelo analista pode modificar o superego da criança. Nesse contexto, acreditava que o analista deveria, portanto, tomar a dupla função de analisar e educar, preconizando que ele deveria assumir a direção da personalidade da criança.

Com o passar do tempo, Anna Freud acabou dando razão, em vários aspectos, à sua oponente, descartando a função educativa do analista. Assim, passou a atender crianças abaixo do período de latência, até com dois anos de idade. E também aceitou a técnica lúdica como necessária e ampliou os tipos de distúrbios aceitos para tratamento.

Não nos compete, nesse momento, prolongar a discussão sobre as divergências entre Melanie Klein e Anna Freud. Cabe-nos, apenas, destacar que foi com base nessas duas escolas psicanalíticas que muitos progressos foram alcançados na psicanálise infantil.

## **2.5 O desenvolvimento da Psicanálise com Crianças e seus desdobramentos**

A partir destas duas matrizes teóricas, a psicanálise com crianças teve amplo desenvolvimento durante a primeira metade do século XX, influenciando o trabalho de diversos psicanalistas em várias partes do mundo. Esther Bick, em seu artigo datado de 1962, intitulado “Análise de Crianças Hoje”, atesta este progresso citando alguns fatos concretos:

[...] um exemplo disso é o fato de se ter ampliado o espectro de crianças que se considera apropriadas para o tratamento analítico: a técnica psicanalítica agora é de uso geral, embora muitas vezes de forma modificada; a importância das interpretações tem sido amplamente aceita e há um maior reconhecimento da abordagem psicanalítica na formação de psicoterapeutas e psiquiatras de crianças. (BICK, 1962, p.186).

Ainda na Inglaterra, poucos anos após os trabalhos pioneiros de Melanie Klein e Anna Freud, encontramos as contribuições de Donald Winnicott (1896-1971) que, a partir de 1935, iniciou seu trabalho como psicanalista na Sociedade Britânica de Psicanálise. Como pediatra no Paddington Children Hospital, Donald Winnicott pode reconhecer a importância dos fatores emocionais na origem de muitas doenças manifestadas pelas crianças que atendia, bem

como compreender que as relações iniciais entre a mãe e o bebê exerciam significativa influência sobre o desenvolvimento psíquico da criança, experiência esta que veio influenciar diretamente seu trabalho como psicanalista e a formulação de suas hipóteses teóricas.

Embora o trabalho de Donald Winnicott tenha recebido forte influência do pensamento psicanalítico de Melanie Klein, com quem travou grande contato pessoal e de quem recebeu direta influência, sua obra trilhou um caminho independente.

Winnicott teve, ao longo de aproximadamente quarenta anos, uma produção expressiva com o desenvolvimento de vários conceitos teóricos e ampliações técnicas, que contribuíram diretamente para a expansão do campo de atuação da psicanálise com crianças. Dentre os conceitos que ampliou ou desenvolveu, destacamos aqueles referentes à sua Teoria do Amadurecimento Pessoal: *holding*, *handling*, *apresentação de objetos*, *fenômenos transicionais* e *a mãe suficientemente boa*. A partir da formulação destes conceitos, Winnicott começa a diferenciar com maior clareza o seu pensamento psicanalítico das ideias vigentes no sistema kleiniano. Difere da relação de objeto proposta por Melanie Klein, que se sustenta na dualidade objeto interno e objeto externo, ao propor o conceito de objeto transicional, que se encontra na fronteira entre o interno e o externo, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto.

Estas mudanças tiveram repercussão sobre a técnica da análise de crianças, na medida em que Winnicott propõe a transposição da ideia de “mãe suficientemente boa” para o *setting* analítico, de tal forma que a análise possa se constituir em uma verdadeira experiência de *holding* para a criança, o que é particularmente relevante para pacientes que viveram experiências de graves falhas ambientais.

No artigo de 1955, intitulado *Varietades Clínicas da Transferência*, Winnicott demonstra que, no atendimento de pacientes com distúrbios graves, em que se evidenciam falhas no desenvolvimento emocional primitivo, a análise deve proporcionar uma experiência concreta para que este paciente possa regredir e encontrar elementos integradores. Desta forma, o manejo da transferência varia de acordo com as necessidades de *holding* manifestadas pelo paciente. Esta característica confere a Winnicott a possibilidade de promover variações no *setting* analítico ou mesmo de criar estratégias.

Para além das fronteiras da Inglaterra, as primeiras indicações relativas à psicanálise com crianças tiveram repercussões na Europa continental, com particular destaque para os trabalhos provenientes da França.

A tarefa de promover a difusão da psicanálise com crianças entre os franceses coube à psicanalista Sophie Morgenstern (1875-1940), psiquiatra de origem polonesa que atuou

durante mais de quinze anos como assistente de Georges Heuyer e veio a integrar a Sociedade Psicanalítica de Paris (ROUDINESCO e PLON, 1997/1998). Influenciada pelos trabalhos de Anna Freud, publicou artigos, em que se dedica a discutir a importância do desenho e do brinquedo na psicanálise com crianças. Embora pioneiro, o trabalho desenvolvido por Sophie Morgenstern não trazia grande originalidade, de forma que seu alcance e repercussão foram bastante limitados, não exercendo grande influência sobre seus contemporâneos a ponto de despertar maior interesse pelo tema na França.

Foi com Françoise Dolto (1908-1988) que um pensamento original no campo da psicanálise com crianças começou a ser desenvolvido na França. O tema da psicanálise infantil despertou o interesse desta autora desde o início de sua vida profissional, de forma que sua tese de doutorado em medicina, intitulada *Psicanálise e Pediatria*, defendida em 1937 e publicada em 1939<sup>2</sup>, sinalizava uma tendência que percorreu toda a sua obra em anos posteriores. No ano de 1936, foi contratada pelo Hospital Bretonneau, por indicação de Sophie Morgenstern, como assistente de psicoterapia e, em 1938, passou a integrar a Sociedade Psicanalítica de Paris. A partir de 1940, Françoise Dolto assumiu a coordenação de um serviço de atendimento infantil no Hospital Trousseau, atividade que manteve até 1978, proporcionando-lhe uma ampla e variada experiência clínica que contribuiu diretamente para o desenvolvimento de um método original no atendimento psicanalítico de crianças.

Obra clássica de Françoise Dolto, *Psicanálise e Pediatria* teve o mérito de divulgar no meio médico e educacional da época uma nova forma de compreensão do desenvolvimento infantil e de sua psicopatologia, fato que é apresentado pela autora no prefácio da publicação de 1971:

[...] este livro permite aos médicos pais e educadores uma compreensão das relações entre Psicanálise e o desenvolvimento infantil e do caráter; e que permite compreender as implicações para a saúde geral dos seres humanos decorrentes da evolução da sexualidade. (DOLTO, 1971/1988, p.7)

Em obras posteriores, mais especificamente nos livros *Seminário de psicanálise de crianças* (1982/1985) e *A imagem inconsciente do corpo* (1984/1992), Dolto depura e sistematiza sua técnica, apresentando as principais características por ela empregada. Embora reconheça a existência da técnica do brincar, enfatizou a utilização do desenho e da linguagem de uma forma bastante original que, em anos subsequentes, vieram a conferir um estilo característico e pessoal a sua abordagem técnica com crianças.

---

<sup>2</sup> Uma nova versão desta tese foi reeditada por Françoise Dolto em 1971. (LEDOUX, 1990/1991)

Em sua abordagem, prima pela associação verbal da criança como elemento motriz da análise. Ainda que os pequenos pacientes não sejam capazes de produzir associações livres como os adultos, possuem recursos suficientes para trazerem associações relativas aos seus desenhos ou sobre as demais produções realizadas durante as sessões. No caso das crianças menores, que ainda não ultrapassaram o período do Complexo de Édipo, ou que apresentam patologias mais graves, condições que limitam a capacidade associativa, Françoise Dolto recomenda maior presença dos pais durante o tratamento da criança.

Na América Latina, o pioneirismo no exercício da psicanálise com crianças e a influência mais abrangente na transmissão dos fundamentos teóricos e técnicos desta especialidade recaem sobre a psicanalista argentina Arminda Aberastury (1910-1971).

A obra de maior profusão de Arminda Aberastury, *Psicanálise de Crianças: teoria e técnica*, publicada originalmente em 1962, apresenta os fundamentos técnicos que subsidiam a análise infantil segundo sua concepção. Nesse trabalho, é possível identificar a influência das ideias kleinianas, em concomitância com a emergência de um pensamento original forjado a partir de uma intensa experiência clínica.

Ao menos duas características singulares de sua técnica merecem ser destacadas: o contato com os pais da criança em análise e a importância da primeira hora de jogo. (ABRÃO, 2012)

Em uma época em que o contato com os pais no curso da análise da criança era uma prática suprimida, Arminda Aberastury adota uma postura mais ponderada que procura reconhecer as dificuldades e necessidades dos pais. Se por um lado reconhece as dificuldades decorrentes do contato regular com os pais no curso da análise, afirma que:

Cheguei à convicção de que não convém dar conselhos aos pais – sempre que a criança esteja em análise –, ainda quando se trata de situações sumamente equivocadas, como compartilhar o luto, castigos corporais, sedução, etc.... (ABERASTURY, 1962/1989, p.139)

Em outra direção, admite a importância que os genitores exercem no processo analítico do filho, ao considerar que:

Nos livros de técnica de análise infantil até hoje publicados, há sempre referências às dificuldades que acrescentam os pais à já complicada tarefa de analisar uma criança. Na verdade, devemos contar com a participação deles desde o início do tratamento, porque uma criança não é um ser social e emocionalmente independente. (ABERASTURY, 1962/1989, p.138)

Diante das considerações enunciadas, a autora propõe, como alternativa para lidar com as dificuldades apresentadas pelos pais, no curso da análise de seu filho, uma técnica inovadora para a época que consistia em grupos de orientações de mães. Esta modalidade de trabalho grupal era capaz de integrar orientações objetivas com interpretações de demandas inconscientes das mães que interferiam em seu contato com o filho, contribuindo desta forma para aliviar a angústia das genitoras e, em certa medida, viabilizar o trabalho com a criança, que permanecia em atendimento com outro profissional. (FENDRICK, 2006)

Além destas questões diretamente vinculadas à análise infantil, Arminda Aberastury abordou em sua obra temas como a evolução da atividade lúdica da criança (1968/1992), a paternidade (1978/1984) e a adolescência (1970/1981).

Ainda na segunda metade do século XX, como atesta Spillus (1988/1990), na introdução da terceira parte do livro *Melanie Klein Hoje*, a psicanálise com crianças viveu um período promissor até o início da década de 1950, passando por um período de estagnação, e a análise de psicóticos passou a primeiro plano na pesquisa psicanalítica durante os anos seguintes.

Vários trabalhos deste período até os dias de hoje merecem destaque, seja na psicanálise com crianças seja em áreas correlatas nela inspiradas. Entre os trabalhos de inspiração kleiniana, encontra-se o de Esther Bick que, em 1964, desenvolve a técnica de observação psicanalítica da relação mãe-bebê, a qual consiste em uma observação semanal da dupla mãe-bebê, realizada em casa, durante o primeiro ano de vida. Há, também, os estudos de Francis Tustin (1972/1975, 1981/1984, 1990/1992) e Anne Alvarez (1992/1996), que têm se dedicado ao tratamento de crianças autistas, psicóticas *borderlines*, demonstrando a viabilidade de intervenções psicanalíticas no tratamento desses estados mentais.

Em linhas abreviadas, procuramos apresentar os trabalhos que marcaram os principais fundamentos da análise infantil mundial e que, em nosso entendimento, tiveram reflexo sobre o pensamento psicanalítico brasileiro.

### **3 A IMPLANTAÇÃO DA PSICANÁLISE NO BRASIL E SUAS PRINCIPAIS INFLUÊNCIAS NO DESENVOLVIMENTO DA PSICANÁLISE COM CRIANÇAS**

Este capítulo busca esboçar uma descrição dos mais significativos acontecimentos que marcam o desenvolvimento histórico da psicanálise no Brasil e as principais influências na psicanálise com crianças em nosso meio. Realizaremos tal tarefa percorrendo alguns estados e delimitando alguns períodos históricos, que foram balizados por rupturas, transformações e mudanças de perspectivas na forma de inserção e atuação da psicanálise com crianças em nosso meio.

As ideias de Freud encontraram interesse precoce no Brasil. Foi Juliano Moreira, no final do século XIX, o primeiro teórico nacional a citar o pai da psicanálise. Mas somente a partir da década de 1920 é que o interesse pela psicanálise contamina os teóricos nacionais, especialmente médicos psiquiatras, que viam na nova ciência um embasamento teórico-técnico capaz de influenciar as práticas terapêuticas no Brasil (PERESTRELLO, 1986/1992).

Essa parte da história foi marcada por iniciativas pioneiras na divulgação da psicanálise na educação, na antropologia e na literatura em vários estados do país. Porém, somente com a criação das Sociedades de Psicanálise, primeiro em São Paulo, depois no Rio de Janeiro, que a possibilidade de aplicação terapêutica da psicanálise em toda sua amplitude tornou-se real.

Percebe-se, desta maneira, que a evolução da psicanálise no Brasil teve duas fases, indo desde a divulgação de ideias psicanalíticas nos círculos cultural e científico até a formação de psicanalistas em nosso meio.

Embora contribuições para a divulgação da psicanálise em nosso país tenham vindo de vários estados brasileiros, como São Paulo, Bahia, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Pernambuco, abordaremos os pontos principais das origens da psicanálise no Brasil somente naqueles estados em que a psicanálise de crianças teve maior repercussão e desenvolvimento, o que se coaduna ao nosso objetivo de delinear a produção científica acerca da análise de crianças sob os auspícios das universidades brasileiras. Para tanto, consultaremos os trabalhos de Marialzira Perestrello (1986, 1987, 1991/1992, 1994 e 1995) e Elisabete Mokrejs (1993), que desenvolveram uma pesquisa minuciosa sobre as origens da psicanálise no Brasil. A riqueza de detalhes encontrada nos trabalhos dessas autoras nos fascina e nos leva a 'cair na

tentação' de citar todos os dados neles contidos. Restringir-nos-emos, entretanto, apenas à citação dos acontecimentos mais marcantes sobre a evolução da psicanálise nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, mesmo correndo o risco de negligenciarmos fatos importantes.

### 3.1 O Desenvolvimento da Psicanálise em São Paulo

A difusão das ideias psicanalíticas em São Paulo iniciou-se com Francisco Franco da Rocha (1864-1933), psiquiatra conceituado, professor da Faculdade de Medicina de São Paulo, além de idealizador e diretor do Hospital Juqueri. Durante a década de 1920, publicou vários trabalhos contendo ideias iniciais de Freud. Entre seus escritos de maior repercussão, encontra-se *O pansexualismo na doutrina de Freud* (1920), cuja nova publicação no ano de 1930 teve o título abreviado para *A doutrina de Freud*. O conteúdo sexual vinculado a seu livro fez que as primeiras ideias desse autor fossem fortemente criticadas, levando-o a ser considerado como louco e a passar por sérios constrangimentos.

Em seguida, surge Durval Marcondes (1899-1981), que recebeu forte influência de Franco da Rocha, do qual herdou grande interesse e entusiasmo pela psicanálise. Marcondes era médico e apresentou seu primeiro trabalho de cunho psicanalítico em 1926, o qual recebeu o nome de "O simbolismo estético na literatura: ensaio de uma orientação para a crítica literária baseada nos conhecimentos fornecidos pela psicanálise". Este trabalho lhe rendeu elogios de Freud, que teve acesso ao artigo.

Baluartes da psicanálise brasileira, Marcondes organizou, em 1927, a primeira Sociedade de Psicanálise do Brasil, que tinha como função promover a divulgação da psicanálise na sociedade paulistana. Prematuramente, a embrionária Sociedade teve sua extinção durante os anos seguintes.

A este acontecimento se junta, em 1928, a publicação do primeiro volume da *Revista Brasileira de Psychanalyse*, que reunia textos psicanalíticos produzidos por autores nacionais, cujo principal objetivo consistia na divulgação de seus nomes. Esta publicação, de maneira efêmera, teve sua extinção após a publicação do primeiro volume.

Após tentativas de introduzir a psicanálise como ciência no meio acadêmico e social, Marcondes faz campanha junto à Associação Psicanalítica Internacional (IPA), para o envio de um analista didata ao Brasil. Após infrutíferas tentativas, fica acertado com Ernest Jones, então presidente da IPA, que a Dra. Adelheid Koch (1896-1980), analista didata habilitada pela IPA, formada pela Sociedade Psicanalítica de Berlim, viria para o Brasil, com o intuito

de formar analistas, marcando uma nova fase na psicanálise brasileira. Com a chegada de Adelheid Koch a São Paulo, em 1936, São Paulo passa a ser o foco da psicanálise latino-americana.

Em 1937, forma-se ao redor da Dra. Koch um primeiro grupo de analisandos: Durval Marcondes, Virgínia Bicudo, Flávio Dias, Darcy de Mendonça Uchoa e, pouco depois, Frank Philips e Lygia Amaral.

Este primeiro grupo, em 1943, pleiteia seu reconhecimento junto à IPA. Esse reconhecimento foi alcançado no final do mesmo ano, constituído oficialmente em junho de 1944, com o nome de Grupo Psicanalítico de São Paulo.

No ano de 1949, ocorre um crescimento interno do grupo, devido à adesão de novos membros, o que favorece a aceitação do pedido, feito a Jones, em 1945, a respeito da transformação do Grupo Psicanalítico de São Paulo para Sociedade componente da IPA, que se concretiza somente em 1951, durante o Encontro anual daquela Instituição em Amsterdã.

Conquistas externas também contribuíram para a consolidação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, tanto no âmbito social quanto no científico.

Um exemplo de inserção social da psicanálise – e do grupo em si – foi a criação, em 1938, da Seção de Higiene Mental Escolar, vinculada ao Departamento de Educação do Estado de São Paulo. Iniciativa de Marcondes, essa seção tinha como objetivo prestar assistência a crianças em idade escolar que apresentassem distúrbios de personalidade e de conduta no contexto escolar.

Dentro do campo médico, as conquistas da psicanálise se configuraram de maneira controversa. Apesar de a psicanálise ter se iniciado dentro da Faculdade de Medicina de São Paulo, ela não encontrou mais ressonância nessa Instituição. Este fato se deve à vitória de Antonio Carlos Pacheco e Silva, na disputa pela cadeira de psiquiatria na Faculdade de Medicina de São Paulo. Pacheco defendia a psiquiatria clássica, combatendo veementemente seu concorrente, Durval Marcondes, fiel às ideias psicanalíticas. Ao observarmos relatos desta disputa, percebemos, nas entrelinhas, que não se tratava de uma disputa pela cadeira de psiquiatria, e sim uma disputa viva até hoje entre psiquiatria e psicanálise (MONTAGNA, 1994).

As consequências deste antagonismo fizeram-se sentir em 1954, quando a Faculdade de Medicina de São Paulo organizou o Primeiro Congresso Latino-americano de Saúde Mental, no qual se encontraram vários psicanalistas tanto de São Paulo quanto do Rio de Janeiro. Fizeram-se presentes, também, psicanalistas argentinos como Pichon Rivière e psiquiatras da Instituição promotora do evento.

Os psiquiatras fizeram duras críticas aos profissionais que não possuíam formação médica e exerciam a psicanálise. Esse fato confirmava que o ataque era à Psicanálise e não aos profissionais que a exerciam, dentro de um antagonismo calcado em disputas científicas e de espaço institucional, que perduram até a atualidade. Apesar destas divergências, a psicanálise encontra amplo espaço para desenvolver-se em São Paulo, conforme destaca Montagna (1994, p.39):

Neste congresso observamos uma psiquiatria paulista que, ao se mostrar para o continente, não podia prescindir da psicanálise e da experiência de seus participantes, em São Paulo. Mas notamos, também, uma psiquiatria “ciumenta” dos voos próprios do movimento psicanalítico.

Hoje, São Paulo continua sendo o celeiro de expressiva produção psicanalítica brasileira, o que instiga a investigação de novos desdobramentos que, entretanto, não fazem parte desta pesquisa.

### **3.2 O desenvolvimento da Psicanálise no Rio de Janeiro**

As primeiras manifestações da psicanálise no Estado do Rio de Janeiro contaram com a contribuição de Porto Carreiro (1887-1937), médico, professor catedrático de Medicina Legal da Universidade do Brasil – atual Universidade do Rio de Janeiro –, membro honorário da Academia Nacional de Medicina e um apaixonado pela psicanálise. Seu principal êxito repousa sobre a divulgação das ideias freudianas e pela iniciativa bastante precoce da aplicação do método psicanalítico.

Entre seus principais trabalhos de cunho psicanalítico publicados destacam-se *Ensaio de Psychanalyse* (1929) e *Psychanalyse de uma Civilização* (1933).

Outro nome importante no desenvolvimento da psicanálise no Rio de Janeiro foi o de Arthur Ramos de Araújo Pereira (1903-1949), médico, professor de Antropologia e Etnologia na Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro, professor de Psicologia Social da Universidade do Distrito Federal e chefe do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO. Também chefiou a Seção de Ortofrenia e Higiene Mental, órgão ligado ao Instituto de Pesquisas Educacionais do Distrito Federal. Homem erudito, Pereira dominava as línguas inglesa, francesa e alemã, o que lhe garantiu relativa facilidade para entrar em contato com os textos de Freud e de seus seguidores, sem ter que recorrer a traduções e comentários. Entre seus principais escritos psicanalíticos encontra-se *Sordície nos alienados: ensaio de uma*

*psicopatologia da imundície* (1928). Outros trabalhos de peso do autor em relação à psicanálise e à educação: *A criança problema* (1934) e *A Psicanálise na educação* (1934).

Convicto da importância da psicanálise para a compreensão da conduta humana, Pereira explorou a obra de Freud tentando compreender a lógica inerente às diferentes manifestações do ser humano, indo desde a loucura até o folclore, passando pelo comportamento infantil.

Em bons termos, a produção psicanalítica no Rio de Janeiro foi bastante rica e eclética, passando por diferentes áreas do conhecimento, como Educação, Criminologia e Antropologia. Porém, no âmbito institucional, as construções ocorreram de maneira mais lenta que em São Paulo.

O processo de institucionalização da psicanálise no Rio de Janeiro situa-se no ano de 1928, com a criação de uma sucursal da então Sociedade Brasileira de Psicanálise, implantada em São Paulo um ano antes. Juliano Moreira presidiu o grupo e Porto Carreiro foi o secretário.

O grupo teve como principal objetivo, tal qual em São Paulo, promover a divulgação da teoria psicanalítica na sociedade carioca. A filial carioca também não obteve sucesso, tendo ocorrido sua extinção, aproximadamente, um ano após sua fundação.

Em 1940, psiquiatras desejavam obter a formação psicanalítica. Esse desejo encontrou respaldo na criação, em 1944, do Centro de Estudos Juliano Moreira, formado por psiquiatras do Serviço Nacional de Doença Mental, entre os quais estava Marialzira Perestrello, que nos auxilia na reconstrução da colcha de retalhos que é a História da Psicanálise no Brasil.

Iniciam-se, nesse momento, tentativas de atrair para a capital carioca analistas habilitados pela IPA, que pudessem conduzir a formação analítica de possíveis candidatos.

O grupo, liderado por Danilo Perestrello, iniciou encontros com analistas argentinos, com convites para proferirem palestras no Centro Juliano Moreira. Um dos analistas argentinos que visitaram o Rio de Janeiro foi Arnaldo Rascovsky.

Entretanto, a sondagem acerca de analistas didatas estrangeiros que viessem residir no Rio de Janeiro, a fim de formar novos analistas, não encontrou êxito. Vários analistas estrangeiros foram sondados, entre eles Georg Giro (Nova Iorque) e Daniel Lagache (França).

Após inúmeras tentativas sem êxito, inviabilizando a formação de analistas no Rio de Janeiro por mais algum tempo, um grupo de psiquiatras decide imigrar para a Argentina em busca de formação. Assim, em 1947, Danilo Perestrello, Marialzira Perestrello e Walderedo Ismael de Oliveira foram somar-se a Alcyon Bahia, também do Rio de Janeiro, e a Manoel e

Zaira Martins, de Porto Alegre, que já se encontravam em formação na Associação Psicanalítica Argentina.

O objetivo do grupo carioca de trazer para o Rio de Janeiro um analista didata permaneceu, mesmo com a imigração de alguns membros para a Argentina. O grupo remanescente no Rio de Janeiro continuou com a empreitada, quando em 1947, sob a coordenação de Domício Arruda Câmara, funda-se o Instituto Brasileiro de Psicanálise. Inicia-se contato com Jones, então presidente da IPA, para que indicasse um analista didata disposto a instalar-se no Rio de Janeiro.

Com êxito, o grupo carioca acerta com o polonês de formação kleiniana, Mark Burk. O analista polonês chega ao Rio de Janeiro em fevereiro de 1948. Em dezembro do mesmo ano, um segundo analista vem fixar residência no Rio de Janeiro. Trata-se de Werner Kemper, médico de origem alemã que, no ano seguinte, iniciou a análise de um novo grupo de candidatos e passou a ministrar seminários teóricos junto a Burk.

Apesar desse grande salto no desenvolvimento da psicanálise no Rio de Janeiro, divergências logo começaram a surgir entre os dois analistas didatas, pois Kemper nomeia sua esposa, Katrim Kemper, analista didata, sem que a mesma possuísse formação para isto. Burk questiona essa nomeação, mas Kemper mantém sua decisão.

Surge um fosso defensivo entre os dois grupos que o tempo não se incumbiu de desfazer, culminando na criação de duas Sociedades Independentes reconhecidas pela IPA no Rio de Janeiro, a saber: Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro e Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

Observemos como se processaram os acontecimentos até que as duas sociedades fossem reconhecidas pela IPA.

Junto a esses dois grupos, une-se um terceiro grupo, formado pelos analistas que haviam feito sua formação na Argentina e que agora estavam de volta.

Definidas afinidades e discordâncias, os grupos puderam desenvolver atividades separadamente em busca de reconhecimento interno, pelos segmentos social e científico do Rio de Janeiro, e externo, pela IPA.

O grupo de Kemper, em 1953, obteve o reconhecimento provisório da IPA na categoria de Grupo de Estudos, sob o patrocínio da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, sendo promovido à categoria de Sociedade Independente, em 1955, no XIX Congresso Internacional de Psicanálise, que teve lugar em Genebra. Desta forma, o movimento psicanalítico, iniciado no Rio de Janeiro desde a década de 20, atinge o tão almejado reconhecimento com a criação de sua primeira Sociedade.

Já o grupo de Burk enfrentou sérios problemas. Burk adoece e se vê forçado a retornar a Londres. Seus analisandos se dividiram devido às circunstâncias, já que ainda estavam em formação. Uma parte do grupo foi para Londres concluir sua formação, outros se dirigiram à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Em 1957, durante o XX Congresso Internacional de Psicanálise, ocorrido em Paris, este grupo atinge o status de Grupo de Estudos sob o patrocínio e a supervisão da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Em 1959, alcança o reconhecimento definitivo junto à IPA, durante o XXI Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em Copenhague, com a criação da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

Diante de conturbada história que diz respeito ao desenvolvimento da Psicanálise no Rio de Janeiro, vemos frutíferas contribuições. Contar com duas Sociedades de Psicanálise e dispor de psicanalistas de diferentes centros de formação, sob a influência de várias correntes psicanalíticas, fez do Rio de Janeiro um importante centro de construção e aplicação da psicanálise em vários ramos da ciência contemporânea.

### **3.3 O desenvolvimento da Psicanálise de Crianças no Brasil**

Estabelecidos os meandros que cercam a história da psicanálise no Brasil, podemos partir para um dos eixos centrais desta pesquisa. Para tal tarefa, acompanharemos de perto o livro de Jorge Luís Ferreira Abrão, intitulado *A História da Psicanálise de Crianças no Brasil* (2001). O estudo deste autor torna-se referência sobre o assunto, pois, de forma clara e objetiva, discorre sobre os principais eventos que caracterizaram o desenvolvimento histórico da psicanálise de crianças em nosso país, desde sua origem até a implantação e consolidação desta modalidade de atendimento à criança dentro das sociedades de psicanálise.

O autor, valendo-se de um raciocínio silogístico, pôde concluir que a evolução da psicanálise com crianças no Brasil percorreu etapas semelhantes às que foram trilhadas pelo movimento principal da psicanálise. Nessa perspectiva, o autor divide em quatro períodos históricos o desenvolvimento da psicanálise de crianças no Brasil.

O primeiro destes períodos, considerado a partir da década de 1930, refere-se à divulgação de informações teóricas relativas à psicanálise de crianças, promovido por alguns precursores, entre os quais se destacam Deodato de Moraes, Júlio Pires Porto-Carrero, Arthur Ramos de Araújo Pereira, Hosannah de Oliveira, Gastão Pereira da Silva e Pedro de Alcântara.

Utilizando-nos de um trecho do livro de Abrão, é possível compreendermos, de maneira clara, a importância desses autores para a difusão das primeiras formulações teóricas sobre psicanálise de crianças, que começava a surgir no continente europeu, no meio científico e cultural brasileiro. Tomemos o trecho: “Trata-se de um período marcado pela iniciativa e determinação de alguns devotados à causa psicanalítica, que não mediam esforços para compreender a teoria freudiana e expandir suas fronteiras” (ABRÃO, 2001, p.212-213).

Analisando os trabalhos destes autores, Abrão pôde evidenciar que eles não se apropriavam da psicanálise com crianças como um instrumento terapêutico que lhes conferisse uma identidade profissional. Ao contrário, tomavam esses conhecimentos como um sistema teórico passível de ser aplicado a diferentes áreas do saber.

Desta forma, as questões clínicas ficaram relegadas a um segundo plano. De acordo com Abrão (2001, p.213):

Provavelmente, esta característica decorre da dificuldade ou mesmo da impossibilidade de se conduzir um trabalho de natureza clínica em psicanálise de crianças, haja vista que nesta ocasião não havia no país pessoas com formação que pudessem desempenhar tal tarefa, além do que a psicanálise de crianças sempre foi entendida como um procedimento bem mais complexo do que a psicanálise de adultos.

A educação da criança, seja na família seja no âmbito escolar, recebeu maior atenção dos precursores da psicanálise de crianças no Brasil. Na tentativa de explicar este fato, o autor completa “[...] podemos aventar a hipótese de que a seleção deste assunto ocorreu por ser o tema da educação de crianças, inspirado na psicanálise, de maior aceitação e de mais fácil aplicação, servindo, desta forma, ao propósito de divulgar a teoria psicanalítica” (ABRÃO, 2001, p.213).

Em uma análise retrospectiva, Abrão considera que as principais contribuições dos precursores da psicanálise de crianças no Brasil residem em difundir no país as formulações psicanalíticas sobre a infância, conquistando credibilidade social e científica, o que serviu de alicerce para o surgimento de propostas de atendimento à criança, fundamentadas em princípios psicanalíticos.

Após apresentar os primeiros movimentos de aproximação entre teóricos brasileiros e a psicanálise de crianças, o autor caracteriza o segundo período como o de aplicação dos conhecimentos relativos à psicanálise de crianças à higiene mental escolar, por meio de clínicas de orientação infantil, que prestavam assistência ao escolar deficitário. Encontrou no trabalho desenvolvido nestas instituições, tanto no Rio de Janeiro, por intermédio da Seção de

Ortofrenia e Higiene Mental, como em São Paulo, por meio da Seção de Higiene Mental Escolar, o nascedouro de uma prática clínica com crianças, inspirada em princípios psicanalíticos.

Um adendo se faz necessário para situarmos o momento histórico em que os serviços de Higiene Mental, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo, surgiram.

Junto com o movimento “Escola Nova”, na década de 1930, foi instituída em setembro de 1933, no Instituto de Pesquisas Educacionais do Departamento de Educação do Distrito Federal, a Seção de Ortofrenia e Higiene Mental. Este serviço foi o primeiro de higiene mental no país e, provavelmente, na América Latina.

Com alguns anos de diferença, acompanhando o mesmo movimento que o Distrito Federal, foi criada em São Paulo, no ano de 1938, a Seção de Higiene Mental Escolar, integrante do Serviço de Saúde Escolar do Departamento de Educação do Estado de São Paulo.

Apesar de haver algumas diferenças entre as clínicas de orientação infantil de São Paulo e do Rio de Janeiro, os atendimentos desenvolvidos por ambas guardam algumas semelhanças, favorecendo o surgimento de uma prática em psicanálise de crianças. O trabalho desenvolvido por estas clínicas consistia em uma primeira etapa de avaliação diagnóstica, na qual a psicanálise e a psicologia eram elementos importantes. Uma segunda etapa relacionava-se à orientação a pais e educadores, com o intuito de repensar suas atitudes com relação à criança.

Segundo Abrão (2001), a semelhança mais relevante se refere à distinção entre criança problema e criança deficiente que, na pedagogia tradicional, recebiam o mesmo rótulo: o de criança anormal. Estes serviços entendiam que a criança problema, diferente da deficiente, encontrava dificuldades em conciliar suas necessidades individuais e o meio social em que estão inseridas. É no bojo desta concepção que o autor reconhece o espaço para a implantação da psicanálise de crianças associada à higiene mental, prática que, em anos subsequentes, serviu de esteio para o surgimento da análise de crianças propriamente dita.

É neste período que a psicanálise com crianças inaugura uma nova forma de compreender a educação infantil, por meio da inclusão de preceitos psicanalíticos na assistência ao escolar deficitário. O principal foco dos profissionais que trabalhavam com a higiene mental escolar era o de propiciar a prevenção da doença mental, mediante a compreensão e assistência às manifestações sintomáticas da criança em idade escolar.

Observa-se que as intervenções situavam-se no caráter profilático e apenas secundariamente assumiam funções terapêuticas.

Seguindo o raciocínio de Abrão (2001, p. 217), podemos concluir que:

[...] a partir desta iniciativa, concretizada nas clínicas de orientação infantil, a prevenção em saúde mental começou a ser praticada dentro da seara clínica, tendo na psicanálise seu principal pilar de sustentação, garantindo às crianças, que potencialmente poderiam torna-se neuróticas na vida adulta, a assistência necessária a suas manifestações afetivas durante a infância.

Um terceiro período, que começa a ser delineado a partir da década de 1950, marca o surgimento do que o autor definiu como psicoterapia psicanalítica de crianças, praticada, a princípio, nas clínicas de orientação infantil, e pouco depois, em clínicas particulares.

Em São Paulo, tal iniciativa efetivou-se dentro da Clínica de Orientação Infantil mantida pelo serviço de Higiene Mental, mediante o atendimento ao escolar deficitário. Criada a Clínica de Orientação Infantil do Serviço de Higiene Mental, no final da década de 1930, instituiu-se um espaço privilegiado para a compreensão do universo psíquico da criança, levando para o vértice emocional os problemas do escolar.

Em 1954, foi criado, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, o Curso de Especialização em Psicologia Clínica, que tinha o intuito de atender aos alunos do curso de Filosofia que desejavam aprofundar seus conhecimentos de psicologia iniciados na graduação e, principalmente, incursionar os interessados no exercício da psicologia clínica. O estágio supervisionado desenvolvido pelos alunos era realizado na Clínica de Orientação Infantil, já que a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo não dispunha de uma clínica psicológica para o desenvolvimento das atividades práticas do curso.

Em sua pesquisa histórica, Abrão conclui que os profissionais que atuavam na Clínica de Orientação Infantil do Serviço de Higiene Mental Escolar tiveram como meta a sua atuação e o aprimoramento profissional.

Outra característica que marcou a inserção da psicoterapia psicanalítica com crianças em São Paulo, segundo o autor, refere-se ao tipo de formação dos profissionais que atuavam nesta especialidade, que em sua maioria vinham dos cursos de Pedagogia e Filosofia, com posterior especialização em psicanálise.

No Rio de Janeiro, a psicoterapia psicanalítica encontrou um novo espaço para sua difusão e prática em novas clínicas de orientação infantil, vinculadas a serviços psiquiátricos de assistência à criança.

Constata-se um afastamento do seio dos Serviços de Higiene Mental Escolar e, consecutivamente, da educação. A desarticulação do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental destinou o cuidado à criança às Clínicas de Orientação Infantil do Departamento Nacional de Saúde Mental (DINSAM) e do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil.

Esta característica facilitou o trabalho terapêutico de psicoterapia psicanalítica oferecido aos pequenos pacientes. Inicialmente pautado no diagnóstico e na orientação, os profissionais que atuavam nessas instituições possuíam ou vieram a possuir formação analítica.

Seja em São Paulo ou no Rio de Janeiro, a etapa aqui descrita marca a mudança de perspectiva, altamente significativa, na forma como os conhecimentos relativos à psicanálise de crianças passaram a ser compreendidos e empregados no meio científico brasileiro. Dentro deste novo contexto, a psicanálise de crianças deixa de ser entendida, unicamente, como um instrumental teórico a serviço da profilaxia, afeita, portanto, às campanhas de higiene mental, para galgar um espaço na esfera psicoterapêutica, mediante a utilização de um sistema teórico e técnico capaz de promover o tratamento dos transtornos emocionais vividos pela criança. (ABRÃO, 2001, p.219).

Graças à legitimação da forma de compreensão do psiquismo infantil, tanto no âmbito social quanto no científico, e à formação adequada de profissionais que começavam a incursionar pela análise infantil, a psicanálise de crianças pode ser abordada como um instrumental terapêutico, delimitando, assim, um período denominado “psicoterapia psicanalítica de crianças”.

Uma quarta e última etapa explorada por Abrão, que vai da década de 1970 até os dias atuais, marca o exercício da psicanálise de crianças sob os auspícios das Sociedades de Psicanálise.

Este período é caracterizado pela formação de analistas de crianças, pela ampliação da atuação clínica e por uma maior produção teórica sobre o tema, sob orientação das Sociedades de Psicanálise.

Assim, a formação em psicanálise de crianças oscilou, durante um tempo, da informalidade ao reconhecimento dos cursos de formação de analistas de crianças.

Um conjunto de profissionais interessados no tema buscou formação fora do país em centros especializados. Voltando ao Brasil, atuaram como divulgadores desta modalidade de atendimento psicanalítico. Ao redor desses analistas, formou-se um grupo de profissionais interessados em análise infantil que, engajados em uma prática clínica em psicoterapia psicanalítica, buscavam fundamentação teórica e técnica em análise de crianças. Entre esses

profissionais destacam-se, no Rio de Janeiro, Décio Soares de Souza; em São Paulo, Virgínia Bicudo; e, em Porto Alegre, Zaira Martins.

Promovida a divulgação e a expansão da prática clínica com crianças, uma crescente demanda surgiu por cursos voltados à formação de profissionais preparados a exercer a psicanálise de crianças. Esta crescente demanda de analistas e profissionais de áreas afins interessados no trabalho analítico com crianças começa a encontrar ressonância dentro das Sociedades de Psicanálise que, por sua vez, passam a promover cursos especializados sobre o tema. A promoção desses cursos teve início na década de 1960 e, na década de 1980, a especialidade de psicanalistas de crianças é regulamentada e reconhecida oficialmente.

Abrão aponta que o período circunscrito pela atuação das Sociedades de Psicanálise marca a ampliação da prática clínica com crianças e o redirecionamento do local de execução desta prática.

No tocante ao primeiro ponto – a ampliação da prática clínica –, o autor considera que, até os dias de hoje, embora a relação entre psicanálise com crianças e adultos indique uma significativa vantagem para a psicanálise com adultos, o número de analistas dedicados ao atendimento de crianças teve um aumento significativo ao longo das últimas três décadas, revelando a expansão desta modalidade de atividade clínica.

Com relação ao segundo ponto – seu local de execução –, Abrão observou um decréscimo do atendimento oferecido às crianças nas clínicas de Orientação Infantil, quando os psicanalistas responsáveis por esta prática começaram a afastar-se das instituições e conduzir seu trabalho clínico com crianças quase exclusivamente em consultórios particulares.

A produção teórica sobre psicanálise com crianças no Brasil, agora demarcada pelas Sociedades de Psicanálise, marca um novo contexto.

Observa-se uma ampliação da produção teórica desenvolvida por meio da prática clínica com casos de psicose, autismo e de pacientes *borderlines*. Também se acrescentam matrizes teóricas empregadas na prática clínica, juntamente com as contribuições de Melanie Klein, que já contava com uma vasta tradição no pensamento psicanalítico brasileiro, e de outros autores como Bion, Winnicott e Francis Tustin.

A partir da década de 1980, com a expansão de grupos de psicanálise não filiados à IPA, surge espaço para uma maior diversificação teórica na psicanálise brasileira, representada, sobretudo, pela influência francesa, incorporando assim o estudo de autores como Jaques Lacan, Françoise Dolto e Maud Mannoni.

Também é a partir de meados da década de 1970, e com maior nitidez a partir da década de 1980, que evidenciamos uma tendência à expansão da psicanálise com crianças no

Brasil, que se fez sentir em duas direções: por intermédio do surgimento de outros centros de formação não vinculados à IPA e por meio da incorporação da psicanálise nas universidades brasileiras, especificamente nos cursos de graduação e Pós-Graduação em Psicologia

Neste trabalho, o esboço histórico aqui apresentado interrompe sua narrativa, ainda que não se tenha esgotado o assunto, limitar-nos-emos a investigar as novas delimitações técnicas e hipóteses teóricas que são objeto da produção científica nas universidades brasileiras, embora algumas linhas de desenvolvimento da psicanálise com crianças, sob os auspícios de grupos de psicanálise filiados e não filiados à IPA no Brasil, tenham sido mapeadas, em maior ou menor proporção; e mesmo que a psicanálise com crianças no país esteja em franco desenvolvimento nesses grupos, com novas demandas clínicas que concitam os profissionais a refletirem sobre suas práticas.

## 4 UMA PESQUISA HISTORIOGRÁFICA DA PSICANÁLISE: DELIMITAÇÕES E LIMITES

Pretendemos, neste capítulo, apresentar o percurso e as delimitações que embasam o presente trabalho. Para tal empreendimento, faremos, inicialmente, uma exposição dos argumentos que justificam a realização desta pesquisa, indicando sua relevância e sua importância, na sequência, apresentaremos os objetivos e, por fim, o plano metodológico que norteou a pesquisa, desde a coleta de dados até a análise dos resultados.

### 4.1 Problema e Justificativa

No Brasil, as primeiras produções teóricas que aspiravam à Psicanálise de Crianças datam da segunda década do século XX e eram aplicadas, principalmente, na educação, na psiquiatria e na psicologia. (ABRÃO, 2001)

Podemos considerar como marco inaugural a publicação, no ano de 1927, do livro de Deodato de Moraes<sup>3</sup> *A Psychanalyse na Educação*. Seguindo esta tendência, a partir de 1927 até o final da década de 1930, outras publicações vieram a prelo, sustentadas no mesmo princípio de divulgação do pensamento psicanalítico no meio educacional. Entre essas publicações, as obras de maior destaque foram: a coletânea de Júlio Pires Porto-Carrero<sup>4</sup>, *Ensaio de Psychanalyse* (1929), que reúne vários trabalhos sobre o tema, o artigo *Complexo de Édipo em Pediatria*, de Hosannah de Oliveira<sup>5</sup>, e o livro *Educação e Psychanalyse* (1934) de Arthur Ramos<sup>6</sup>.

Mas é sob os auspícios das Sociedades de Psicanálise que esse ramo da ciência psicanalítica encontra maior ressonância para sua aplicação, divulgação, formação de

---

<sup>3</sup> Deodato de Moraes foi professor de Pedagogia e Psicologia Experimental da Escola Normal de São Paulo, Inspetor Escolar do Distrito Federal e membro do conselho diretor da Associação Brasileira de Educação.

<sup>4</sup> Natural do Estado de Pernambuco, Porto-Carreiro (1887-1937) formou-se pela Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro. Tornou-se, em 1929, Professor Catedrático de Medicina Legal da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, tendo obtido também, provavelmente na mesma época, o título de Membro Honorário da Academia Nacional de Medicina. (CAMPOS et. al., 2001).

<sup>5</sup> Hosannah de Oliveira foi livre-docente de Clínica da Faculdade de Medicina da Bahia e membro da Liga Brasileira de Higiene Mental.

<sup>6</sup> De origem alagoana, Arthur Ramos de Araújo Pereira (1903-1949) formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia. Em 1934, transferiu-se para o Rio de Janeiro, atuando inicialmente como diretor da Seção de Ortofrenia e Higiene Mental. Na condição de precursor da psicanálise de crianças no Brasil, publicou vários trabalhos, entre eles, os mais destacados são *A Technica da Psychanalyse Infantil* (1933), *Educação e Psychanalyse* (1934) e *A Criança Problema* (1939). (ABRÃO, 2001)

analistas infantis e produção teórica que, apesar de não volumosa, tem se mostrado altamente expressiva.

Sabemos que tal característica é decorrente do fato de que os principais polos de difusão da psicanálise de crianças no Brasil, entre as décadas de 1950 e 1970, tiveram origem a partir das sociedades de psicanálise filiadas à IPA existentes no país. Estas instituições contribuíram diretamente para a formação dos profissionais que passaram a atuar na área, seja em clínicas particulares seja em instituições públicas; também foram pioneiras no oferecimento de cursos de formação em análise de crianças, contribuindo diretamente para a difusão do conhecimento psicanalítico, em um período em que a psicanálise era ainda pouco difundida em outros meios. Desta forma, a partir das matrizes teóricas adotadas por estas instituições e da prática clínica exercida por seus psicanalistas, muitos profissionais foram formados, influenciando o trabalho com crianças em diferentes contextos institucionais, para além das Sociedades de Psicanálise.

Partindo da experiência destes profissionais, um contingente significativo de produção teórica foi desenvolvido e publicado durante a segunda metade do século XX. Em pesquisa anterior, investigamos as publicações relativas à psicanálise com crianças disponíveis na *Revista Brasileira de Psicanálise*<sup>7</sup>, durante o período de 1967 a 2007. Esta produção, em nosso entendimento, reflete grande parte do trabalho clínico oriundo de profissionais provenientes das Sociedades de Psicanálise.

Por outro lado, acreditamos que a produção teórica relativa ao tema da análise infantil tem uma abrangência muito maior no Brasil, tendo em vista a inserção desta disciplina no meio universitário e em diferentes instituições, condição esta que fomentou várias pesquisas veiculadas em publicações nacionais.

Temos conhecimento de que, a partir da década de 1970, e de forma mais consolidada nas décadas de 1980, 1990 e 2000, muitos outros polos de expansão da psicanálise de crianças surgiram no país, contribuindo diretamente com a formação de profissionais dedicados à análise de crianças, como, por exemplo, as iniciativas capitaneadas no meio universitário ou as práticas emanadas de instituições e sociedades psicanalíticas não vinculadas à IPA.

Assim, identificamos uma crescente participação da psicanálise na formação oferecida nas universidades brasileiras, sobretudo nos cursos de psicologia, seja no âmbito da graduação

---

<sup>7</sup> Este periódico, após uma aparição, em 1928, ocasião em que foi publicado um único número, voltou a ser editado, em 1967, por iniciativa de um grupo de psicanalistas de São Paulo. Em 1975, a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, mantenedora da revista, forneceu a cessão dos direitos autorais deste periódico à Associação Brasileira de Psicanálise. Hoje, a *Revista Brasileira de Psicanálise* vem sendo publicada em quatro números ao ano.

seja no da pós-graduação. Como constata Renato Mezan, a psicanálise está presente no meio universitário, em particular nos cursos de graduação e pós-graduação em psicologia “[...] desde quando estes foram inaugurados na década de 1960; a partir dos anos 80, porém, ela se expandiu para a pós-graduação, primeiro no Rio de Janeiro e em São Paulo, depois em outras escolas” (MEZAN, 2002, p.395).

Seja por intermédio do ensino oferecido na graduação, no qual a psicanálise ocupou importante espaço, ao oferecer para o aluno não só a oportunidade de entrar em contato com as teorias relativas à psicanálise com crianças, mas também a possibilidade de aplicar este conhecimento em atividades práticas desenvolvidas no âmbito de clínicas-escola; seja na pós-graduação, por meio do desenvolvimento de pesquisas que articulam a psicanálise com crianças com diversos contextos, que vão desde a clínica *stricto sensu* até as práticas de psicanálise aplicada em contexto institucional, a psicanálise com crianças vem sendo sistematicamente ensinada e pesquisada. Ainda de acordo com Mezan,

É certo que a universidade – por não visar à formação analítica *stricto sensu* – representou um espaço mais neutro, menos carregado transferencialmente e politicamente, mais apto a aceitar e mesmo a estimular a pluralidade de pontos de vista do que a instituição psicanalítica típica, por natureza voltada à transmissão e perspectiva de um determinado estilo de praticar e de pensar a psicanálise. (MEZAN, 2002, p.395-396)

A partir desta citação, podemos especular que a produção advinda da universidade nas últimas décadas fomentou o desenvolvimento de ampliações teóricas e o surgimento de práticas institucionais inovadoras sustentadas na psicanálise com crianças, que alargaram as fronteiras desta área de atuação, contribuindo para o estabelecimento de uma prática original e respondente às necessidades surgidas no país. (HERRMANN, 2004)

Ainda tomando por base este enunciado de Mezan (2002), é possível levantar a hipótese de que exista, no Brasil, uma produção universitária sobre psicanálise de crianças altamente expressiva. No entanto, está faltando ainda um olhar mais reflexivo que possibilite teorizar sobre as características dessa produção que refletem as transformações promovidas a partir da prática clínica com crianças realizada no país.

Assim, a hipótese da presente pesquisa é a de que existe no Brasil uma produção em psicanálise com crianças bastante sedimentada, decorrente de anos de experiência, como pudemos demonstrar no percurso histórico apresentado anteriormente, que incorporou inúmeras variações teóricas e técnicas como respostas às vicissitudes da prática clínica contemporânea e do contexto cultural brasileiro, como atesta Abrão (2012) em sua tese de

Livre-Docência. No entanto, grande parte desta produção não foi devidamente sistematizada e documentada, de forma a compor um conjunto de informações que permita caracterizar a singularidade da psicanálise de crianças brasileira.

Embora muitos trabalhos tenham sido produzidos sobre psicanálise de crianças nas últimas décadas, sua expressão ainda é relativamente limitada, seja porque o número de publicações é bastante restrito, como constatou Silva (2010), ao afirmar que apenas 7,1% dos trabalhos publicados na *Revista Brasileira de Psicanálise* entre 1967 a 2007 versavam sobre psicanálise com crianças, seja pelo fato de os temas abordados não discutirem com profundidade as inovações, rupturas e impasses presentes na psicanálise de crianças desenvolvida no Brasil.

Esta relativa limitação da produção teórica, em nosso entendimento, não reflete um desinteresse pelo tema ou a limitação da prática clínica; ao contrário, as informações disponíveis (ABRÃO, 1999, 2001) indicam que existe uma prática clínica em psicanálise com crianças suficientemente ampla e regular no Brasil que garante a existência de grande experiência acumulada sobre o tema.

Diante dessa constatação, torna-se oportuna, e mesmo necessária, a realização de uma pesquisa capaz de demonstrar parte da produção universitária da psicanálise com crianças no Brasil, explicitando as especificidades da técnica empregada e as hipóteses teóricas que vêm sendo formuladas. Nesse sentido, a presente pesquisa surge com a intenção de investigar as características da produção teórica sobre psicanálise com crianças praticada em parte do meio acadêmico, em regiões do país cuja presença da psicanálise foi mais proeminente. Trata-se, na verdade, de investigar as produções que foram sendo delimitadas pelos profissionais em função das necessidades impostas tanto pelas transformações do conceito de infância quanto pelas adaptações que os parâmetros técnicos sofreram, ao serem adaptados a um novo contexto universitário.

A escolha pela dimensão universitária, especificamente a produção dos programas de pós-graduação, nesta pesquisa, justifica-se na medida em que supomos existir um contingente de produção decorrente de pesquisas científicas que abordam o tema da Psicanálise com Crianças e que se encontram difusos em diversas publicações, dificultando uma visão do conjunto desta produção.

No que se refere à importância deste tipo de estudo, devemos destacar duas dimensões complementares entre si: a primeira, de natureza histórica, permite compreender as transformações da prática clínica com crianças, na primeira década do século XXI, e identificar as adaptações e ampliações que as teorias produzidas na Europa sofreram no

momento em que foram introduzidas no contexto acadêmico e cultural brasileiro; a segunda, por sua vez, diz respeito a um aspecto prático, na medida em que uma sistematização dessa produção poderá demonstrar as modificações que a prática com crianças operou, sob a luz das universidades brasileiras, contribuindo no desenvolvimento de parâmetros para a prática clínica. Tais parâmetros servirão como referência para o trabalho de profissionais que se iniciam na clínica psicanalítica com crianças. Neste sentido, a presente pesquisa, além de seu valor histórico, possibilita o desenvolvimento de um estudo sobre a técnica psicanalítica com crianças na atualidade.

## **4.2. Objetivos**

A partir das hipóteses levantadas na justificativa, serão apresentados, na sequência, os objetivos da presente pesquisa.

### *4.2.1. Objetivo Geral*

Investigar algumas das especificidades de parte da produção psicanalítica com crianças no meio acadêmico, durante a primeira década do século XXI, a partir de dissertações e teses sobre o tema localizadas em base de dados virtual.

### *4.2.2. Objetivos Específicos*

Caracterizar a produção teórica universitária sobre Psicanálise com Crianças, a partir das teses e dissertações apresentadas entre 2000 e 2010.

Demonstrar os fundamentos teóricos e técnicos que sustentam a prática clínica em psicanálise com crianças em parte das universidades no contexto nacional.

Identificar os temas mais abordados nos trabalhos identificados.

Identificar os principais polos universitários difusores de pesquisas sobre Psicanálise com Crianças.

Apresentar as variações e ampliações teóricas nos trabalhos analisados.

Contribuir para o aprofundamento dos estudos sobre a História da Psicanálise com Crianças nas universidades brasileiras.

### 4.3 Fundamentos Metodológicos da Pesquisa Historiográfica Psicanalítica

A natureza da pesquisa em questão, ao buscar circunscrever uma área de conhecimento científico para traçar um esboço de sua evolução dentro de um determinado domínio cultural, permite-nos inseri-la no contexto da historiografia<sup>8</sup> da Psicanálise. Esta delimitação traz em seu bojo algumas implicações práticas que devem ser contempladas durante a execução da pesquisa, uma vez que cada modalidade de pesquisa histórica da Psicanálise está associada a distintas formas de coleta e análise de dados.

Tratando-se de uma pesquisa teórica dedicada à historiografia da Psicanálise, que já conta com produção significativa de trabalhos em nosso meio, convém introduzir as especificidades metodológicas dessa modalidade.

Para tal tarefa, acompanharemos o texto de Fabio Herrmann (2004), *Pesquisando com o método psicanalítico*. O autor nos contempla com questionamentos que servem de base para entender e desenvolver pesquisas acadêmicas, a partir da psicanálise.

Tal compreensão possibilita identificar por quais caminhos a pesquisa será realizada, deixando claro que isso dependerá, *a priori*, dos objetivos propostos. Para dar conta desta questão, Herrmann (2004) apresenta os modelos de pesquisa psicanalítica presentes na atualidade: pesquisa empírica, pesquisa clínica e pesquisa teórica.

A pesquisa empírica em psicanálise tem revelado evidências consistentes acerca da relevância do método psicanalítico, lançando mão tanto dos estudos quantitativos quanto dos qualitativos.

A pesquisa clínica é considerada a matéria prima por excelência da psicanálise e é realizada tanto através dos estudos de caso único como de sequências de casos.

A pesquisa teórica versa sobre psicanálise e discute temas como história da psicanálise, além de estudos teóricos e conceituais, ajudando a sistematizar, organizar e delimitar os conhecimentos em psicanálise. Assim, a expansão da psicanálise permitiria uma maior produção teórica. Dessa forma, a pesquisa teórica toma a psicanálise como objeto de estudo, valendo-se para tal de diversos métodos de pesquisa. No caso específico desta pesquisa, será empregado o método histórico.

---

<sup>8</sup> Empregaremos aqui o termo historiografia no sentido definido por William Woodward, que considera que: “O pensamento histórico não é muito diferente de qualquer outra forma de trabalho intelectual. Em princípio, divide-se em duas partes ou fases: método histórico, ou análise das fontes, e historiografia, ou síntese e escrita. Em outras palavras, a síntese leva à apresentação dos resultados e conclusões. Na prática, a palavra “historiografia” passou a ser aplicada a ambas as partes, a análise e a síntese” (WOODWARD, 1998, p.62-63).

Resta agora expor as abordagens que auxiliam o processo de investigação de uma pesquisa teórica dedicada à historiografia da psicanálise, que são: abordagem descritiva, abordagem contextual, abordagem interpretativa e a abordagem epistemológica.

Encontramos a descrição destas abordagens consultando o artigo de Abrão (2008). Para o autor, a abordagem descritiva enfatiza a periodização dos acontecimentos, a descrição pormenorizada dos eventos e a nomeação de personagens que marcaram a evolução do movimento psicanalítico. Acrescentando a primeira – a descritiva – na abordagem contextual, os fatos históricos ganham uma nova conotação, desenvolvendo análises mais depuradas que permitem inserir o movimento psicanalítico e seus personagens nos contextos cultural e científico vigentes no período estudado. Já a abordagem interpretativa focaliza as motivações inconscientes que conduziram os grandes autores da psicanálise em suas ações teóricas e políticas. Por fim, a abordagem epistemológica busca estabelecer, na história, o desenvolvimento de conceitos-chave da teoria psicanalítica, destacando as condições em que foram gerados e a forma como foram sendo aprimorados, e mesmo transformados, durante a vida de Freud e após sua morte.

Cabe um adendo referente ao emprego destas várias abordagens metodológicas. Elas nem sempre se manifestam de maneira isolada e linear. A classificação de tais abordagens cumpre a função de servir de parâmetro que orienta o entendimento do planejamento metodológico das diversas pesquisas históricas referentes à psicanálise surgidas durante as últimas décadas.

Nesta pesquisa, daremos ênfase à abordagem contextual, pois nos permite contextualizar a produção científica, social e cultural de determinada época. Partindo do pressuposto de que cada momento histórico interfere na produção científica de uma determinada cultura, consideramos que realizar um levantamento bibliográfico da produção universitária brasileira, acerca de dissertações e teses que versam sobre Psicanálise de Crianças, poderá nos conduzir a uma melhor compreensão da prática analítica com crianças na atualidade, podendo lançar luz a algumas dificuldades que a infância encontra na realidade brasileira.

Com o intuito de validar essa proposta, recorreremos a Mezan que, em artigo publicado no *Jornal de Psicanálise* (2000), discute algumas questões referentes ao método nas pesquisas dedicadas à história da Psicanálise. O autor orienta que a pesquisa historiográfica da Psicanálise trata “[...] de uma história da teoria e da prática psicanalíticas, teoria e prática que se apresentam, a um observador que se disponha a pensar a sério o que se observa, sob o signo da dispersão” (MEZAN, 2000, p. 23), complementando “[...] nos quais a diversidade

dos fatores culturais não pôde deixar de ter eco sobre as próprias concepções.” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1967/2001, p.223).

#### 4.4 A historiografia da Psicanálise no Brasil

A despeito de algumas iniciativas pioneiras com Freud<sup>9</sup> e alguns de seus seguidores<sup>10</sup>, é a partir da década de 1980 que a Historiografia da Psicanálise veio a se consolidar como um campo de conhecimento autônomo, na condição de área de pesquisa.

De forma análoga ao observado em diferentes partes do mundo em que a Psicanálise teve penetração e influência nas vias sociais e culturais, também no Brasil evidenciamos um crescente interesse pelo tema da Historiografia da Psicanálise. Esse interesse pode ser confirmado pelas diversas publicações oriundas, ora dos círculos psicanalíticos que tentam resgatar sua história, ora do meio universitário que vêm devotando maior atenção à compreensão das influências que a Psicanálise exerceu e exerce sobre diferentes aspectos da vida cultural e social brasileira.

Os primeiros trabalhos relativos ao tema surgiram em data bastante inicial, ainda durante o período de implantação da Psicanálise no contexto nacional. Júlio Pires Porto-Carrero, psiquiatra carioca – que ao praticar e divulgar a teoria freudiana entre nós se tornou um precursor do movimento psicanalítico brasileiro – é signatário de dois artigos sobre o tema: “Psychanalyse – a sua historia e seu conceito”, de 1928, e “A contribuição brasileira a Psychanalyse”, de 1929, nos quais apresenta alguns fatos históricos que caracterizam o desenvolvimento da Psicanálise a partir de Freud e, na sequência, os principais acontecimentos e personagens que marcam a introdução da teoria psicanalítica no Brasil.

Anos mais tarde, mais especificamente em 1948, Virginia Bicudo publica o artigo “Contribuição para a história do desenvolvimento da psicanálise em São Paulo”. Como pioneira do movimento psicanalítico, apresenta em tom entusiasta os principais avanços da psicanálise em seu estado, com ênfase para a criação, em 1944, do Grupo Psicanalítico de São Paulo (instituição formadora de psicanalistas filiada à IPA). Devemos acrescentar ainda o artigo “Notas para a História da Psicanálise em São Paulo”, de Luiz de Almeida Prado Galvão, publicado em 1967, na *REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE*, no qual encontramos uma descrição de fatos e acontecimentos que marcaram a História Brasileira da Psicanálise de São Paulo, pela ótica de um de seus dirigentes. No entanto, é somente a partir

---

<sup>9</sup>A *História do Movimento Psicanalítico* (1914/1989); *Um Estudo Autobiográfico*. (1925/1989)

<sup>10</sup> *Memórias, Sonhos e Reflexões*. (JUNG, 1957/1985)

da década de 1980 que as pesquisas voltadas à História da Psicanálise no Brasil começam a surgir em maior número e com melhor lastro conceitual e metodológico, ora capitaneadas por profissionais vinculados às Sociedades de Psicanálise filiadas à IPA, ora por pesquisadores oriundos do meio acadêmico.

Entre os psicanalistas, o nome de maior destaque é o de Marialzira Perestrello, fundadora da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, que há quase três décadas dedica-se à História da Psicanálise no Brasil. Em seu primeiro trabalho “Primeiros encontros com a Psicanálise no Brasil (1899-1937)” de 1986, aponta os principais fatos e indica os personagens que marcaram a introdução da Psicanálise no país em uma fase anterior à criação das Sociedades de Psicanálise. Nos textos de 1987, “História da Sociedade Brasileira de Psicanálise no Rio de Janeiro”, e de 1991, “História da Psicanálise no Brasil: o ensino nos Institutos”, o tema está centrado nas instituições psicanalíticas filiadas à IPA, seja sobre a criação e consolidação da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, seja sobre a transmissão do conhecimento psicanalítico dentro das instituições psicanalíticas. Por sua vez, os trabalhos de 1994, “Vanguardas européias, modernismo brasileiro e psicanálise”, e de 1995, “Ainda sobre a história da psicanálise no Brasil”, trazem um tom menos descritivo a favor de uma abordagem contextual que procura relacionar a introdução da Psicanálise no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, e a criação das Sociedades de Psicanálise a partir da década de 1940, com as características vigentes na cultura brasileira, em cada momento histórico estudado.

Na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, o resgate de sua História tem sido feito por intermédio de um empreendimento denominado “Projeto Memória”. Mediante a coleta de documentos e a tomada de depoimentos de pioneiros da psicanálise paulista, foi possível construir um acervo de informações relativas a esta Sociedade. O resultado desta iniciativa culminou em 1994 com a publicação do livro *Álbum de Família: imagens, fontes e idéias da psicanálise de São Paulo*, forjando assim uma versão histórica oficial da introdução e desenvolvimento da Psicanálise em São Paulo sob os auspícios da referida Sociedade.

Também no meio universitário, várias iniciativas podem ser identificadas no que concerne ao resgate da memória histórica de temas, personagens, ou períodos específicos da Psicanálise no Brasil.

Ainda com relação à História da Psicanálise em São Paulo, despontam os trabalhos de Roberto Sagawa que, a partir de sua dissertação de mestrado defendida na UNICAMP, em 1989, sob o título “Os inconscientes no divã da história”, esboçou, a partir de extensos e

elucidativos depoimentos concedidos por Durval Marcondes entre os anos de 1979 e 1980, a História da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

No livro de Gilberto Rocha, publicado em 1989 e intitulado *Introdução ao nascimento da psicanálise no Brasil*, fruto de sua dissertação de mestrado em filosofia defendida na PUC do Rio de Janeiro, investiga-se a relação da psicanálise com a psiquiatria local, no período da década de 1920 e 1930.

Elizabeth Mokrejs, pesquisadora da Faculdade de Educação da USP, empreendeu em seu livro *A Psicanálise no Brasil: as origens do pensamento psicanalítico*, publicado em 1993, um exaustivo levantamento dos primeiros textos que divulgaram ideias psicanalíticas no país, delimitando sua investigação no período histórico que antecedeu a criação das Sociedades de Psicanálise em nosso meio. Evidencia-se, portanto, que a autora privilegiou em seu enfoque metodológico a análise discursiva da bibliografia existente sobre o tema no período histórico delimitado. Neste sentido, elaborou esboços biográficos das ideias freudianas de Julio Pires-Porto-Carrero, Arthur Ramos e Gastão Pereira da Silva.

Cintia Ávila de Carvalho, partindo de um referencial antropológico, apresenta no livro *Os psiconautas do Atlântico Sul*, de 1998, aspectos da difusão da Psicanálise no Espírito Santo, discutindo tanto as alianças e dissidências internas quanto as influências externas, provenientes de outras disciplinas, na constituição e consolidação da Psicanálise neste estado. Na consecução de tal objetivo, esboça a trajetória da Psicanálise no Brasil, demonstrando particularmente sua relação com a Argentina e a França. Isto cria um pano de fundo que permite compreender os desdobramentos da Psicanálise no Espírito Santo. Em seu texto, é possível visualizar a influência do movimento lacaniano e a expansão das Sociedades vinculadas à IPA.

Por sua vez, Jorge Luis Ferreira Abrão tem se dedicado a temas específicos da Psicanálise brasileira: *A História da Psicanálise de Crianças no Brasil* (2001), *As relações entre Educação e Psicanálise* (2003) e *A Tradição Kleiniana no Brasil: uma investigação histórica sobre a difusão do pensamento kleiniano* (2004).

Este autor vem privilegiando as fontes documentais, os levantamentos bibliográficos relativos à produção psicanalítica brasileira e as fontes orais como principal recurso metodológico, como se pode verificar em suas publicações. Partindo do princípio de que o período histórico abordado é bastante recente, inserindo-se no campo da História contemporânea no Brasil, e considerando que grande parte dos personagens que protagonizaram os acontecimentos constituintes da História da Psicanálise brasileira encontra-se ainda em atividade, realizou uma série de entrevistas que lhe permitiram construir alguns

esboços biográficos de importantes pioneiros da Psicanálise no país. Tomando como ponto de partida estes perfis, aliados à análise de levantamento bibliográfico, vem delineando os principais acontecimentos que caracterizaram o desenvolvimento de áreas específicas da Psicanálise brasileira.

No tocante às pesquisas de levantamento bibliográfico, vem atuando como orientador de trabalhos, como a dissertação de mestrado de Silva (2010), defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista, no ano de 2010. A referida dissertação, que se relacionou a projeto de pesquisa financiado pela FAPESP, ganhou o título de “Uma leitura da produção brasileira da psicanálise de crianças no Brasil, por meio da *Revista Brasileira de Psicanálise*”. Em resumo, essa pesquisa percorre a História da Psicanálise de Crianças desde seu surgimento na Europa, no início do século XX, marcado por grandes controvérsias entre Melanie Klein e Anna Freud, passando pela implantação e consolidação desta prática, por meio da criação das Sociedades de Psicanálise, até chegar à análise da produção teórica de seu principal expoente no Brasil: A *Revista Brasileira de Psicanálise*.

Importante veículo de divulgação do pensamento psicanalítico brasileiro, que permitiu acompanhar a evolução da produção sobre Psicanálise de Crianças no Brasil, abrangendo as últimas décadas, é a *Revista Brasileira de Psicanálise*. O periódico tem como principal objetivo abranger a pluralidade dos diferentes segmentos científicos existentes nos quadros das Sociedades de Psicanálise, garantindo, assim, sua expressão no âmbito científico. A pesquisa em pauta consistiu em um estudo qualitativo de natureza histórica que buscou circunscrever um segmento da Psicanálise brasileira, cujo objetivo era caracterizar a produção sobre Psicanálise de Crianças no Brasil, no período de 1967 a 2007, por intermédio dos artigos de autores nacionais publicados na *Revista Brasileira de Psicanálise*.

Os resultados obtidos a partir do levantamento dos artigos sobre Psicanálise de Crianças, publicados no periódico naquele período, apontaram as seguintes informações: 107 artigos publicados sobre o tema; destes, 89 de autoria de psicanalistas nacionais, a maioria na década de 1990; os resultados apontaram ainda Maria P. Manhães e Marisa Pelella Mélega como as autoras nacionais com maior número de artigos publicados no periódico; constatou-se, também, uma prevalência de artigos teóricos em que Melanie Klein e seus seguidores são os mais citados, indicando, assim, maior influência do pensamento kleiniano da Psicanálise de Crianças no Brasil.

Tais resultados ainda permitiram a conclusão de que vários trabalhos iniciais, como os de Klein e Anna Freud, inclusive os da atualidade, merecem destaque por terem influenciado

a prática analítica em nosso país, seja na Psicanálise de Crianças seja em áreas correlatas nela inspiradas. Entre esses trabalhos, encontra-se o de Esther Bick, que em 1964 desenvolve a técnica de observação psicanalítica da relação mãe-bebê, que consiste em uma observação semanal da dupla mãe-bebê, realizada em casa durante o primeiro ano de vida. Evidenciou-se, também, a ampliação das matrizes teóricas como esteio da prática clínica. Juntamente com as contribuições de Melanie Klein, que já contava com uma vasta tradição no pensamento psicanalítico brasileiro, outros autores passam a ser citados com relativa frequência, notadamente Bion, Winnicott e Francis Tustin. Em linhas abreviadas, procurou-se apresentar de maneira sucinta os trabalhos que marcaram os principais fundamentos da análise infantil mundial e o pensamento e a produção teórica sobre crianças no meio psicanalítico brasileiro.

Dando continuidade às suas pesquisas historiográficas, recentemente, Abrão (2010), em biografia de uma das pioneiras da Psicanálise no Brasil, constatou que a biografada, Virginia Bicudo, participou dos principais movimentos da Psicanálise no Brasil, inclusive na fundação da Sociedade de Psicanálise de Brasília, dedicando grande importância à Psicanálise de Crianças, desde seus primeiros contatos com a disciplina. No início de sua carreira, Bicudo atuou como psicologista nas instituições públicas, já que a profissão de Psicólogo ainda não existia em nosso país nessa época. A “psicologista” desempenhou suas funções concomitantemente ao empenho na edificação das Sociedades de Psicanálise no Brasil. Foi a Londres concluir sua formação, chegando a realizar análise com Klein. Este fato parece o marco que direciona o interesse e dedicação de Virginia para a Psicanálise de Crianças, de linha kleiniana. O autor comprova este fato relatando o período em que a psicanalista retorna ao Brasil e realiza vários movimentos: contatos com psicanalistas estrangeiros para ministrar cursos sobre o tema até o reconhecimento e regulamentação da especialidade e fundação do Instituto de Psicanálise de São Paulo, que passou a oferecer formação em Psicanálise de Criança.

Abrão, ainda, no ano de 2012, dando segmento aos seus estudos historiográficos, defende a tese de livre-docência intitulada “As vicissitudes da clínica psicanalítica com crianças no século XXI: delimitação de parâmetros técnicos no contexto brasileiro”. Neste seu mais recente trabalho, preconiza que desde o surgimento da psicanálise com crianças no início da década de 1920, por intermédio dos trabalhos de Melanie Klein e Anna Freud, muitas transformações ocorreram na técnica da análise infantil. Entre os fatores que contribuíram para ampliação e modificação de parâmetros técnicos, destacam-se: as mudanças sociais e o próprio desenvolvimento da psicanálise. Durante o século XX, ocorreram muitas transformações nas relações sociais, cujos reflexos reverberaram na concepção de infância

vigente na sociedade, ou na forma de educação das crianças. Por outro lado, a ampliação dos quadros clínicos abordados pela psicanálise e a difusão do conhecimento psicanalítico para outros países, com contextos culturais diversos, levaram a modificações na prática clínica com crianças.

Partindo da hipótese de que estas transformações tiveram reflexo na clínica psicanalítica com crianças no Brasil tanto nas formas de manifestação do sofrimento psíquico, quanto no manejo da técnica, a presente pesquisa tem por objetivo investigar as especificidades técnicas da clínica psicanalítica com crianças no século XXI, a partir da experiência de psicanalistas que atuam na prática clínica e na formação de outros profissionais.

Tomando como referência o método histórico contextual, a pesquisa consistiu inicialmente em um levantamento bibliográfico sobre o tema em periódicos nacionais no período de 1996 e 2010, a partir do qual foram definidos nove autores com maior número de publicações que, posteriormente, foram entrevistados. Com base nos dados obtidos nas entrevistas, foi possível identificar duas grandes fronteiras de desenvolvimento teórico e técnico da psicanálise com crianças no contexto brasileiro: as práticas clínicas de intervenção na relação mãe-bebê e a análise de pacientes em que prevalecem estados mentais primitivos, dos quais o autismo tornou-se um elemento paradigmático. A partir destas práticas foram introduzidas variações técnicas que se consolidaram como tendências na psicanálise com crianças de forma mais abrangente, tais como: introdução dos pais no *setting* psicanalítico, relativização da importância e variação nas formas de utilização do brincar durante a análise e utilização de interpretação para descrever experiências emocionais em vez de transcrever significados simbólicos.

Após destacarmos os principais modelos de investigação histórica em psicanálise que se consagraram nas últimas décadas, estamos em condições de apresentar os princípios fundamentais e o plano metodológico da presente pesquisa.

#### **4.5 Delimitação da Pesquisa**

Delimitando as principais possibilidades e dificuldades do estudo proposto, cabe-nos agora definir as fontes históricas que irão sustentar a presente proposta de pesquisa. Assim, entre as diversas fontes históricas disponíveis, procuraremos privilegiar aquelas que se coadunem de forma mais harmoniosa e produtiva com as características de nosso objeto de estudo.

Com o intuito de possibilitar uma melhor compreensão sobre as práticas psicanalíticas com crianças nas universidades brasileiras, de acordo com os objetivos desta pesquisa, optamos por fazer uso apenas das fontes documentais. Essa opção explica-se pelo que segue. Embora as fontes orais tenham sido utilizadas complementarmente em várias pesquisas do ramo, como vimos anteriormente, o fato de estarmos lidando com dissertações e teses, e estas serem fruto de programas de pós-graduação em psicologia presentes em nosso país, vimos esta opção ser inviabilizada, já que, atualmente, de acordo com o Portal Capes, contamos com cerca de 127 Programas de Pós-Graduação em psicologia. Dessa forma, a realização de entrevistas com autores-pesquisadores das dissertações e teses, que tenham tido ou tenham expoência significativa em seus trabalhos com psicanálise infantil, demandaria tempo e investimento superiores ao disponível para a presente pesquisa. Cientes de que as entrevistas teriam a finalidade de aprofundar os dados obtidos nos trabalhos escritos, e que isso enriqueceria muito a pesquisa, esta é uma limitação do estudo que culminou no presente percurso metodológico.

Considerando a abrangência de todos esses acontecimentos que influenciaram a produção teórica de análise de crianças no âmbito universitário, especificamente no nível de pós-graduação, no âmbito desta pesquisa procuraremos considerar apenas as dissertações e teses emanadas das universidades brasileiras.

Partindo deste princípio, fizemos inicialmente um levantamento relativo à produção brasileira sobre psicanálise com crianças, no período compreendido entre os anos de 1980 a 2010. No entanto, os dados fornecidos pelo indexador apresentaram somente três teses defendidas nas décadas de 1980 e 1990, espaçadas entre os anos de 1983, 1991 e 1996. O maior montante de trabalhos foi localizado entre os anos de 2000 e 2010, razão pela qual privilegiamos este período na presente pesquisa. No total, foram localizados 98 trabalhos.

O levantamento foi realizado durante o mês de agosto de 2014, a partir das dissertações e teses indexadas na base de dados Biblioteca Virtual de Saúde Psicologia (BVS - Psi). Esta biblioteca virtual reúne informações da Rede Nacional de Bibliotecas da Área da Saúde, do Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Psicologia da USP e do Conselho Federal de Psicologia. O levantamento teve por objetivo identificar as dissertações e teses sobre psicanálise com crianças surgidas no período delimitado para o estudo. Esta base de dados apresenta abrangência e confiabilidade, possibilitando adotá-la com segurança.

Visando obter maior abrangência possível no que se refere à identificação de dissertações e teses relativas à psicanálise com crianças indexadas no portal, elegemos alguns descritores abrangentes que nos permitam abarcar um conjunto expressivo de trabalhos. Deste

modo, durante a realização deste levantamento, empregamos os seguintes descritores: 1. psicanálise de crianças, 2. psicanálise infantil, 3. relação pais filhos psicanálise, 4. relação mãe bebê psicanálise. Evidentemente, temos consciência de que muitas dissertações e teses dedicadas ao tema da psicanálise com crianças estão indexados sob a rubrica de outros descritores mais específicos, no entanto, na impossibilidade de abarcar a diversidade de temas que se articulam com o foco principal desta pesquisa, optamos por empregar descritores mais abrangentes que, em princípio, congregam o maior número de trabalhos possível, conferindo maior representatividade ao levantamento em tela.

Embora tenha deixado de abarcar muitos outros trabalhos desenvolvidos dentro do campo abrangente da Psicanálise com Crianças, indexados sob outros descritores, a delimitação imposta pelos descritores aqui empregados, apesar de se caracterizar como um limitação real da pesquisa, não a torna viciosa ou não representativa do tema abordado. Entendemos que o número de teses e dissertações examinadas neste estudo compõe uma amostra representativa de um conjunto muito mais amplo de trabalhos circunscritos na esfera da Psicanálise com Crianças. Em síntese, a presente pesquisa não tem a intenção de exaurir a totalidade de trabalhos produzidos no período, mas sim de analisar um conjunto de teses e dissertações identificadas por seus autores como trabalhos circunscritos ao campo da Psicanálise com Crianças no Brasil e representativos de tendências teóricas e técnicas que se expressam por parte da produção acadêmica sobre psicanálise infantil no Brasil.

Uma vez definidos os descritores empregados na pesquisa, cabe ainda esclarecer os critérios de inclusão das dissertações e teses para efeito de análise no âmbito deste estudo. Serão consideradas válidas, para efeitos deste estudo, todas as dissertações e teses que guardem alguma relação com a teoria e a técnica psicanalítica com crianças, ainda que sua temática não aborde diretamente questões relativas à técnica. Cabe ressaltar que, ao definir esta seleção, empregamos uma aceção necessariamente abrangente, de forma tal que foram incluídos desde trabalhos clínicos *stricto sensu* até trabalhos de caráter institucional que empregam práticas clínicas *lato sensu*. Desta forma, também foram considerados trabalhos essencialmente teóricos, ou seja, aqueles que traziam discussões relativas à criança ou à infância, com o intuito de subsidiar outros temas como, por exemplo, a educação, a literatura e o direito. Como justificativa para esta escolha, estamos respaldados na compreensão de que a finalidade do levantamento em questão foi a de mapear a produção acadêmica sobre o tema, considerando que esta produção científica dialoga com diversas áreas do conhecimento e utiliza métodos diversos do psicanalítico e, por conseguinte, apresenta denominações e características diferentes.

Para que pudéssemos analisar a pertinência das dissertações e teses encontradas com vistas a decidir sobre sua inclusão neste estudo, foram considerados os seguintes fatores: título do trabalho, as palavras-chave empregadas e, sobretudo, os resumos que continham informações mais detalhadas sobre a natureza e objetivos do trabalho. Sendo assim, foram excluídos os trabalhos que não atendiam os fatores descritos acima.

Orientados por estes critérios, selecionamos um total de 74 dissertações e teses, que se encontram distribuídas ao longo dos 10 anos pesquisados. Na sequência, apresentaremos um estudo quantitativo sobre os trabalhos selecionados.

## 5 UM ESTUDO QUANTITATIVO SOBRE O TEMA PSICANÁLISE DE CRIANÇAS NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

Neste capítulo, serão apresentados resultados quantitativos desta pesquisa. Com a finalidade de traçar um panorama que caracterize o conjunto de trabalhos sobre o tema ao longo do período histórico estudado, faremos um levantamento quantitativo, no qual destacamos: o número de dissertações e teses; autores; orientadores; ano de publicação; origem institucional; autores mais citados como referencial teórico; categorias de análise criadas.

Os dados obtidos encontram-se, a seguir, dispostos em quadros para uma melhor apresentação. No primeiro quadro, deparamo-nos com dados gerais das dissertações e teses, tais como, ano de publicação e número total:

QUADRO 1 – DISTRIBUIÇÃO DO NÚMERO DE DISSERTAÇÕES E TESES POR ANO

ANO	NÚMERO DE DISSERTAÇÕES	NÚMERO DE TESES	NÚMERO DE TOTAL DE TRABALHOS
2010	1	2	3
2009	1	2	3
2008	5	2	7
2007	3	2	5
2006	7	4	11
2005	7	2	9
2004	6	1	7
2003	5	3	8
2002	7	2	9
2001	7	1	8
2000	3	1	4
<b>TOTAL</b>	<b>52</b>	<b>22</b>	<b>74</b>

Fonte: BVS Psicologia ULAPSI Brasil

A primeira questão a ser destacada no QUADRO 1 refere-se à intensidade e à inconstância do crescimento da atividade dos trabalhos selecionados. Durante o período de 2000 a 2006, vemos um crescimento no número de dissertações e teses defendidas, seguido de um declínio nos anos seguintes. No caso em tela, os indicadores revelam que, no período considerado de 2000 a 2010, foram defendidas 74 dissertações e teses sobre o tema. Apesar da

inconstância em determinado período, isto demonstra uma produção ativa sobre o tema nos Programas de Pós-Graduação em Psicologia em nosso país, representada por meio dos trabalhos selecionados.

Apresentamos na sequência quadros descritivos contendo todos os trabalhos selecionados, distribuídos por ano de publicação.

QUADRO 2 – RELAÇÃO DE DISSERTAÇÕES E TESES NO ANO DE 2010

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>D/T</b>	<b>ORIENTADOR</b>	<b>IES</b>
<b>Estudo exploratório dos indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil e da avaliação psicanalítica aos 3 anos para avaliar a qualidade de vida e condição sintomática aos seis anos</b>	DI PAOLO, Angela Flexa	D	Lerner, Rogério.	IPUSP/USP
<b>Uma proposta de prática psicológica para casos de desaparecimento de crianças e adolescentes</b>	FIGARO-GARCIA, Claudia	T	Herzberg, Eliana.	IPUSP/USP
<b>Alcance e limites teórico-metodológicos da pesquisa multicêntrica de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil</b>	PESARO, Maria Eugênia	T	Kupfer, Maria Cristina Machado.	IPUSP/USP

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 3 – RELAÇÃO DE DISSERTAÇÕES E TESES NO ANO DE 2009

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>D/T</b>	<b>ORIENTADOR</b>	<b>IES</b>
<b>As aventuras de Alice no país das maravilhas e na Emia: Winnicott e a educação</b>	OLIVEIRA, Marcia Laguna de	T	Motta, Ivonise Fernandes da	IPUSP/USP
<b>Do squiggle da consulta terapêutica ao desenho coletivo na intervenção institucional</b>	PEZO DEL PINO, Maria Antonieta	D	Fernandes, Maria Ines Assumpção	IPUSP/USP
<b>Para além do seio: uma proposta de intervenção psicanalítica pais-bebê, a partir da escuta dos sentidos ocultos nas dificuldades de amamentação, como auxiliar no desenvolvimento</b>	FELICIANO, Denise de Sousa Monteiro	T	Souza, Audrey Setton Lopes	IPUSP/USP

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 4 – RELAÇÃO DE DISSERTAÇÕES E TESES NO ANO DE 2008

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>D/T</b>	<b>ORIENTADOR</b>	<b>IES</b>
<b>Contribuições da psicanálise para a educação: o grupo como sujeito da criação</b>	LEVISKY, Flavia Blay	D	Silva Junior, Nelson da.	IPUSP/USP
<b>Compreendendo a fobia em odontopediatria por meio de intervenções com o Procedimento de Desenhos-Estórias</b>	OLIVEIRA, Fatima Cristina Monteiro de	D	Amiralian, Maria Lucia Toledo Moraes.	IPUSP/USP
<b>Sentidos e sujeitos discursivos: filhos e netos do narcotráfico no movimento do discurso</b>	PATTI, Ane Ribeiro	D	Romão, Lucília Maria Sousa.	USP/RP
<b>A devolução de crianças e adolescentes adotivos sob a ótica psicanalítica: reedição de histórias de abandono</b>	GHIRARDI, Maria Luiza de Assis Moura	D	Loffredo, Ana Maria.	IPUSP/USP
<b>Encontro entre a psicanálise e a pediatria: impactos da depressão puerperal para o desenvolvimento da relação mãe-bebê e do psiquismo infantil</b>	FOLINO, Cristiane da Silva Geraldo	D	Souza, Audrey Setton Lopes	IPUSP/USP
<b>A clínica do bebê pré-termo e a escuta dos pais: questões para a psicanálise</b>	DIAS, Mariangela de Andrade Maximo	T	Prizskulnik, Leia.	IPUSP/USP
<b> Holding: o contexto da neurogênese. Uma aproximação de Winnicott à neurociência do desenvolvimento</b>	CAUDURO, Célia Regina de Souza	T	Bueno, Jose Lino Oliveira	IPUSP/USP

**Fonte:** Elaboração do autor

QUADRO 5 – RELAÇÃO DE DISSERTAÇÕES E TESES NO ANO DE 2007

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>D/T</b>	<b>ORIENTADOR</b>	<b>IES</b>
<b>A imagem do corpo em psicanálise e no atendimento de crianças</b>	HOLPERT, Estevam Colacicco	D	Prizskulnik, Léia	IPUSP/USP
<b>A formação do psicólogo e o atendimento a deficientes visuais e suas famílias no contexto de clínica-escola</b>	VILELA, Elisa Marina Bourroul	T	Amiralian, Maria Lúcia Toledo Moraes	IPUSP/USP
<b>Possibilidades e limites do tratamento psicanalítico da psicose infantil em instituições de saúde mental</b>	SOARES, Julia Maciel	D	Kupfer, Maria Cristina Machado	IPUSP/USP
<b>As interações corporais entre a mãe e o bebê nos primórdios da constituição psíquica: um estudo a partir da experiência de observação na técnica Esther Bick</b>	STOIANI, Luciana Pereira	D	Coelho Junior, Nelson Ernesto	IPUSP/USP
<b>Cuidar, educar e prevenir: as funções da creche no desenvolvimento e na subjetivação de bebês</b>	MARIOTTO, Rosa Maria Marini	T	Kupfer, Maria Cristina Machado	IPUSP/USP

**Fonte:** Elaboração do autor

QUADRO 6 – RELAÇÃO DE DISSERTAÇÕES E TESES NO ANO DE 2006

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>D/T</b>	<b>ORIENTADOR</b>	<b>IES</b>
<b>No reino das espertezas: uma luz clareia o estranho revelador das fragmentações. Um estudo centrado na violência e no abuso sexual na infância</b>	SÁ, Maria Luiza Bustamante Pereira de	T	Seminério, Maria Luiza Teixeira de Assunção Lo Preste	PPGP/UFRJ
<b>A entrada da criança no ambiente escolar: reflexões sobre o processo de adaptação em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI)</b>	COSTA, Christiane Laurito	D	Souza, Audrey Setton Lopes	IPUSP/USP
<b>A noção de alteridade no estudo das psicoses infantis</b>	FARIA, Carina Arantes	D	Kupfer, Maria Cristina Machado	IPUSP/USP
<b>O lugar do pai no atendimento pais-bebê: consequências para o desenvolvimento da criança</b>	BARROS, Adriana Fontes Melo do Rêgo	D	Adriana Fontes Melo do Rêgo	IPUSP/USP
<b>Intervenção precoce: o alcance da escuta psicanalítica de pais e bebês</b>	NAKAGAWA, Patricia Yumi	D	Amiralian, Maria Lúcia Toledo Moraes	IPUSP/USP
<b>Leitura psicanalítica do desenvolvimento e suas implicações para o tratamento de crianças</b>	PETRI, Renata	T	Kupfer, Maria Cristina Machado	IPUSP/USP
<b>Psicanálise e cidadania: correndo riscos e tecendo laços</b>	ROGONE, Heloisa Maria Heradão	T	Souza, Audrey Setton Lopes	IPUSP/USP
<b>Da fantasia de infância ao infantil na fantasia: A direção do tratamento na psicanálise com crianças</b>	SILVA, Ana Laura Bicalho Prates e	T	Prizskulnik, Leia	IPUSP/USP
<b>Crianças que não conseguem esquecer: sobre o traumático na infância</b>	FERREIRA, Marcia Regina Porto	D	Mezan, Renato	PUC/SP
<b>Ameaças à infância: do trauma psíquico ao transtorno de estresse pós-traumático</b>	SILVA, Flávia Cristina Amaro da	D	Araújo, Ceres Alves	PUC/SP
<b>A latência hoje: reflexões acerca da organização psíquica da sexualidade em crianças de 9 anos</b>	PINHEIRO, Gianna Filgueiras Mohana	D	Tardivo, Leila Cury	PUC/SP
<b>Os jovens e o agir: respostas ao mal-estar</b>	ZANOTTI, Susane Vasconcelos	T	Besset, Vera Lopes	PPGP/UFRJ

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 7 – RELAÇÃO DE DISSERTAÇÕES E TESES NO ANO DE 2005

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>D/T</b>	<b>ORIENTADOR</b>	<b>IES</b>
<b>O abrigo pode ser um ambiente facilitador do desenvolvimento de crianças e adolescentes? Grupo psicoterapêutico como instrumento de trabalho</b>	ROTONDARO, Daniela Pacheco	D	Motta, Ivonise Fernandes	IPUSP/USP
<b>A constituição do sujeito na psicanálise lacaniana: a separação e seus impasses</b>	BRUDER, Maria Cristina Ricotta	D	Brauer, Jussara Falek	IPUSP/USP
<b>As relações interpessoais nos transtornos autísticos: uma abordagem interdisciplinar da psicanálise e da etologia</b>	FONSECA, Vera Regina Jardim Ribeiro Marcondes	T	Bussad, Vera Silva Raad	IPUSP/USP
<b>Em busca da comunicação significativa: Transformações no olhar de uma analista na clínica da inibição intelectual</b>	PARENTE, Sonia Maria Berbare Albuquerque	D	Figueiredo, Luiz Claudio Mendonça	PUC/SP
<b>A realização imaginária do desejo inconsciente num grupo terapêutico de crianças: a saída edípica e a entrada no período de latência</b>	KRUG, Jefferson Silva	D	Seminotti, Nedio Antônio	PUC/RS
<b>Intervenção psicológica no sofrimento psíquico de criança e de adolescente envolvidos com processos em tramitação na justiça</b>	COLACIQUE, Maria Aparecida Mazzante	T	Tolentino, Rosa José	IPUSP/USP
<b>Adolescência e psicose: da exclusão à construção de novos lugares no social</b>	SANTOS, Volmir Mielczarski dos	D	D'Agord, Marta Regina de Leão	IP/UFRS
<b>O método de observação da relação mãe-bebê, de Esther Bick, e a formação do psicoterapeuta</b>	CORTE, Juçara	D	Nunes, Maria Lucia Tiellet	PUC/RS
<b>Contribuições da Psicanálise Winnicottiana às rotinas neonatais</b>	QUINTINO, Regina Mello	D	Loparik, Zeljko	PUC/SP

**Fonte: Elaboração do autor**

QUADRO 8 – RELAÇÃO DE DISSERTAÇÕES E TESES NO ANO DE 2004

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>D/T</b>	<b>ORIENTADOR</b>	<b>IES</b>
<b>Articulações psicanalíticas em torno do tratamento de crianças psicóticas</b>	NAVEGANTES, Lia de Freitas	D	Kupfer, Maria Cristina Machado	IPUSP/USP
<b>Efeitos psíquicos da visualização celular no tratamento de crianças com leucemia</b>	MOUSQUER, Denise Nunes	D	Muller, Marisa Campio	PUC/RS
<b>Psicoterapia psicanalítica com crianças e adolescentes institucionalizados</b>	ALBORNOZ, Ana Celina Garcia	D	Nunes, Maria Lucia Tiellet	PUC/RS
<b>A contratransferência na análise de crianças e adolescentes: uma via de acesso ao inconsciente</b>	PATELLA, Luciana	D	Seminério, Maria Luiza Teixeira de Assunção Lo Preste	PPGP/UFRJ
<b>A técnica psicoterapêutica psicanalítica com o latente: implicações ao terapeuta</b>	LOPEZ, Vanessa Beckenkamp	D	Nunes, Maria Lucia Tiellet	PUC/RS
<b>Latência e transmissão: uma abordagem psicanalítica da eficácia do ato educativo na infância – entendido como tarefa e dívida paterna para a constituição do sujeito e para a maximização do êxito do trabalho da adolescência</b>	RUFFINO, Rodolpho	D	Kupfer, Maria Cristina Machado	IPUSP/USP
<b>Uma questão entre psicanálise e educação: sobre a etiologia do fracasso escolar</b>	COHEN, Ruth Helena Pinto	T	Besset, Vera Lopes	PPGP/UFRJ

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 9 – RELAÇÃO DE DISSERTAÇÕES E TESES NO ANO DE 2003

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>D/T</b>	<b>ORIENTADOR</b>	<b>IES</b>
<b>Inclusão escolar: um trabalho com professores a partir de operadores da psicanálise</b>	BASTOS, Marise Bartolozzi	D	Kupfer, Maria Cristina Machado	IPUSP/USP
<b>Especificidades da comunicação no trabalho clínico com crianças</b>	CASTELO, Maria Tereza Pinheiro	T	Campos, Elisa Maria Parahyba	IPUSP/USP
<b>O lugar do pai: subjetividade, clínica e contemporaneidade – reflexões a partir de uma leitura freudiana</b>	MONTSERRA, Maria Tereza Viscarri	D	Gomes, Isabel Cristina	IPUSP/USP
<b>A observação lúdica e o psicodiagnóstico compreensivo: aplicações do referencial de análise do procedimento de desenhos-estórias</b>	MENICHETTI, Dagmar	D	Tardivo, Leila Salomão de La Plata Cury	IPUSP/USP
<b>Violência entre gerações: trilhamentos da repetição</b>	RIBEIRO, Leila Maria Amaral	T	Seminério, Maria Luiza Teixeira de Assunção Lo Preste	PPGP/UFRJ
<b>A criança autista em trabalho: considerações sobre o outro na clínica do autismo</b>	RIBEIRO, Jeanne Marie de Leers Costa	D	Grimberg, Angélica Bastos de Freitas Rachid	PPGTP/UFRJ
<b>O autismo nos (des)caminhos da feminilidade: o lugar da função materna na ocorrência de autismo infantil</b>	REIS, Daniela Bridon dos Santos	D	Souza, Fernando Aguiar Brito	PPGP/UFSC
<b>O papel das primeiras experiências infantis no desenvolvimento afetivo: a idéia do determinismo infantil</b>	FERREIRA, Cyntia de Almeida Leonel	D	Lomônaco, José Fernando B.	IPUSP/USP

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 10 – RELAÇÃO DE DISSERTAÇÕES E TESES NO ANO DE 2002

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>D/T</b>	<b>ORIENTADOR</b>	<b>IES</b>
<b>A relação entre escrita alfabética e escrita inconsciente: um instrumento de trabalho na alfabetização de crianças</b>	FRAGELLI, Ilana Katz Zagury	D	Kupfer, Maria Cristina Machado	IPUSP/USP
<b>Bases psicanalíticas da intervenção precoce: uma clínica preventiva dos transtornos do desenvolvimento</b>	TEPERMAN, Daniela Waldman	D	Daniela Waldman	IPUSP/USP
<b>Filhos autistas e seus pais: um estudo compreensivo</b>	MARTÃO, Maria Izilda Soares	D	Tardivo, Leila Salomão de La Plata Cury	IPUSP/USP
<b>"Tia, você veio?": um estudo dos mecanismos de projeção e introjeção e das relações objetais na psicoterapia psicanalítica de uma criança vítima de abandono</b>	SOUZA, Adriana Borges Tannus de	D	Nunes, Maria Lucia Tiellet	IPUSP/USP
<b>Recortes de interações entre cuidadoras e crianças institucionalizadas: uma avaliação das funções parentais à luz da psicanálise</b>	BOFF, Almerindo Antônio	D	Milnitsky-Sapiro, Clary	IP/UFRG
<b>Um olhar psicanalítico sobre a inclusão de crianças com necessidades educativas especiais em uma escola de ensino regular</b>	PRETTO, Bernardete	D	Caon, José Luiz	IP/UFRG
<b>Retrato de vivências emocionais de crianças recém-abrigadas: observações psicanalíticas por meio do Procedimento de Desenhos</b>	LEONCIO, Wadad Ali Hamad	D	Tardivo, Leila Salomão de La Plata Cury	IPUSP/USP
<b>O Procedimento de Desenhos-Estórias como instrumento de intermediação terapêutica na pré-cirurgia infantil: um estudo qualitativo</b>	TRINCA, Ana Maria Trapé	T	Simon, Ryad	IPUSP/USP
<b>Dos sons à palavra: explorações sobre o tratamento psicanalítico da criança autista</b>	TAFURI, Maria Izabel	T	Safra, Gilberto	IPUSP/USP

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 11 – RELAÇÃO DE DISSERTAÇÕES E TESES SOBRE PSICANÁLISE COM CRIANÇAS, DEFENDIDAS EM PROGRAMAS BRASILEIROS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA, NO ANO DE 2001

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>D/T</b>	<b>ORIENTADOR</b>	<b>IES</b>
<b>A criança e o complexo de Édipo: do universal teórico ao particular da clínica</b>	FARIA, Michele Roman	T	Brauer, Jussara Falek	IPUSP/USP
<b>A criança, a deficiência e a escola: uma intervenção orientada pela psicanálise</b>	JORDÃO, Márcia Cristina Moreira	D	Maluf, Maria Regina	IPUSP/USP
<b>Em busca do elo perdido: escuta psicanalítica para histórias de adoção</b>	SILVA, Maria Salete Nunes da	D	Amiralian, Maria Lúcia Toledo Moraes	IPUSP/USP
<b>A creche: um elemento a mais na constituição do sujeito</b>	CARVALHO, Maria Teresa Venceslau de	D	Grant, Valkiria Helena	IPUSP/USP
<b>Fala e subjetivação: um estudo sobre os distúrbios da fala na clínica com crianças</b>	ANDRADE, Maria Angelina de Araújo	D	Herzog, Regina	PPGTP/UFRJ
<b>Um estudo psicológico da asma em crianças: considerações acerca da angústia e inibição presentes nessa sintomatologia</b>	BUZINARI, Marlene	D	Seminério, Maria Luiza Teixeira de Assunção Lo Preste	PPGP/UFRJ
<b>Considerações sobre o objeto autístico e o objeto transacional: o autismo em questão</b>	VILAS-BOAS, Celso Augusto Brito	D	Freire, Ana Beatriz	PPGTP/UFRG
<b>O brincar na infância contemporânea</b>	PINHO, Gerson Smiech	D	Freitas, Lia Beatriz de Lucca	IP/UFRG

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 12 - RELAÇÃO DE DISSERTAÇÕES E TESES SOBRE PSICANÁLISE COM CRIANÇAS, DEFENDIDAS EM PROGRAMAS BRASILEIROS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA, NO ANO DE 2000

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>D/T</b>	<b>ORIENTADOR</b>	<b>IES</b>
<b>A criança com distúrbio neurológico e a psicanálise</b>	SILVA, Ana Paula Pires da	D	Prizskulnik, Leia	IPUSP/U SP
<b>O lugar do profissional no tratamento institucional da criança psicótica: analista ou educador?</b>	PETRI, Renata	D	Kupfer, Maria Cristina Machado	IPUSP/USP
<b>A construção do conhecimento na psicose infantil: uma razão a mais para se pensar a psicanálise na educação</b>	GOUVEIA, Denise da Cruz	D	Denise da Cruz	IPUSP/USP
<b>A criança no discurso do outro: ensaios sobre a clínica dos distúrbios graves na infância</b>	BRAUER, Jussara Falek	T.L.D	.	IPUSP/USP

Fonte: Elaboração do autor

Em uma primeira apreciação dos quadros expostos, podemos confirmar a análise preconizada anteriormente, que aponta para o fato de existir uma produção ativa sobre a temática Psicanálise de Crianças na maioria das universidades brasileiras onde os trabalhos foram desenvolvidos. Confirma-se, também, a abrangência dos estudos sobre o tema em diversos Programas de Pós-Graduação em psicologia em nosso país, pois, somente neste estudo, localizamos 74 dissertações e teses defendidas em 8 IES.

Podemos, no Quadro 13, a seguir, apreciar a origem institucional das dissertações e teses.

### QUADRO 13

#### QUADRO 13 – DISTRIBUIÇÃO DE DISSERTAÇÕES E TESES POR PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

IES	DISSERTAÇÕES	TESES	TOTAL
IPUSP/USP <sup>11</sup>	35	18	50
PPGP/UFRJ <sup>12</sup>	2	2	4
PUC/RS <sup>13</sup>	3	-	3
IP/UFRS <sup>14</sup>	5	-	5
PPGTP/UFRJ <sup>15</sup>	2	-	2
PPGP/UFSC <sup>16</sup>	1	-	1
PUC/SP <sup>17</sup>	5	-	5
USP/RP <sup>18</sup>	1	-	1
<b>TOTAL 8</b>	<b>54</b>	<b>20</b>	<b>74</b>

Fonte: Elaboração do autor

No tocante à origem institucional e geográfica das teses e dissertações encontradas no levantamento realizado, é possível considerar que a maior concentração de trabalhos se encontra distribuída entre as instituições da região sul e sudeste. Vejamos como essa característica se manifesta. Observa-se, no quadro anterior, uma prevalência de trabalhos defendidos no Instituto de Psicologia da USP. Tal característica pode ser justificada pelo fato de a Universidade de São Paulo ser umas das mais tradicionais e a maior da América Latina e, também, contar com incentivos e fomentos à pesquisa, quantitativamente maiores do que as demais. É fato que todas as áreas têm recebido apoio institucional da Coordenação de

<sup>11</sup> Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

<sup>12</sup> Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>13</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

<sup>14</sup> Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>15</sup> Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>16</sup> Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>17</sup> Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

<sup>18</sup> Universidade de São Paulo Campus de Ribeirão Preto/SP.

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sob a forma de bolsas e auxílios, bem como da Fundação de Ampara à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para bolsas e desenvolvimento de projetos de pesquisa de docentes.

O IP oferece cinco Programas de Pós-Graduação, dois dos quais – Psicologia Escolar e Experimental – desde sua criação em 1970, Psicologia Clínica, em 1975, Psicologia Social, em 1976, e a quinta, Neurociências e Comportamento, em 1992. Em 2015, encontram-se matriculados 407 alunos de Mestrado e 311 de Doutorado. São defendidas anualmente cerca de 39 dissertações e 32 teses. Em nossa pesquisa, a maioria dos trabalhos dessa instituição emanam da área de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento e Psicologia Clínica.

Ainda em São Paulo, foram localizadas 5 teses e dissertações da Pontifícia Universidade Católica, que conta com três programas de Pós-Graduação em Psicologia, sendo eles: Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, Psicologia Clínica e Psicologia Social. Os trabalhos desta Instituição de Ensino Superior (IES) são provindos do penúltimo programa.

No entanto, também encontramos contribuições de diversas IES de outros estados brasileiros, tais como do Rio de Janeiro. Neste Estado, encontramos a maioria dos trabalhos advindos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRJ, com área de concentração em **Subjetividade, Cognição e Práticas Clínicas**. Atualmente, conta com uma equipe de 15 professores, distribuídos em 3 linhas de pesquisas: Cognição e Subjetividade, Processos Psicossociais e Coletivos e Subjetividade, Cultura e Práticas Clínicas, sendo que a maioria dos trabalhos provêm da última área de concentração.

No sul, encontramos as contribuições do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O Instituto de Psicologia da UFRGS oferece formação em nível de pós-graduação em três programas de pós-graduação *stricto-sensu*: Programa de Pós-Graduação em Psicologia, com quatro linhas de pesquisa, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional e o recém-credenciado Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura. A maioria dos trabalhos são provenientes do primeiro programa, que possui uma tradição em estudos do desenvolvimento humano.

Mesmo contando com um número maior de dissertações e teses sobre a temática psicanálise com crianças nas IES citadas, também contamos com contribuições significativas dos estados de Santa Catarina – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade federal de Santa Catarina – e de cidades do interior do Estado de São Paulo – Programa de

Pós-Graduação em Psicologia da USP de Ribeirão Preto/SP. Fato que aponta para uma abrangência nacional de pesquisadores dedicados ao estudo do tema.

Talvez, neste ponto, podemos encontrar um dos limites da presente pesquisa, considerando que o indexador apresentou um maior número de trabalhos advindos da USP. É preciso considerar, no entanto, que nas demais IES com certeza também devem ter sido defendido um número significativo de trabalhos sobre a temática, levando em conta a origem institucional dos pesquisadores que orientam sobre este assunto, como podemos visualizar no quadro seguinte.

Outro dado que merece atenção na presente pesquisa é o número de profissionais que mais orientaram trabalhos sobre o tema. Dispomos dos dados no Quadro 14, a seguir.

QUADRO 14 – RELAÇÃO DOS ORIENTADORES

<b>ORIENTADOR</b>	<b>NÚMERO DE ORIENTAÇÕES</b>
<b>Kupfer, Maria Cristina Machado</b>	<b>10</b>
<b>Seminério, Maria Luiza Teixeira de Assunção Lo Preste</b>	<b>04</b>
<b>Amiralian, Maria Lúcia Toledo Moraes</b>	<b>04</b>
<b>Tardivo, Leila Salomão de La Plata Cury</b>	<b>04</b>
<b>Nunes, Maria Lúcia Teillet</b>	<b>04</b>
<b>Souza, Audrey Setton Lopes</b>	<b>04</b>
<b>Priskulnik, Leia</b>	<b>04</b>
<b>Brauer, Jussara Falek</b>	<b>03</b>
<b>Motta, Ivonise Fernandes da</b>	<b>02</b>
<b>Tolentino, Rosa José</b>	<b>01</b>
<b>Muller, Marisa Campio</b>	<b>01</b>
<b>Cruz, Denise da</b>	<b>01</b>
<b>Freitas, Lia Beatriz de Lucca</b>	<b>01</b>
<b>Freire, Ana Beatriz</b>	<b>01</b>
<b>Herzog, Regina</b>	<b>01</b>
<b>Grant, Valkiria Helena</b>	<b>01</b>
<b>Maluf, Maria Regina</b>	<b>01</b>
<b>Waldman, Daniela</b>	<b>01</b>
<b>Milnitsky-Sapiro, Clary</b>	<b>01</b>
<b>Caon, José Luiz</b>	<b>01</b>
<b>Simon, Ryad</b>	<b>01</b>
<b>Safra, Gilberto</b>	<b>01</b>
<b>Campos, Elisa Maria Parahyba</b>	<b>01</b>
<b>Gomes, Isabel Cristina</b>	<b>01</b>
<b>Grimberg, Angélica Bastos de Freitas Rachid</b>	<b>01</b>
<b>Souza, Fernando Aguiar Brito</b>	<b>01</b>
<b>Lomônaco, José Fernando B.</b>	<b>01</b>
<b>Loparik, Zeljko</b>	<b>01</b>
<b>Leão, Regina de</b>	<b>01</b>
<b>Fernandes, Maria Ines Assumpção</b>	<b>01</b>
<b>Lerner, Rogério</b>	<b>01</b>
<b>Herzberg, Eliana</b>	<b>01</b>
<b>Silva Junior, Nelson da</b>	<b>01</b>
<b>Romão, Lucília Maria Sousa</b>	<b>01</b>
<b>Loffredo, Ana Maria</b>	<b>01</b>
<b>Bueno, Jose Lino Oliveira</b>	<b>01</b>
<b>Coelho Junior, Nelson Ernesto</b>	<b>01</b>
<b>Rêgo, Adriana Fontes Melo do</b>	<b>01</b>
<b>Mezan, Renato</b>	<b>01</b>
<b>Araújo, Ceres Alves</b>	<b>01</b>
<b>Bussad, Silva Raad</b>	<b>01</b>
<b>Figueiredo, Luiz Claudio Mendonça</b>	<b>01</b>
<b>Seminotti, Nedio Antônio</b>	<b>01</b>
	<b>74</b>

Fonte: Elaboração do autor

O Quadro 14 nos permite comentar quais orientadores possuem uma produção maior de trabalhos sobre o tema localizados em nossa busca. Alguns orientam desde o início da década de 2000, até 2010. Outros apresentam uma produção menor, porém não menos significativa, devido à relevância e importância do assunto abordado.

Entre os docentes que mais orientaram destaca-se, com 10 trabalhos, a Doutora Maria Cristina Machado Kupfer, que atualmente é Professora Titular da Universidade de São Paulo e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, atuando principalmente nos seguintes temas: psicanálise, infância, pesquisa interdisciplinar, educação especial, autismo e psicose infantil.

Em seguida, com quatro orientações sobre a temática psicanálise com crianças, localizamos as seguintes profissionais:

Maria Luiza Teixeira de Assunção Lo Preste Seminário, que atualmente é Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro e orientadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia desta mesma Instituição. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia do Desenvolvimento Humano. Atua principalmente nos seguintes temas: intersubjetividade, psicologia e psicanálise.

Maria Lúcia Toledo Moraes Amiralian também aparece com 4 orientações. Atualmente é professora colaboradora senior do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento da Universidade de São Paulo e docente e orientadora do Centro Winnicott de São Paulo. Atua principalmente nos seguintes temas: Desenvolvimento e intervenções baseados na teoria do amadurecimento de Winnicott para pessoas com diferenças significativas em relação à maioria da população. É especializada no atendimento a pessoas com Deficiência Visual. Possui livros e artigos relacionados à questão da Deficiência, notadamente a deficiência visual, e sobre a teoria e as técnicas winnicottianas.

Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo é Professora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, na Graduação e na Pós Graduação em Psicologia Clínica. Atua principalmente nos seguintes temas: clínica social (violência contra crianças e adolescentes), Psicodiagnóstico, Técnicas Projetivas, Psicopatologia, Crianças e Adolescentes.

Maria Lucia Tiellet e Souza Nunes atualmente é professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, tendo orientado diversos trabalhos no Programa de Pós-Graduação em Psicologia dessa IES. Atua principalmente nos seguintes temas: Psicoterapia, Crianças, Psicanálise, Materiais terapêuticos, Psicopatologia e Relação Mãe-Bebê.

Audrey Setton Lopes de Souza atualmente é professora do Instituto Sedes Sapientiae e professora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, onde também é

orientadora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento. Atua principalmente nos seguintes temas: psicanálise, psicodiagnóstico, técnicas de exame psicológico, relações pais-bebê, desenvolvimento psíquico e inibição intelectual.

O Quadro 15 apresenta os autores mais citados como referencial teórico nos trabalhos analisados. Foram realizadas consultas aos resumos, método e referências dos trabalhos para localização dos dados a seguir.

**QUADRO 15 – DISTRIBUIÇÃO DO NÚMERO DE AUTORES MAIS CITADOS, NAS DISSERTAÇÕES E TESES, COMO REFERENCIAL TEÓRICO**

<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>NÚMERO</b>
<b>Lacan, J.</b>	25
<b>Freud, S.</b>	19
<b>Winnicott, D.</b>	19
<b>Klein, M.</b>	7
<b>Trinca, Walter</b>	4
<b>Tustin, F.</b>	4
<b>Bion, W.</b>	2
<b>Bick, E.</b>	2
<b>Herrmann, F.</b>	1
<b>Dolto, F.</b>	1
<b>Spitz, R.</b>	1
<b>Freud, A.</b>	1
<b>Aberastury, A.</b>	1
<b>Bowlby, J.</b>	1
<b>Alvarez, A.</b>	1
<b>Mannoni, M.</b>	1

**FONTE:** Elaboração do autor

O Quadro 15 nos mostra números que apontam Lacan em primeiro lugar, como principal norteador dos trabalhos psicanalíticos com crianças, nas teses e dissertações analisadas. Em compensação, seguem Freud e Winnicott em segundo lugar, e Klein em terceiro. Paralelamente, em estudo anterior, quando foi realizada a mesma análise dos autores mais citados como referencial teórico em artigos publicados em periódico brasileiro especializado em psicanálise, os três últimos autores também foram os mais citados. Tal característica nos permite análise análoga a respeito da difusão e consolidação da psicanálise em nosso país. Esses autores também têm forte influência nas pesquisas desenvolvidas no contexto universitário analisado.

Por sua vez, a maior citação de autores como Lacan nos permite comentar a convergência de dois fatores. De um lado, sua influência teórica no contexto universitário<sup>19</sup>. De outro lado, uma forte influência do pensamento lacaniano na abordagem do trabalho com crianças.

Outro ponto que merece atenção refere-se às citações de dois autores brasileiros que aparecem nos trabalhos analisados: Walter Trinca e Fábio Herrmann. O primeiro destaca-se nas teses e dissertações em que são realizados relatos de caso, onde o procedimento de desenhos estória, por ele desenvolvido possibilitou a análise dos casos descritos.

Os dados apresentados no QUADRO 15 apontam possibilidades de leituras embasadas nas características a respeito da divulgação e consolidação da produção teórica sobre o tema em algumas das Universidades brasileiras, que, de certa forma, delinearão a prática analítica com crianças no meio acadêmico. Até este momento, os dados foram apresentados de maneira quantitativa. A seguir, serão submetidos à análise qualitativa, mediante descrição dos dados obtidos por meio de da leitura e análise dos mesmos.

Antes, no entanto, serão apresentadas algumas explicações sobre as categorias criadas para análise dos trabalhos.

### **5.1 Criando categorias e especificando temas: algumas considerações sobre a análise das dissertações e teses.**

Os critérios para análise dos trabalhos seguiram dois princípios: primeiramente, por intermédio dos descritores informados na delimitação da pesquisa - 1. psicanálise de crianças, 2. psicanálise infantil, 3. relação pais filhos psicanálise, 4. relação mãe bebê psicanálise, e, paralelamente, tomaremos como referência os temas principais que surgiram na leitura dos trabalhos.

As teses e dissertações foram lidas, analisadas e divididas em quatro categorias:

- Contextos Institucionais: relatos de experiência envolvendo organizações de serviços e atendimentos de crianças em instituições;
- Estudos Conceituais: trabalhos que buscam aprofundar e discutir questões teóricas e relacionar a psicanálise com crianças a outras áreas do conhecimento;

---

<sup>19</sup> Segundo Herrmann (2003), ao entrarem na Universidade, os analistas lacanianos, ao contrário dos da International Psychoanalytical Association, podiam dedicar mais tempo e mais empenho à atividade acadêmica. Por conta disso, foi-se formando um estilo universitário, fortemente influenciado pelo discurso lacaniano, porém, fora de seus quadros.

- Relatos Clínicos: trabalhos cujas questões teóricas e técnicas são apresentadas, discutidas e aprofundadas, e, em sua maioria, complementadas com um caso clínico;
- Quadros Clínicos Específicos: estudos em que são apresentadas e discutidas questões relativas a psicose infantil, autismo e deficiência, seja em contextos específicos - estudo de caso – seja institucionais.

Os critérios adotados para definição de tais categorias passaram a ser configurados à medida que foram sendo realizadas as leituras dos trabalhos. Podemos acompanhar a divisão dos trabalhos nas categorias criadas no QUADRO 16, que segue:

QUADRO 16 – DISTRIBUIÇÃO DE DISSERTAÇÕES E TESES SELECIONADAS POR CATEGORIA

	DISSERTAÇÕES	TESSES	TOTAL
<b>Contextos Institucionais</b>	20	9	29
<b>Estudos Conceituais</b>	18	5	23
<b>Quadros Clínicos Específicos</b>	10	3	13
<b>Relatos Clínicos</b>	7	2	9
<b>Total</b>			74

**Fonte: Elaboração do autor**

A partir do Quadro 16, observamos uma predominância de trabalhos desenvolvidos em contextos institucionais, o que pode ser condizente com uma das características da universidade, que tem como um de seus objetivos a extensão, à comunidade, do conhecimento desenvolvido em seu meio. Em seguida, os estudos conceituais apontam outra característica da produção acadêmica universitária: o aprofundamento e ampliação de conceitos teóricos.

## 5.2 Mais algumas constatações

Finalmente, devemos demonstrar de que forma os resultados da pesquisa serão sistematizados e apresentados nos capítulos finais desta tese. Considerando que esta pesquisa situa-se em um ponto de intersecção entre a investigação histórica e o estudo da produção bibliográfica acadêmica sobre a temática psicanálise com crianças, procuraremos compor um texto que integre as duas vertentes. Demarcaremos os parâmetros teóricos, técnicos e metodológicos que norteiam estes trabalhos. Neste sentido, procuraremos compor um texto que, sem perder sua feição histórica, ofereça uma apresentação didática dos fundamentos da psicanálise com crianças nos trabalhos localizados.

Com o intuito de contextualizar a produção acadêmica sobre psicanálise com crianças dentro do panorama da psicanálise brasileira na primeira década do século XXI, também utilizaremos um modelo cronológico que retrate a evolução desta produção nacional. Assim, os modelos apresentados anteriormente irão sobrepor-se um ao outro no momento da discussão das pesquisas.

Destacaremos, portanto, a natureza dos trabalhos selecionados, como colocado no capítulo anterior, enquadrando-os em quatro temas, nos quais serão consideradas as transformações e as peculiaridades do trabalho psicanalítico com crianças desde a sua criação até a contemporaneidade.

## 6 A PSICANÁLISE COM CRIANÇAS EM CONTEXTOS INSTITUCIONAIS

O início da Psicanálise com crianças é lembrada constantemente por uma prática individual, como nos mostra sua história. No entanto, desde seu início, é possível evidenciar sua aplicação em contextos institucionais. Exemplo disso são as trajetórias profissionais de Anna Freud e Winnicott.

Por volta de 1927, Anna Freud, juntamente com Eva Rosenfeld e Dorothy Burlingham, criou uma escola na residência dos Rosenfeld e, posteriormente, num prédio nos fundos. Crianças entre sete e onze anos, que estavam em análise ou cujos pais estavam se analisando, frequentavam a escola. A escola caracterizava-se por utilizar a interação do lúdico com o experimento e o debate. (YOUNG-BRUEHL, 1992).

Em torno de 1936, Anna Freud cria, em Viena, uma creche experimental para crianças pobres: a creche Jackson. O trabalho desenvolvido consistia em conhecer a infância, em especial o segundo ano de vida. Mais adiante, Anna vinculou a creche à Haus der Kinder, dirigida pela Sociedade Montessori de Viena. A creche passou a admitir crianças carentes e não portadoras de doenças infecciosas, com o intuito de evitar o contágio, já que vinham de famílias carentes, que não teriam condições financeiras para tratá-las, caso houvesse necessidade.

Com a chegada da 2ª guerra mundial, por serem judeus, Anna e sua família fugiram para Londres. Após a morte do pai, em setembro de 1939, Anna criou abrigos temporários para crianças vítimas de guerra (YOUNG-BRUEHL, 1992). Com doações e materiais trazidos da creche Jackson, criou o Centro de Repouso Infantil em Wedderburn Road, destinado a crianças que não podiam ser evacuadas com as suas mães ou que apresentavam dificuldades quando adotadas. Depois, em 1942, após a crise financeira, a Wedderburn Road tornou-se jardim de infância.

Em 1941, Anna Freud ampliou e inaugurou mais dois prédios: uma casa de campo para crianças mais velhas em New Barn, em Essex, e o Centro de Repouso de Bebês em Netherhall Gardens, em Hampstead (YOUNG-BRUEHL, 1992). A creche de Hampstead tinha por objetivo fazer que os pais ausentes se envolvessem na vida das crianças. Para isso, até podiam trabalhar lá e assim cuidar dos filhos. Era conhecida pelo seu aspecto psicanalítico singular. Através dessas vivências, Anna desenvolveu teorias como a de que o trauma é causado pela forma como ocorre a separação. Além disso, promoveu treinamentos, seminários, simpósios.

Por sua vez, Winnicott teve uma longa experiência clínica como médico assistente no Paddington Green Children's Hospital, onde se manteve por cerca de quarenta anos.

Em um período final de sua aproximação com Klein, em 1939, Winnicott inicia uma nova experiência profissional que contribuiu decisivamente para o fortalecimento de certos pontos de vista que se revelariam originais no campo da psicanálise. Trata-se da experiência dos tempos de guerra, quando Winnicott trabalhou como psiquiatra consultor do Plano de Evacuação de uma determinada região da Inglaterra. Esse plano, que ele definiu como uma história de tragédias, consistia na retirada de crianças das grandes cidades – mais vulneráveis aos ataques de guerra – e no alojamento dessas crianças em lares substitutos. (ROUDINESCO; PLON, 1998)

As crianças evacuadas eram então enviadas para lares comuns, que funcionavam temporariamente – durante a guerra – como lares adotivos. Nesse contexto, logo se apresentou como problema o fato de que algumas crianças encontravam dificuldades de adaptação nos lares substitutos. Tais dificuldades envolviam problemas relativos ao que Winnicott vinha denominando de tendência antissocial, cuja etiologia era atribuída, nesse período inicial de desenvolvimento teórico, à separação da mãe por um período demasiadamente longo, associado à capacidade da criança, maior ou menor, de tolerá-la. Já em 1939, junto com John Bowlby e Emanuel Miller, Winnicott escreve uma carta ao *British Medical Journal*, atentando para dificuldades que poderiam ocorrer em decorrência da separação das crianças de suas mães durante a guerra.

A ampliação desse tipo de compreensão leva ao entendimento de que as perturbações no ambiente, durante a primeira infância, estão na base da etiologia da tendência antissocial, e que isso poderia ocorrer não somente em função da guerra, mas noutros contextos muito menos agudos que, por algum tipo de perturbação, rompesse com a sustentação ambiental da criança. Dessa maneira, o problema das dificuldades de adaptação nos lares adotivos e do surgimento de sintomas que caracterizavam a tendência antissocial ampliou a aplicação da psicanálise com crianças além do setting analítico convencional.

Desde as iniciativas desses dois psicanalistas – e mesmo concomitante a elas – muitos outros trabalhos com crianças em contextos institucionais foram desenvolvidos, comprovando a viabilidade de sua aplicação em diversos contextos.

Nos trabalhos agrupados em nossa pesquisa, também é possível acompanhar relatos de experiência em diversos contextos institucionais, muitos sob a ótica de um dos autores citados anteriormente. Também é possível observar as ampliações das matrizes teóricas e a diversidade dos contextos institucionais abordados.

Esses trabalhos se inserem no que se considera como uma clínica extensa, que Freud chamava de “Psicanálise aplicada”, também chamada de “Psicanálise extramuros”, na medida em que seu objeto de estudo não visa diretamente uma intervenção terapêutica, mas sim abrir possibilidades de reflexão sobre temas que interessam à cultura. Em *Sobre o ensino da Psicanálise nas Universidades* (1919), Freud se refere ao valor da psicanálise nos diversos campos do saber, que seria o reconhecimento do inconsciente. Isso significa que a descoberta da psicanálise, no que se refere à vida psíquica dos homens, não se restringe apenas às áreas médicas, mas abrange outros campos da ciência, como a literatura, mitologia, história, filosofia da religião e o campo das artes. No entanto, Freud adverte para o risco de se transmitir a Psicanálise no âmbito universitário apenas de forma teórica, o que resultaria em um conhecimento puramente dogmático. Assim, afirma que é muito importante buscar meios para uma experiência de aprendizagem prática.

Os trabalhos de natureza institucional agrupados a seguir tiveram o mérito de contribuir diretamente para a compreensão das necessidades e contingências manifestadas por esses segmentos que buscam atendimento institucional e proporcionou o desenvolvimento de estratégias que possibilitem aplicar a psicanálise em práticas extramuros, que se mostraram efetivas e de amplo alcance.

Seguem, no Quadro 17, a relação dos trabalhos reunidos nessa temática.

QUADRO 17 – RELAÇÃO DAS DISSERTAÇÕES E TESES SOBRE O TEMA “CONTEXTOS INSTITUCIONAIS”

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>D/T</b>	<b>ORIENTADOR</b>	<b>IES</b>	<b>ANO</b>	<b>REFERENCIAL</b>
<b>O lugar do profissional no tratamento institucional da criança psicótica: analista ou educador?</b>	PETRI, Renata	D	Kupfer, Maria Cristina Machado	IPUSP/USP	2000	Lacan
<b>A creche: um elemento a mais na constituição do sujeito</b>	CARVALHO, Maria Teresa Venceslau de	D	Grant, Valkiria Helena	IPUSP/USP	2001	Freud/Lacan
<b>A criança, a deficiência e a escola: uma intervenção orientada pela psicanálise</b>	JORDÃO, Márcia Cristina Moreira	D	Maluf, Maria Regina	IPUSP/USP	2001	Lacan
<b>O Procedimento de Desenhos-Estórias como instrumento de intermediação terapêutica na pré-cirurgia infantil: um estudo qualitativo</b>	TRINCA, Ana Maria Trapé	T	Simon, Ryad	IPUSP/USP	2002	Trinca
<b>Recortes de interações entre cuidadoras e crianças institucionalizadas: uma avaliação das funções parentais à luz da psicanálise</b>	BOFF, Almerindo Antônio	D	Milnitsky-Sapiro, Clary	IP/UFRG	2002	Winnicott
<b>Um olhar psicanalítico sobre a inclusão de crianças com necessidades educativas especiais em uma escola de ensino regular</b>	PRETTO, Bernardete	D	Caon, José Luiz	IP/UFRG	2002	Mannoni
<b>A relação entre escrita alfabética e escrita inconsciente: um instrumento de trabalho na alfabetização de crianças</b>	FRAGELLI, Ilana Katz Zagury	D	Kupfer, Maria Cristina Machado	IPUSP/USP	2002	Lacan
<b>Violência entre gerações: trilhamentos da repetição</b>	RIBEIRO, Leila Maria Amaral	T	Seminério, Maria Luiza Teixeira de Assunção Lo Preste	PPGP/UFRJ	2003	Freud
<b>Efeitos psíquicos da visualização celular no tratamento de crianças com leucemia</b>	MOUSQUER, Denise Nunes	D	Muller, Marisa Campio	PUC/RS	2004	Lacan
<b>Psicoterapia psicanalítica com crianças e adolescentes institucionalizados</b>	ALBORNOZ, Ana Celina Garcia	D	Nunes, Maria Lucia Tiellet	PUC/RS	2004	Winnicott
<b>O método de observação da relação mãe-bebê, de Esther Bick, e a formação do psicoterapeuta</b>	CORTE, Juçara	D	Nunes, Maria Lucia Tiellet	PUC/RS	2005	Bick
<b>Contribuições da Psicanálise Winnicottiana às rotinas neonatais</b>	QUINTINO, Regina Mello	D	Loparik, Zeljko	PUC/SP	2005	Winnicott

<b>A realização imaginária do desejo inconsciente num grupo terapêutico de crianças: a saída edípica e a entrada no período de latência</b>	KRUG, Jefferson Silva	D	Seminotti, Antônio	Nedio	PUC/RS	2005	Lacan
<b>Intervenção psicológica no sofrimento psíquico de criança e de adolescente envolvidos com processos em tramitação na justiça</b>	COLACIQUE, Maria Aparecida	T	Tolentino, Rosa José	Mazzante	IPUSP/USP	2005	Winnicott
<b>O abrigo pode ser um ambiente facilitador do desenvolvimento de crianças e adolescentes? Grupo psicoterapêutico como instrumento de trabalho</b>	ROTONDARO, Daniela Pacheco	D	Motta, Fernandes	Ivonise	IPUSP/USP	2005	Winnicott
<b>Psicanálise e cidadania: correndo riscos e tecendo laços</b>	ROGONE, Heloisa Maria Heradão	T	Souza, Audrey Lopes	Setton	IPUSP/USP	2006	Lacan
<b>Intervenção precoce: o alcance da escuta psicanalítica de pais e bebês</b>	NAKAGAWA, Patrícia Yumi	D	Amiralian, Lúcia Toledo Moraes	Maria	IPUSP/USP	2006	Dolto
<b>No reino das espertezas: uma luz clareia o estranho revelador das fragmentações. Um estudo centrado na violência e no abuso sexual na infância</b>	SÁ, Maria Luiza Bustamante Pereira de	T	Seminério, Luiza Teixeira de Assunção	Maria	PPGP/UFRJ	2006	Freud
<b>A entrada da criança no ambiente escolar: reflexões sobre o processo de adaptação em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI)</b>	COSTA, Christiane Laurito	D	Souza, Audrey Lopes	Setton	IPUSP/USP	2006	Winnicott
<b>Cuidar, educar e prevenir: as funções da creche no desenvolvimento e na subjetivação de bebês</b>	MARIOTTO, Rosa Maria Marini	T	Kupfer, Cristina Machado	Maria	IPUSP/USP	2007	Spitz/Lacan/Winnicott
<b>Encontro entre a psicanálise e a pediatria: impactos da depressão puerperal para o desenvolvimento da relação mãe-bebê e do psiquismo infantil</b>	FOLINO, Cristiane da Silva Geraldo	D	Souza, Audrey Lopes	Setton	IPUSP/USP	2008	Freud/M. Klein
<b>A clínica do bebê pré-termo e a escuta dos pais: questões para a psicanálise</b>	DIAS, Mariangela de Andrade Maximo	T	Prizskulnik, Leia		IPUSP/USP	2008	Lacan
<b>Contribuições da psicanálise para a educação: o grupo como sujeito da criação</b>	LEVISKY, Flavia Blay	D	Silva Junior, da	Nelson	IPUSP/USP	2008	Freud/Winnicott
<b>As aventuras de Alice no país das maravilhas e na Emia: Winnicott e a educação</b>	OLIVEIRA, Marcia Laguna de	T	Motta, Fernandes da	Ivonise	IPUSP/USP	2009	Winnicott
<b>Do squiggle da consulta terapêutica ao desenho coletivo na intervenção institucional</b>	PEZO DEL PINO, Maria Antonieta	D	Fernandes, Maria Ines Assunção		IPUSP/USP	2009	Winnicott

<b>Para além do seio: uma proposta de intervenção psicanalítica pais-bebê, a partir da escuta dos sentidos ocultos nas dificuldades de amamentação, como auxiliar no desenvolvimento</b>	FELICIANO, Denise de Sousa Monteiro	T	Souza, Audrey Setton Lopes	IPUSP/USP	2009	M. Klein
<b>Estudo exploratório dos indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil e da avaliação psicanalítica aos 3 anos para avaliar a qualidade de vida e condição sintomática aos seis anos</b>	DI PAOLO, Angela Flexa	D	Lerner, Rogério	IPUSP/USP	2010	Freud
<b>Uma proposta de prática psicológica para casos de desaparecimento de crianças e adolescentes</b>	FIGARO-GARCIA, Claudia	T	Herzberg, Eliana	IPUSP/USP	2010	Lacan
<b>Alcance e limites teórico-metodológicos da pesquisa multicêntrica de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil</b>	PESARO, Maria Eugênia	T	Kupfer, Maria Cristina Machado	IPUSP/USP	2010	Freud

Fonte: Elaboração do autor

## 6.1 Contextos: a céu aberto, entre muros, sinais e sirenes...

Entre os trabalhos localizados e reunidos sob o tema Contextos Institucionais, optamos por apresentar aqueles em que é possível acompanhar a aplicação da psicanálise com crianças nos mais variados contextos, mostrando assim sua viabilidade além dos muros e a ampliação das matrizes teóricas.

Iniciamos nossa apresentação com o trabalho “O lugar do profissional no tratamento institucional da criança psicótica: analista ou educador?” (2000). Essa dissertação visou construir os parâmetros que definem a posição dos profissionais que tomam para si o tratamento institucional de crianças psicóticas, numa instituição atravessada pela psicanálise, diferenciando este lugar daqueles ocupados pelo educador e pelo analista clássicos.

Nesse sentido, a autora primeiramente procurou fazer um esclarecimento da diferença entre educação e prática pedagógica, a partir da psicanálise como instrumento de leitura. A pesquisa teórica girou em torno de três eixos: a concepção psicanalítica da psicose infantil; a articulação entre instituição e psicanálise, a partir da teoria lacaniana dos quatro discursos; e o desejo de analista e a ética psicanalítica. Para iluminar esta discussão, faz-se a análise de quatro instituições orientadas psicanaliticamente, em que cada uma, a seu modo, tenta lidar com o paradoxo da presença da psicanálise numa instituição e com sua tarefa educativo-clínica.

Para orientar a análise, o recorte realizado refere-se à nomeação dos profissionais que ali trabalham e à definição do lugar que ocupam. Alguns fragmentos clínicos ilustram estes pontos. Esta pesquisa forneceu elementos para considerarmos este tratamento institucional como uma psicanálise possível de ser empreendida a partir da imposição clínica operada pela psicose infantil. Nesse sentido, considera-se um trabalho preliminar em relação ao tratamento padrão, vetorizado pela ética analítica, mas tendo a presença da educação como instrumento de trabalho.

Na dissertação “Um olhar psicanalítico sobre a inclusão de crianças com necessidades educativas especiais em uma escola de ensino regular” (2002), também é possível pensar a psicanálise com crianças com deficiência em contexto institucional educacional.

A pesquisa foi realizada em uma escola de ensino regular, na qual se observou o processo de inclusão de crianças com necessidades especiais. Essa pesquisa inicia-se demonstrando a relevância do tema na atualidade e a sua abrangência na área da educação, para então apresentar as questões de pesquisa que envolvem as razões pelas quais as escolas

aceitam ou não – e incluem ou não – crianças com necessidades especiais. Passa-se, então, a examinar os conceitos de deficiência e diferença e sua evolução histórica.

A seguir, aborda-se a inclusão na Psicologia e na Psicanálise, examinando os referenciais teóricos de Vygotski e Mannoni. Esses autores servirão de base para a análise das observações feitas no espaço escolar em que se efetuou a pesquisa. O trabalho teve por objetivo fortalecer a ideia de que a inclusão de crianças com necessidades especiais em escolas de ensino regular é possível, desde que se parta de uma mudança nas concepções existentes sobre o processo de ensino aprendizagem. Segundo a autora, para que essa mudança aconteça, a compreensão dos processos inconscientes, presentes na exclusão, que o olhar psicanalítico proporciona, é fundamental.

Em “Psicoterapia psicanalítica com crianças e adolescentes institucionalizados” (2004), é possível pensar como o abandono, a negligência, o abuso físico, sexual e psicológico são fatos reais e frequentes na vida de crianças e de adolescentes. E como tais circunstâncias podem resultar no abrigamento desses indivíduos em instituições de acolhimento. Como é sabido, essas instituições têm a função de proteger os indivíduos e garantir-lhes os direitos. Para tanto, buscam oferecer um cuidado físico e emocional adequado a fim de promover o desenvolvimento na infância e na adolescência, fases tão especiais na formação da personalidade.

Baseada em Winnicott, a autora busca na literatura psicanalítica sustentar a ideia de que as vivências de privação geram importantes sequelas no desenvolvimento emocional, podendo marcar de forma peculiar a vida das pessoas para sempre. O percurso teórico realizado aponta que crianças e adolescentes vítimas de abandono, negligência e maus tratos apresentam dificuldades para investirem em si mesmos e nos outros, o que os torna portadores de sintomas dificultadores da adaptação pessoal, social, escolar, institucional e familiar.

Essa pesquisa foi realizada em uma instituição pública de acolhimento de crianças e de adolescentes vitimizados, com o objetivo de avaliar os possíveis efeitos da psicoterapia psicanalítica, prática presente no cotidiano dessa população. Os objetivos emergiram do contexto institucional que prioriza o atendimento clínico desses jovens. As questões versaram sobre quatro objetivos: verificar se a psicoterapia psicanalítica oferecida às crianças e aos adolescentes vitimizados permite o resgate das suas histórias de vida; se as crianças e os adolescentes vitimizados são capazes de expressar e de elaborar os seus conflitos através dessa abordagem terapêutica; buscar quais os fatores de sucesso desses tratamentos e quais os benefícios que as crianças e os adolescentes alcançam a partir dos tratamentos realizados.

Foi realizado o Estudo de Caso de 3 participantes representativos da população enfocada: uma menina de 7 anos de idade, vítima de abandono, um menino de 7 anos de idade, vítima de negligência, e um adolescente de 14 anos de idade, vítima de maus tratos.

Na dissertação “O abrigo pode ser um ambiente facilitador do desenvolvimento de crianças e adolescentes? Grupo psicoterapêutico como instrumento de trabalho” (2005), também encontramos pesquisa realizada em abrigo.

Esse estudo teve como objetivo verificar o quanto a realização de grupos sistemáticos com educadores e educandos, em um abrigo, facilitou o relacionamento interpessoal e mesmo o desenvolvimento emocional dessa população. Para tanto, avaliou-se um trabalho realizado como procedimento técnico do abrigo que teve início no período em que aconteceu a pesquisa.

A base teórica é psicanalítica winnicottiana. Inicialmente, situou-se historicamente o abandono no Brasil e forneceram-se dados relevantes sobre o abrigo, no momento da pesquisa. A pesquisa em questão representou a amostra de um lar que, no período de setembro de 2001 a dezembro de 2003, abrigou 24 meninos, de sete a dezessete anos, em situação de acolhimento/desacolhimento. O setting grupal constituiu-se de reuniões semanais, orientadas pela pesquisadora/psicóloga da instituição e uma observadora. Os registros desses encontros embasaram a análise dos grupos. Utilizou-se o método psicanalítico, segundo o qual toda conduta humana pertence ao acontecer humano e tem sentido. Segundo a autora da dissertação, buscava-se vivenciar o holding, conforme descrito por Winnicott, e perceber os processos maturacionais apresentados pelo grupo. Havia interação entre pesquisadora e os participantes, que contavam suas vivências, compartilhavam sentimentos, necessidades.

Com essa técnica, o grupo conseguiu vivenciar o holding, manifestar suas diferenças e respeitá-las, à medida que as relações amadureciam. Assim, puderam coparticipar do funcionamento do lar. Conforme relato da autora, antes desse trabalho, os internos não haviam construído a identidade grupal, pois a comunicação acontecia principalmente por meio das relações de poder, excluindo a fala dos mais frágeis. Diante desses fatos, reforça-se a importância de um trabalho de grupo com essas características, para esse tipo de população, como forma de auxiliá-la no processo de desenvolvimento emocional.

Finalizando, apresentamos a tese desenvolvida em contexto hospitalar. “A clínica do bebê pré-termo e a escuta dos pais: questões para a psicanálise” (2008). Aqui, se discutem as vicissitudes da constituição do sujeito do desejo na clínica do bebê pré-termo, constituição agenciada pela articulação das funções materna e paterna que atualizam para um sujeito a estrutura da linguagem, isto é, que articulam o desejo à dimensão da falta.

De acordo com a autora, na clínica do bebê pré-termo, o investimento desejante que sustenta a aposta simbólica que preside a inscrição do infans no dizer e no desejo do Outro é posto à prova, pois os pais, primeiros representantes do Outro (simbólico) para o recém-nascido, são confrontados de maneira intempestiva com a dualidade da vida e da morte. A escuta dos pais, durante a hospitalização de seus bebês numa unidade de tratamento intensivo neonatal, revela que a construção do laço primordial entre pais e filhos sofre o impacto do discurso técnico-científico, pois o lugar e o saber dos pais são inicialmente deslocados pelo saber médico e sancionados como insuficientes para cuidar da criança. Os fragmentos das falas dos pais, apresentados nesse trabalho, são analisados à luz dos ensinamentos da psicanálise lacaniana. Essa análise mostra que a escuta dos pais humaniza esse nascimento, pois os envolve numa elaboração psíquica que atenua a angústia e o sentimento de desamparo que acompanha esses nascimentos, visto que o bebê pré-termo produz uma inquietante estranheza em seus pais.

O apoio psíquico fornecido a eles favoreceu a retificação do olhar fundador em relação ao bebê, minimizando o impacto das separações precoces que ameaçam a construção dos laços de amor e de desejo entre pais e filhos. Essa construção, segundo o referencial utilizado, é uma prerrogativa da saúde psíquica.

Os trabalhos reunidos nessa temática demonstram que a psicanálise com crianças em contextos institucionais vem se tornando cada vez mais significativa nas pesquisas universitárias, pelo menos nas localizadas neste estudo.

E mesmo quando se desenvolve fora do consultório, onde se preserva a escuta como nesses contextos, a prática será construída não apenas pelo que se aprendeu nos livros, na formação, nas repetições da prática clínica estritamente consultorial, nas supervisões, mas também pelo fogo cruzado dos procedimentos da instituição que recebe o profissional, ou seja, onde o exercício se faz. E esse exercício se tem feito a céu aberto, entre muros e sirenes.

## 7 ESTUDOS CONCEITUAIS EM PSICANÁLISE COM CRIANÇAS: COMPARAÇÕES, AMPLIAÇÕES E DESENVOLVIMENTOS

Ao longo de toda sua obra, Freud nos apresenta conceitos teóricos com intensa relação com o psiquismo infantil. A criança freudiana escapa ao ideal, vigente em sua época, de uma criança dessexualizada e inocente. Essas ideias associadas à criança foram construídas ao longo dos séculos, como muito bem relatam os trabalhos do historiador francês Philippe Ariès (1981), que abordamos nos capítulos iniciais desta tese. Para compreender o impacto das ideias apresentadas por Freud, pensemos no contexto da sociedade vienense no final do século XIX. Nessa época, a criança era vista como alguém educável, a ser disciplinada, a fim de tornar-se um bom adulto, condizente com a moral e os costumes de seu tempo. Diante desse contexto, as descobertas freudianas a respeito da sexualidade infantil causam descrédito no meio científico da época, pois não condizem com a inocência atribuída à criança. Freud, em *Um estudo autobiográfico* (1925), comenta que suas descobertas tocaram em um dos principais preconceitos da humanidade, pois se acreditava que a sexualidade era despertada apenas na puberdade e que, quando se manifestava mais cedo, eram casos de degenerescências ou perversões.

O próprio autor afirma que “poucos dos achados da psicanálise tiveram tanta contestação universal ou despertaram tamanha explosão de indignação como a afirmativa de que a função sexual se inicia no começo da vida e revela sua presença por importantes indícios mesmo na infância” (FREUD, 1925, p.47).

Mesmo com toda a revolta que suas ideias sobre a sexualidade infantil causaram na época de suas primeiras descobertas sobre o tema, Freud continuou seu trabalho, reafirmando a existência da sexualidade na criança e relacionando a vida cultural do ser humano ao refreamento da libido, proveniente do complexo de Édipo.

Eis aqui outro conceito teórico importante na teoria freudiana. O complexo de Édipo é tomado por Freud como o complexo nuclear de cada neurose, o que envolve a capacidade de desenvolver defesa do tipo madura, como a repressão, criando assim o inconsciente reprimido ou dinâmico. O estabelecimento do complexo de Édipo, para Freud, envolve também a capacidade da criança de perceber seus pais como pessoas que possuem um corpo e que têm desejo e sentem prazer. Freud relaciona o complexo de Édipo mais diretamente ao funcionamento neurótico, mas supõe que ele esteja presente em todos os casos. O complexo atinge seu clímax, segundo Freud, na fase final da primeira infância, junto ao início da fase de

latência (FREUD, 1905).

Por sua vez, Melanie Klein também desenvolve suas ideias iniciais com base nesses conceitos iniciais de Freud. Como, por exemplo, os conceitos sobre as etapas mais primitivas do desenvolvimento psicosssexual, à luz da segunda teoria dos instintos de Freud, sobre as fantasias inconscientes e as primeiras defesas contra a angústia.

Em 1928, Klein escreveu o que seria um dos principais artigos de sua obra a respeito do tema em foco: *Estágios iniciais do conflito edípico*. Nesse artigo, ela reitera, de forma mais clara e organizada, que o início do complexo de Édipo, a partir de suas descobertas clínicas, se dá à época do desmame.

Esse texto demonstra, contudo, que sua revisão do conceito freudiano não fica restrita apenas a uma modificação de datas para o acontecimento desse fenômeno. Ela vai muito além, abrindo passagem para a consideração de que o complexo de Édipo tem seu início ainda em uma fase pré-genital do desenvolvimento do bebê, em que o objeto ainda é parcial.

No seu entender, no início do complexo de Édipo, mesmo que já exista a emergência dos impulsos genitais, a cena ainda é predominantemente dos impulsos sádico-orais e sádico-anais. Os impulsos genitais só passam a ser mais importantes posteriormente, quando se estabelece a situação clássica do Édipo freudiano. O imperativo do sadismo explica, dessa forma, a rigidez excessiva do superego arcaico.

A premissa de Klein é a de que o medo da castração e o sentimento de culpa aparecem desde o início do complexo de Édipo, associados a ele. Nesse sentido, também entende que, necessariamente, a formação do superego se dá nessa fase.

O sentimento de culpa exerce, no seu ponto de vista, extrema importância para o desenvolvimento infantil, pois as frustrações orais e anais, que formam o protótipo de todas as frustrações posteriores para o resto da vida (KLEIN, 1928, p.217), também significam punição e dão origem à ansiedade.

Nota-se que a ansiedade começa, nesse escrito de Klein, a ter maior importância no pensamento da autora. Ela considera que, para meninos e meninas, o processo inicial das tendências edípicas faz surgir grandes quantidades de ansiedade, resultantes das fantasias de ataques contra o corpo da mãe, o que faz emergir uma *imago* de uma mãe hostil, com um pênis ameaçador.

No caso do menino, a ansiedade de castração é derivada dessa primeira ansiedade. Já no caso da menina, a ansiedade se refere ao medo de ter seu interior atacado por essa mãe ameaçadora e, secundariamente, aparece o medo de perder seu amor. O medo de ter sua feminilidade atacada ou devastada pela mãe também é presente e é um correlato, no menino,

do medo de perder o pênis, pela ação retaliadora do pai (KLEIN, 1928).

Em razão disso, o ego da criança, ainda frágil e pouco desenvolvido, fica à mercê de impulsos sádicos e sexuais, os quais se opõem, e sujeito a um superego extremamente cruel, que "só é capaz de se defender através de forte repressão" (KLEIN, 1928, p.217).

O fato de um ego tão frágil ser arrebatado, de um lado, por sentimentos tão fortes, ligados ao complexo de Édipo, e de outro, por curiosidade sobre a vida sexual, em uma etapa em que a criança ainda não possui domínio do código linguístico, produz grande sofrimento psíquico. Tal situação ocorre porque as perguntas da criança ficam sem respostas. O ódio também aparece de maneira expressiva e pode estar relacionado a inibições do impulso epistemofílico, isto é, o impulso pelo conhecimento.

Por meio dos conceitos apresentados, sob a ótica de Freud e Klein, é possível observar a importância dos conceitos teóricos na teoria psicanalítica, e como os estudos conceituais, como os desta última autora, confirmam, ampliam e desenvolvem alguns aspectos da teoria psicanalítica.

Tal pressuposto pode ser observado em alguns dos trabalhos localizados em nossa pesquisa. Sob a rubrica de Estudos Conceituais, pretendemos demonstrar como alguns conceitos da Psicanálise com Crianças também foram confirmados, desenvolvidos e ampliados em algumas das pesquisas realizadas nas universidades brasileiras.

Primeiramente, segue tabela com descrição dessas pesquisas.

QUADRO 18 – RELAÇÃO DAS DISSERTAÇÕES E TESES SOBRE O TEMA “ESTUDOS CONCEITUAIS”

TÍTULO	AUTOR	D/T	ORIENTADOR	IES	ANO	REFERENCIAL
<b>A construção do conhecimento na psicose infantil: uma razão a mais para se pensar a psicanálise na educação</b>	<b>GOUVEIA, Denise da Cruz</b>	D	Denise da Cruz	IPUSP/USP	2000	Freud/Piaget
<b>O brincar na infância contemporânea</b>	PINHO, Gerson Smiech	D	Freitas, Lia Beatriz de Lucca	IP/UFRG	2001	Winnicott
<b>Considerações sobre o objeto autístico e o objeto transacional: o autismo em questão</b>	VILAS-BOAS, Augusto Brito	D	Freire, Ana Beatriz	PPGTP/UFRG	2001	Tustin
<b>A criança e o complexo de Édipo: do universal teórico ao particular da clínica</b>	FARIA, Michele Roman	T	Brauer, Jussara Falek	IPUSP/USP	2001	Freud/Lacan
<b>O autismo nos (des)caminhos da feminilidade: o lugar da função materna na ocorrência de autismo infantil</b>	REIS, Daniela Bridon dos Santos	D	Souza, Fernando Aguiar Brito	PPGP/UFSC	2003	Winnicott
<b>O papel das primeiras experiências infantis no desenvolvimento afetivo: a ideia do determinismo infantil</b>	FERREIRA, Cyntia de Almeida Leonel	D	Lomônaco, José Fernando B.	IPUSP/USP	2003	Bowlby
<b>O lugar do pai: subjetividade, clínica e contemporaneidade – reflexões a partir de uma leitura freudiana</b>	MONTSERRA, Tereza Viscarri	D	Gomes, Isabel Cristina	IPUSP/USP	2003	Freud
<b>A contratransferência na análise de crianças e adolescentes: uma via de acesso ao inconsciente</b>	PATELLA, Luciana	D	Seminério, Maria Luiza Teixeira de Assunção Lo Preste	PPGP/UFRJ	2004	Freud
<b>A técnica psicoterapêutica psicanalítica com o latente: implicações ao terapeuta</b>	LOPEZ, Beckenkamp	D	Nunes, Maria Lucia Tiellet	PUC/RS	2004	M. Klein
<b>Latência e transmissão: uma abordagem psicanalítica da eficácia do ato educativo na infância – entendido como tarefa e dívida paterna para a constituição do sujeito e para a maximização do êxito do trabalho da adolescência</b>	RUFFINO, Rodolpho	D	Kupfer, Maria Cristina Machado	IPUSP/USP	2004	Lacan
<b>Uma questão entre psicanálise e educação: sobre a etiologia do fracasso escolar</b>	COHEN, Ruth Helena Pinto	T	Besset, Vera Lopes	PPGP/UFRJ	2004	Lacan
<b>Em busca da comunicação significativa: Transformações no olhar de uma analista na clínica da inibição intelectual</b>	PARENTE, Sonia Maria Berbare Albuquerque	D	Figueiredo, Luiz Claudio Mendonça	PUC/SP	2005	Winnicott

<b>A constituição do sujeito na psicanálise lacaniana: a separação e seus impasses</b>	BRUDER, Maria Cristina Ricotta	D	Brauer, Jussara Falek	IPUSP/USP	2005	Lacan
<b>Da fantasia de infância ao infantil na fantasia: A direção do tratamento na psicanálise com crianças</b>	SILVA, Ana Laura Bicalho Prates e	T	Priszkulnik, Léia	IPUSP/USP	2006	Lacan
<b>Crianças que não conseguem esquecer: sobre o traumático na infância</b>	FERREIRA, Marcia Regina Porto	D	Mezan, Renato	PUC/SP	2006	Lacan
<b>Ameaças à infância: do trauma psíquico ao transtorno de estresse pós-traumático</b>	SILVA, Flávia Cristina Amaro da	D	Araújo, Ceres Alves	PUC/SP	2006	Freud/Winnicott
<b>O lugar do pai no atendimento pais-bebê: consequências para o desenvolvimento da criança</b>	BARROS, Adriana Fontes Melo do Rêgo	D	Adriana Fontes Melo do Rêgo	IPUSP/USP	2006	Freud/Lacan
<b>Leitura psicanalítica do desenvolvimento e suas implicações para o tratamento de crianças</b>	PETRI, Renata	T	Kupfer, Maria Cristina Machado	IPUSP/USP	2006	Freud
<b>As interações corporais entre a mãe e o bebê nos primórdios da constituição psíquica: um estudo a partir da experiência de observação na técnica Esther Bick</b>	STOIANI, Luciana Pereira	D	Coelho Junior, Nelson Ernesto	IPUSP/USP	2007	M. Klein/Bion/Bick
<b>A imagem do corpo em psicanálise e no atendimento de crianças</b>	HOLPERT, Estevam Colacicco	D	Priszkulnik, Léia	IPUSP/USP	2007	Freud/Lacan
<b> Holding: o contexto da neurogênese. Uma aproximação de Winnicott à neurociência do desenvolvimento</b>	CAUDURO, Célia Regina de Souza	T	Bueno, Jose Lino Oliveira	IPUSP/USP	2008	Winnicott
<b>Sentidos e sujeitos discursivos: filhos e netos do narcotráfico no movimento do discurso</b>	PATTI, Ane Ribeiro	D	Romão, Lucília Maria Sousa.	USP/RP	2008	Lacan
<b>A devolução de crianças e adolescentes adotivos sob a ótica psicanalítica: reedição de histórias de abandono</b>	GHIRARDI, Maria Luiza de Assis Moura	D	Loffredo, Ana Maria	IPUSP/USP	2008	Herrmann

Fonte: Elaboração do autor

## 7.1 Principais desenvolvimentos teóricos

Iniciaremos o presente tópico, apresentando uma pesquisa que discute o Complexo de Édipo, conceito apresentado anteriormente.

A tese “A criança e o complexo de Édipo: do universal teórico ao particular da clínica” (2001) tem por objetivo fazer uma reflexão sobre a pertinência da teoria psicanalítica do complexo de Édipo como referencial teórico para pensar a clínica psicanalítica com crianças. Partindo dos textos freudianos e retomando-os na perspectiva de Lacan, procura-se mostrar que o complexo de Édipo não pode mais ser reduzido ao lugar-comum da relação amorosa incestuosa do menino com a mãe e da menina com o pai, devendo antes ser pensado como uma teoria sobre a constituição subjetiva, que depende das funções do pai e da mãe como aquelas que dão sustentação à estrutura na qual todo sujeito se constitui.

A primeira parte do trabalho consiste num levantamento teórico sobre o complexo de Édipo nas obras de Freud e Lacan. A segunda parte é dedicada aos temas da maternidade e paternidade, em que se reflete sobre as formas particulares do exercício das funções do pai e da mãe pelos sujeitos que concretamente as encarnam e sobre as relações que se podem estabelecer entre a posição da criança e esse exercício.

Finalmente, na terceira parte, a autora apresenta uma articulação entre as questões teóricas trabalhadas e a clínica, retomando o caso do pequeno Hans, publicado por Freud em 1909, procurando discutir o valor clínico de se considerar, no tratamento de uma criança, o lugar que ela ocupa em relação às posições de pai e mãe.

A seguir, também é possível observamos outro conceito freudiano discutido a partir de uma ótica lacaniana. Na dissertação “Latência e transmissão: uma abordagem psicanalítica da eficácia do ato educativo na infância – entendido como tarefa e dívida paterna para a constituição do sujeito e para a maximização do êxito do trabalho da adolescência” (2004), Ruffino apresenta uma reflexão a respeito do lugar da eficácia da função paterna pós-edípica sobre a infância do sujeito humano estruturado sob a normalidade neurótica na transmissão dos recursos para a sua travessia ulterior pela adolescência e para a constituição de sua subjetividade adulta futura.

Segundo o autor, o período da latência da sexualidade infantil (período compreendido entre o Édipo e a puberdade) é situado como correspondendo ao tempo da constituição do sujeito no qual – desde que se espere que dali surja um sujeito à altura de ter acesso a alguma noção de seu lugar na ordem simbólico-cultural – deve acontecer a recepção, pela subjetividade da criança, da estrutura, da história e da semântica próprias à civilização na qual

ela está inscrita. No entanto, segundo a ideia defendida, essa recepção, para acontecer, precisa de algo a mais do que a boa vontade ou a responsabilidade da criança. Ela precisa ser ativamente possibilitada por algo que advenha à criança de fora e por obra de um trabalho de transmissão do legado a ela destinado que só pode se realizar a partir de um outro. Não de um outro qualquer e sim de um outro que, perante a criança e nesse tempo de sua vida, torne presente a Alteridade, a Proximidade e a Providência por meio de sua própria presença.

Para o autor, em consonância com o pensamento freudiano, o personagem paterno da realidade familiar é, para a criança em latência, dentre todas as figuras que a partir do campo do Outro possam estar marcados para essa criança simultaneamente por essas três posições, aquele que está, desde o Édipo, em posição privilegiada para operar tal transmissão. E esta dissertação acrescenta ainda que é por meio desse trabalho paterno de transmissão que se encerrará a série dos acontecimentos que, ao longo da infância, puseram-se a operar para a constituição da subjetividade humana.

Estudos conceituais sobre os estados mentais primitivos também são atualizados a partir de relações entre autores contemporâneos e clássicos. Como no caso da dissertação “Considerações sobre o objeto autístico e o objeto transacional: o autismo em questão ” (2001). Nela, apresenta-se o conceito de objeto autístico estabelecido por Francis Tustin (1984), ao observar e tratar crianças portadoras de autismo infantil.

Essa pesquisa aborda, especificamente, o estudo da relação da criança autista com o objeto autístico, presente na situação analítica. Tem-se como ponto de partida a conceituação de autismo infantil de Leo Kanner, afastando-se, todavia, da visão fenomenológica da psiquiatria e buscando compreender a relação da criança autista com o objeto autístico, à luz da psicanálise. Com isto, a pesquisa voltou-se para os textos freudianos, sobretudo os que tratam dos momentos inaugurais do psiquismo humano, desde quando o autismo infantil aparece, supostamente, neste período precoce.

Seguindo Tustin, a autora considera ainda o conceito de objeto do inconsciente e também de objeto transicional, com a finalidade de melhor ilustrar e trabalhar a relação do sujeito autista com o objeto autístico.

Procuramos nesta breve apresentação, por meio de alguns trabalhos selecionados sob o tema Estudos Conceituais, demonstrar como os conceitos teóricos psicanalíticos iniciais, até os contemporâneos, continuam a ser relacionados, ampliados e desenvolvidos em algumas das pesquisas sobre psicanálise com crianças nas universidades brasileiras.

## **8 ESTUDOS SOBRE GRUPOS ESPECÍFICOS: A PSICANÁLISE COM CRIANÇAS E OS ESTADOS MENTAIS PRIMITIVOS**

A ocorrência de pacientes com graves dificuldades emocionais constitui-se como uma realidade que pode ser evidenciada desde os primórdios da psicanálise com crianças, revelando casos que se constituíram em célebres relatos clínicos. São exemplos os casos como o “Pequeno Dick”, relatado por Melanie Klein em 1930, na ocasião reconhecido como uma criança esquizofrênica que, segundo Petot (1979/1991), de acordo com os parâmetros atuais, pode ser diagnosticada como autista.

Dessa forma, a psicanálise não podia mais ser tomada como sinônimo de clínica das neuroses, condição que a caracterizou no passado. Ao contrário, a disciplina freudiana foi paulatinamente defrontada com quadros clínicos regressivos característicos dos estados mais primitivos do desenvolvimento emocional, que se evidenciam em pacientes psicóticos, borderlines, perversos, psicossomáticos, entre outros.

Alguns dos principais desenvolvimentos na teoria e na técnica, por intermédio do método psicanalítico, podem ser encontrados no atendimento psicanalítico de pacientes com estrutura psicótica, cujas primeiras iniciativas datam da década de 1950 (ROSENFELD, 1952/1991; SEGAL, 1950/1990 e BION, 1957/1991). Condição que possibilitou não só demonstrar o alcance terapêutico da psicanálise para além das neuroses, mas também contribuiu para a compreensão de estados primitivos da mente que prevalecem em diferentes quadros clínicos.

Psicanalistas brasileiros também têm se defrontado com novos quadros clínicos que começam a ser compreendidos sob o ponto de vista teórico, tendo recebido distintas denominações, em decorrência das características mais recorrentes que marcam a clínica de cada autor, como: patologias do vazio (LISONDO, 2004) ou transtornos narcisistas (ZIMERMAN, 1997), para citarmos apenas alguns autores nacionais.

Um reflexo que pode ser evidenciado, a partir desse desenvolvimento que apresenta à psicanálise novas formas de organização psíquica, é o surgimento de diversas linhas de teorização que destacam, com nomes variados, a prevalência de estados mentais primitivos coexistindo em estruturas de personalidade com diferentes graus de organização.

Na tese de doutorado intitulada “A mente primitiva: um estudo conceitual a partir da produção psicanalítica escrita”, defendida em 2010 por Paulo José da Costa, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, encontramos um estudo exploratório dedicado a

compreender o conceito de mente primitiva e seus desdobramentos na psicanálise, por intermédio da análise da produção escrita em periódicos nacionais e estrangeiros. Partindo do pressuposto de que a expressão “mente primitiva” tem sido empregada com frequência na psicanálise, porém com amplitudes conceituais bastante variadas, o autor conclui que, de modo geral, os psicanalistas pesquisados, por meio de sua produção escrita, compreendem que o conceito de mente primitiva está sustentado em características como: prevalência do princípio do prazer e dos processos mentais primários, prejuízo na capacidade simbólica e predomínio de experiências e elementos pré-verbais, prevalência de aspectos não integrados ou fragmentados da personalidade, entre outras.

Dessa forma, os conjuntos de quadros clínicos aqui agrupados, apesar de reunirem organizações psicopatológicas distintas, como autismo, psicose e deficiência intelectual, trazem em comum o fato de colocarem em relevo aspectos mentais primitivos, demandando da psicanálise aprimoramento técnico e novas hipóteses teóricas.

Após essa breve incursão, direcionaremos o foco de nossa atenção para as pesquisas localizadas sobre essa temática em nossa busca, procurando demonstrar as características dessa especialidade nos trabalhos selecionados.

QUADRO 19 – RELAÇÃO DAS DISSERTAÇÕES E TESES SOBRE O TEMA “QUADROS CLÍNICOS ESPECÍFICOS”

TÍTULO	AUTOR	D/T	ORIENTADOR	IES	ANO	REFERENCIAL
<b>A criança com distúrbio neurológico e a psicanálise</b>	SILVA, Ana Paula Pires da	D	Priszkulnik, Leia	IPUSP/USP	2000	Lacan
<b>Fala e subjetivação: um estudo sobre os distúrbios da fala na clínica com crianças</b>	ANDRADE, Maria Angelina de Araújo	D	Herzog, Regina	PPGTP/UFRJ	2001	Freud/Lacan
<b>Dos sons à palavra: explorações sobre o tratamento psicanalítico da criança autista</b>	TAFURI, Maria Izabel	D	Seminério, Maria Luiza Teixeira de Assunção Lo Preste	PPGP/UF RJ	2002	Tustin
<b>Filhos autistas e seus pais: um estudo compreensivo</b>	MARTÃO, Maria Izilda Soares	D	Tardivo, Leila Salomão de La Plata Cury	IPUSP/USP	2002	Anne Alvarez
<b>Bases psicanalíticas da intervenção precoce: uma clínica preventiva dos transtornos do desenvolvimento</b>	TEPERMAN, Daniela Waldman	D	Daniela Waldman	IPUSP/USP	2002	Winnicott
<b>A criança autista em trabalho: considerações sobre o outro na clínica do autismo</b>	RIBEIRO, Jeanne Marie de Leers Costa	D	Grimberg, Angélica Bastos de Freitas Rachid	PPGTP/UFRJ	2003	Freud/Lacan
<b>Inclusão escolar: um trabalho com professores a partir de operadores da psicanálise</b>	BASTOS, Marise Bartolozzi	D	Kupfer, Maria Cristina Machado	IPUSP/USP	2003	Tustin
<b>Articulações psicanalíticas em torno do tratamento de crianças psicóticas</b>	NAVEGANTES, Lia de Freitas	D	Kupfer, Maria Cristina Machado	IPUSP/USP	2004	Lacan
<b>Adolescência e psicose: da exclusão à construção de novos lugares no social</b>	SANTOS, Volmir Mielczarski dos	D	D'Agord, Marta Regina de Leão	IP/UFERS	2005	Winnicott
<b>As relações interpessoais nos transtornos autísticos: uma abordagem interdisciplinar da psicanálise e da etologia</b>	FONSECA, Vera Regina Jardim Ribeiro Marcondes	T	Bussad, Vera Silva Raad	IPUSP/USP	2005	Tustin
<b>A noção de alteridade no estudo das psicoses infantis</b>	FARIA, Carina Arantes	D	Kupfer, Maria Cristina Machado	IPUSP/USP	2006	Lacan

<b>Possibilidades e limites do tratamento psicanalítico da psicose infantil em instituições de saúde mental</b>	SOARES, Julia Maciel	D	Kupfer, Maria Cristina Machado	IPUSP/USP	2007	Lacan
<b>A formação do psicólogo e o atendimento a deficientes visuais e suas famílias no contexto de clínica-escola</b>	VILELA, Elisa Marina Bourroul	T	Amiralian, Maria Lúcia Toledo Moraes	IPUSP/USP	2007	Winnicott

**Fonte: Elaboração do autor**

A ideia de que a clínica psicanalítica com crianças, na universidade, tem apresentado movimento semelhante ao destacado no corpo principal da psicanálise, que caminha em direção a uma maior ocorrência de pacientes que manifestam estados mentais primitivos, nos permite demonstrar, em alguns dos trabalhos selecionados, de que forma esta manifestação constitui-se como elemento catalisador para ampliações teóricas e modificações técnicas na psicanálise infantil.

Exemplo disso é o trabalho de Tafuri (2002) que, a partir de relato clínico, apresenta uma experiência pouco usual, no contexto psicanalítico, com uma criança autista de três anos, Maria. A autora salienta que, no início do tratamento, ocorreu uma mudança na técnica usual da analista de decodificar e interpretar as produções sonoras de uma criança que não brincava e não falava. Na ausência da fala tanto da analista quanto da criança, foi criado nas e para as sessões um ambiente-sonoro, constituído pelos sons da criança e os ecos da analista, visto a posteriori como um fértil terreno gerador de sentidos. Essa experiência deixou uma marca fecunda, a vivência de estar só, sem palavras justas para interpretar, na presença de uma criança isolada. Nesse percurso é feita uma reflexão sobre o conceito de autismo desde suas origens.

Na dissertação intitulada “Bases psicanalíticas da intervenção precoce: uma clínica preventiva dos transtornos do desenvolvimento” (2002), também é possível acompanhar a construção de uma nova prática clínica. Essa pesquisa nasce a partir de uma indagação originada na clínica com crianças com transtornos do desenvolvimento: uma intervenção que tem início precocemente pode ser preventiva? Com o objetivo de investigar as bases psicanalíticas da Intervenção Precoce, visando formalizar a prática clínica que vem sendo conduzida no Núcleo de Intervenção Precoce do Lugar de Vida, são examinados e discutidos os modelos psicanalíticos de atendimento ao bebê e estabelecido um diálogo com conceitos que, mesmo sendo externos à psicanálise, são uma demanda frequente na clínica com bebês: prevenção e estimulação.

Ao definir prevenção como o diagnóstico precoce e a subsequente intervenção, o autor situa a Intervenção Precoce no campo da prevenção dos transtornos do desenvolvimento. Observa que os modelos psicanalíticos de atendimento ao bebê divergem quanto ao objeto e ao objetivo da intervenção: trata-se de estimular, de intervir ou de observar? Ao optar por nomear a prática clínica como Intervenção Precoce “no laço com o Outro Primordial”, evidencia o posicionamento diante dos modelos estudados. Inspirado em Winnicott, intervém a partir da escuta analítica, oferecendo “objetos cintilantes” para a mãe e para o bebê. A suposição de sujeito, nesses casos, é o mais cintilante dos objetos e se traduz de forma

específica em cada caso. Dessa forma, utilizando casos clínicos como material de pesquisa, procura delimitar um espaço de escuta, com as especificidades pertinentes à clínica com bebês, ao contexto institucional e à própria construção de uma nova prática clínica.

Em relação às ampliações teóricas nessa temática, podemos destacar a tese “As relações interpessoais nos transtornos autísticos: uma abordagem interdisciplinar da psicanálise e da etologia” (2005). Esse trabalho teve o objetivo de explorar os padrões de relação interpessoal de crianças com Transtornos Globais do Desenvolvimento (Transtornos autísticos), usando uma abordagem interdisciplinar da psicanálise e da etologia, assim como das neurociências e da psicologia do desenvolvimento, buscando as invariâncias e singularidades que se revelam entre diferentes indivíduos.

Para tal, foram escolhidas duas das 18 crianças analisadas pela autora entre 1981 e 2003, por representarem quadros diversos dentro do amplo grupo de TGD, assim como por terem registros de sessões filmadas em vídeo. Tais filmagens, associadas às sessões transcritas, foram analisadas várias vezes, segundo a proposta do método qualitativo de “imersão” nos dados, feita por Miller & Crabtree (1998), sendo, ao final, extraídas as categorias relacionais mais salientes. Os resultados mostram que, apesar de seus comportamentos e capacidades serem muito diferentes, ambas as crianças apresentavam déficits importantes na capacidade de interagir com e se interessar pela alteridade, e também mostravam grande suscetibilidade a estados de desvitalização, que pareciam ligados à separação das figuras significativas da criança.

Conclui-se assim que, mais que um distúrbio no sistema de apego, os transtornos autísticos parecem ter, em seu núcleo, um desvio nas negociações eu/não eu, levando a grandes prejuízos na noção de self e de outro, assim como da relação entre self e outro. Um modelo hipotético para explicar tais aquisições no desenvolvimento normal e na patologia foi então elaborado, usando a postulação de Beeb et al. (1997) sobre a existência de uma estrutura interacional precoce que conteria as representações pré-simbólicas do self, do objeto e da relação entre eles. A autora levanta a hipótese de que tal estrutura é construída em grande parte por meio das trocas.

### **8.1 Os estados mentais primitivos e a ampliação dos casos atendidos**

Podemos considerar ainda que, tendo em vista a ampla difusão do conceito de autismo, que conta com um apelo midiático e com uma sedutora aura de mistério, essa

patologia passa a ser reconhecida socialmente como um elemento paradigmático representativo de todas as graves patologias de incidência precoce na infância.

No entanto, muitas outras patologias que comprometem o desenvolvimento global com incidência na infância passaram a receber atenção, especialmente no meio acadêmico, como é possível observar nas duas pesquisas a seguir.

Na dissertação “A criança com distúrbio neurológico e a psicanálise” (2000), vemos a descrição de um estudo com crianças que apresentam distúrbios neurológicos, especialmente aqueles que se manifestam nos primeiros meses de vida.

A autora considera que as expectativas que nunca podem ser cumpridas em um nascimento – uma vez que sempre há uma distância entre a criança desejada e a que nasce – veem-se ampliadas quando uma limitação física grave apresenta-se nos primeiros momentos de vida de um bebê. Nesse caso, há uma ferida narcísica maior, e é a partir da sua elaboração que se torna possível oferecer um lugar imaginário e simbólico a esse infante, que lhe permita se constituir como sujeito desejante.

Discute também essa articulação à luz da psicanálise, especialmente utilizando o referencial lacaniano, uma vez que ela pode contribuir no sentido de separar o que é um sintoma psíquico e o que são as dificuldades advindas do distúrbio neurológico. Por meio de um estudo de caso de uma criança com mielomeningocele, a autora analisa algumas intervenções médicas e psicanalíticas. Considera a necessidade do reposicionamento subjetivo dos pais e de uma série de mudanças na família, para que se faça o luto do 'bebê ideal' e para que esse filho real seja acolhido. Argumenta que o destino de uma criança com problemas neurológicos não pode ser prematuramente traçado, seja do ponto de vista psicanalítico, pois se trata de um sujeito, seja do ponto de vista médico, pelas descobertas científicas, por exemplo, da plasticidade cerebral.

Na dissertação “Fala e subjetivação: um estudo sobre os distúrbios da fala na clínica com crianças” (2001), são analisadas as relações entre os distúrbios da fala observados na clínica com crianças e a posição objetiva delas. A autora parte do funcionamento das representações, tal como foi postulado por Freud, até a representação do sujeito através do significante, segundo Lacan. Extrai, dos distúrbios da fala apresentados por dois pacientes, uma estrutura que circunscreve a posição do sujeito em relação ao Outro. Nesse momento, passa a discutir o que a psicanálise tem a oferecer no tratamento desses pacientes, relacionando os distúrbios da fala aos processos que estão em jogo nas operações constitutivas do sujeito – alienação e separação.

Sem a pretensão de aprofundar tema tão complexo, mesmo porque tal intenção ultrapassaria o escopo desta pesquisa, devemos considerar que pesquisas como as descritas anteriormente, ao utilizar de metodologia e teoria psicanalíticas, lançam luz sobre quadros clínicos específicos pouco descritos na literatura psicanalítica.

Como é possível observar no Quadro 19 os títulos agrupados sob esta rubrica apresentam características que nos permitem uni-los e diferenciá-los. Se por um lado os trabalhos de Winnicott, Tustin e Alvarez continuam a ser citados e utilizados como referencial em pesquisas do ramo, outros referenciais têm ganhado destaque. Reflexo disso é o fato de Lacan ser citado como referencial teórico em um número significativo dos trabalhos localizados e categorizados nessa temática.

Em outra direção, o surgimento de práticas institucionais inspiradas na teoria psicanalítica, dedicadas ao atendimento psicoterápico e educacional de crianças com quadros clínicos específicos, sobretudo a partir da década de 1990, agregaram contribuições valiosas para promover a reflexão sobre as especificidades da técnica psicanalítica com esses pacientes. Além disso, é inegável a força da contribuição da psicanálise como substrato teórico para a organização de práticas institucionais de natureza educativa e terapêutica.

Embora a tendência evidenciada nos últimos anos, com relação ao atendimento de crianças com casos clínicos específicos, recaia majoritariamente sobre as práticas cognitivo-comportamentais, é possível identificar alguns trabalhos que têm apresentado ampla repercussão no que se refere à articulação da teoria psicanalítica com práticas institucionais destinadas a esse público. Dentre essas instituições, destacamos duas, não só por estarem consolidadas com uma experiência prática que ultrapassa vinte anos, mas também por coligirem uma expressiva produção teórica decorrente da reflexão oriunda das intervenções realizadas. São elas: Centro de Pesquisa em Psicanálise e Linguagem (CPPL) e Associação Lugar de Vida: Centro de Educação Terapêutica.

O Centro de Pesquisa em psicanálise e Linguagem, fundado na cidade de Recife no ano de 1981, surgiu com a finalidade de oferecer atendimento psicanalítico a crianças com sofrimento psíquico grave. Dado o seu pioneirismo, o CPPL tornou-se a primeira instituição brasileira a oferecer atendimento psicanalítico a crianças autistas, tendo como referencial a teoria de Winnicott, sem, contudo, deixar de considerar a pertinência de outros autores, inclusive aqueles que não teorizaram diretamente sobre o autismo.

A Pré-Escola Terapêutica Lugar de Vida, hoje Associação Lugar de Vida: Centro de Educação Terapêutica, foi fundada em 1990 no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, com a finalidade de oferecer educação terapêutica a crianças autistas e psicóticas,

tendo duas fontes de inspiração: a Escola Experimental de Bonneuil, fundada em Paris por Maud Mannoni, e o CPPL.

Duas características fundantes que permeiam o trabalho desenvolvido por estas instituições são a interdisciplinaridade e a abrangência das ações terapêuticas para além da clínica tradicional.

A interdisciplinaridade, elemento que se sobrepõe continuamente nessas práticas institucionais, manifesta-se pela abrangência teórica que sustenta o trabalho clínico e pela possibilidade de integração das ações de diversos profissionais, dentro e fora da instituição.

Assim, tanto no CPPL, que teve suas primeiras ações ancoradas na teoria de Winnicott, quanto no Lugar de Vida, cujo trabalho adotou como referência teórica as ideias de Maud Mannoni e a teoria lacaniana, existe um espaço suficientemente abrangente para a introdução e articulação de outros modelos teóricos, dentro e fora da psicanálise, que auxiliam na compreensão da criança autista e no planejamento de ações terapêuticas que visam auxiliá-la.

Algumas dessas características podem ser constatadas na dissertação “Inclusão escolar: um trabalho com professores a partir de operadores da psicanálise” (2003). Essa dissertação visa fundamentar uma leitura psicanalítica da escuta de professores, com o objetivo de propiciar novas formas de ensino e aprendizagem que viabilizem a inclusão escolar de crianças com distúrbios globais de desenvolvimento (DGD).

Nesse sentido, realizou-se uma pesquisa teórica em torno de três eixos: o histórico da educação inclusiva, a psicanálise e a inclusão escolar e os impasses vividos pelo professor no trabalho de inclusão. Para iluminar essa discussão, propõe-se uma reflexão teórica sobre o papel da educação especial, pondo-se em questão os padrões de normalidade construídos pela sociedade contemporânea. Abordam-se, também, as possibilidades de conexão entre a psicanálise e a educação inclusiva, partindo de estudos que apontam a educação como ferramenta terapêutica no tratamento de crianças com DGD. Para ilustrar as considerações teóricas levantadas, são analisados alguns fragmentos recortados das reuniões de professores realizadas no Grupo Ponte, da Pré-Escola Terapêutica Lugar de Vida, e amplia-se a discussão com a proposta de uma reflexão sobre o mal-estar no campo da educação, abordando-se o tema do fracasso escolar com base no conceito de sintoma social.

O desenvolvimento dessa pesquisa demonstrou ser possível um trabalho com professores composto pela escuta psicanalítica e por intervenções específicas, com o objetivo de localizar a posição do aluno na estrutura discursiva da escola, propiciando novas formas de

ensino e de aprendizagem e tornando possível um trabalho de inclusão escolar de crianças com dificuldades especiais.

Nessa direção, uma das inovações desse trabalho foi a possibilidade de inserção de suas ações terapêuticas em outros contextos para além da instituição, como, por exemplo, a articulação do trabalho desenvolvido com as escolas regulares frequentadas por alguns dos alunos, de forma a promover a ampliação das ações terapêuticas para além do contexto institucional e auxiliar no processo de inclusão escolar.

Em linhas gerais, é possível reconhecer, na breve descrição apresentada neste capítulo, que as contribuições derivadas dos trabalhos arrolados aqui favoreceram a ampliação da técnica psicanalítica com crianças com quadros clínicos específicos, na medida em que as novas demandas clínicas concitaram os pesquisadores a buscar delimitações técnicas mais respondentes às necessidades desses pacientes.

## 9 RELATOS CLÍNICOS: DOS ESTUDOS DE CASO AOS PROCEDIMENTOS CLÍNICOS

No que se refere à psicanálise com crianças, podemos dizer que ela se fez a partir de casos clínicos. Temos uma profusão de relatos de diversos analistas que se dedicaram ao tratamento de crianças. O pequeno Hans, como ficou conhecido o texto *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos* (1909), caso clínico inaugural na psicanálise com crianças, nos foi relatado por Freud como uma ilustração das teorias sexuais infantis, tal como ele as escutava de seus pacientes adultos. Em seu texto, Freud dá testemunho de sua resposta ao sintoma fóbico de um menino de cinco anos, implicando o pai e a sua dificuldade em exercer sua função simbólica na solução sintomática da criança.

Com as contribuições de Melanie Klein, vimos a introdução de uma nova forma de narrativa nos casos clínicos na psicanálise, fazendo um relato sessão por sessão, evidenciando a manifestação do inconsciente em sua materialidade e uma demonstração do saber fazer do psicanalista. Percebemos, a partir de seu relato do caso Richard, que culminou no livro *Narrativa da análise de uma criança* (1961), sua concepção do processo analítico, assim como da posição a partir da qual o analista opera.

Ao longo de século XX, novos autores surgiram e fizeram, igualmente, inúmeras contribuições ao desenvolvimento e entendimento da criança e da psicanálise, na maioria das vezes enriquecendo suas contribuições com a apresentação de relatos clínicos. Entre estes, podemos citar Winnicott com *The Piggle: Relato do tratamento psicanalítico de uma menina* (1977) e o *Caso Dominique* (1971), de Dolto.

Winnicott relata o tratamento de Gabrielle, uma garotinha de 2 anos e 5 meses de idade, apelidada de *Piggle* (1977). Gabrielle apresentava um constante estado de vigília, também ficava facilmente aborrecida, deprimida, insegura, angustiada e ciumenta. O tratamento terminou quando ela estava com 5 anos de idade. Não definindo um diagnóstico, mas parecendo descartar uma psicose, Winnicott acreditava que as angústias da mãe se encontravam na etiologia do adoecimento da menina.

Por sua vez, Dolto relata o caso Dominique, um adolescente psicótico de quatorze anos, encerrado progressivamente em si mesmo, que se tornou cada vez mais indiferente ao que o cercava. Só se ocupava em desenhar, e sempre as mesmas coisas: automóveis e aviões. Também fazia modelagens de personagens filiformes e grotescos, sempre os mesmos. Apresentava condutas estereotipadas. O caso Dominique é também um texto de interesse

teórico: ao lado de suas hipóteses fundamentais a respeito do Sujeito e do desejo, Dolto ilustra a sua teoria da imagem do corpo e das castrações simbologênicas.

De maneira análoga, observamos em nossa pesquisa que, nas pesquisas sobre psicanálise com crianças desenvolvidas no meio acadêmico, alguns trabalhos valeram-se de relatos e procedimentos clínicos.

No QUADRO 20, segue a descrição de alguns dados dos trabalhos com essa temática.

QUADRO 20 – RELAÇÃO DAS DISSERTAÇÕES E TESES SOBRE O TEMA “RELATOS CLÍNICOS”

TÍTULO	AUTOR	D/T	ORIENTADOR	IES	ANO	REFERENCIAL
<b>A criança no discurso do outro: ensaios sobre a clínica dos distúrbios graves na infância.</b>	BRAUER, Jussara Falek	T.L. D	Prizskulnik, Leia	USP	2000	Lacan
<b>Um estudo psicológico da asma em crianças: considerações acerca da angústia e inibição presentes nessa sintomatologia</b>	BUZINARI, Marlene	D	Seminério, Maria Luiza Teixeira de Assunção Lo Preste	PPGP/UFRJ	2001	Freud
<b>Em busca do elo perdido: escuta psicanalítica para histórias de adoção</b>	SILVA, Maria Salete Abrão Nunes da	D	Amiralian, Maria Lúcia Toledo Moraes	IPUSP/USP	2001	Freud
<b>Retrato de vivências emocionais de crianças recém-abrigadas: observações psicanalíticas por meio do Procedimento de Desenhos</b>	LEONCIO, Wadad Ali Hamad	D	Tardivo, Leila Salomão de La Plata Cury	IPUSP/USP	2002	Trinca
<b>"Tia, você veio?": um estudo dos mecanismos de projeção e introjeção e das relações objetais na psicoterapia psicanalítica de uma criança vítima de abandono</b>	SOUZA, Adriana Borges Tannus de	D	Nunes, Maria Lucia Tiellet	IPUSP/USP	2002	Klein
<b>A observação lúdica e o psicodiagnóstico compreensivo: aplicações do referencial de análise do procedimento de desenhos-estórias</b>	MENICHETTI, Dagmar	D	Tardivo, Leila Salomão de La Plata Cury	IPUSP/USP	2003	Trinca
<b>Especificidades da comunicação no trabalho clínico com crianças</b>	CASTELO, Maria Tereza Pinheiro	T	Campos, Elisa Maria Parahyba	IPUSP/USP	2003	Klein e Bion
<b>A latência hoje: reflexões acerca da organização psíquica da sexualidade em crianças de 9 anos</b>	PINHEIRO, Gianna Filgueiras Mohana	D	Tardivo, Leila Salomã de La Plata Cury	PUC/SP	2006	Trinca
<b>Compreendendo a fobia em odontopediatria por meio de intervenções com o Procedimento de Desenhos-Estórias</b>	OLIVEIRA, Fatima Cristina Monteiro de	D	Amiralian, Maria Lucia Toledo Moraes.	IPUSP/USP	2008	Trinca

Fonte: Elaboração do autor

Como foi possível observar no Quadro 20, 9 dos trabalhos aparecem sob a rubrica do tema relatos clínicos. Dessa forma, escolhemos apresentá-los, demarcando os parâmetros teóricos, técnicos e metodológicos que norteiam esses trabalhos, e pretendemos, a partir deles, contribuir para uma maior compreensão no estudo dessa temática. Cada um desses relatos se refere a um caso clínico diferente.

Inicialmente, localizamos “A criança no discurso do outro: ensaios sobre a clínica dos distúrbios graves na infância” (2000). Os ensaios reunidos nessa tese contêm reflexões em torno do trabalho com crianças que apresentam distúrbios graves. O primeiro ensaio contém o relato de uma pesquisa desenvolvida no interior da Clínica Psicológica da USP, com o objetivo de apresentar os procedimentos adotados no atendimento de uma paciente com distúrbios graves. O segundo ensaio ocupa-se em fazer um levantamento de fundamentos norteadores para o trabalho analítico com crianças. O terceiro ensaio problematiza o diagnóstico dos distúrbios graves na infância, discute a contribuição da psicanálise para o trabalho com as deficiências e conclui com uma hipótese explicativa para os distúrbios graves na infância, apoiada nas noções de inibição e passagem ao ato, presentes na teoria psicanalítica. No quarto ensaio é exposta a teoria lacaniana para a psicose paranoica e se propõe uma hipótese explicativa para os casos estudados com base nessa teorização. A teoria psicanalítica, tal como se lê em Freud e Lacan, serve de embasamento teórico para o trabalho. No anexo, encontram-se relatados os casos atendidos no bojo da pesquisa e teorizados ao longo da tese.

Em seguida, vemos a dissertação “Um estudo psicológico da asma em crianças: considerações acerca da angústia e inibição presentes nessa sintomatologia” (2001). Nessa pesquisa, é realizado um estudo da asma, justificado pela sua incidência contínua no curso das últimas décadas, apesar do melhor conhecimento de seus fenômenos psicológicos, de sua fisiopatologia, conforme indicam várias fontes de pesquisa. E vários espaços se abrem para novas investigações.

Pelo viés da teoria psicanalítica, algumas suposições psicológicas relacionadas à doença têm sido apontadas. A dissertação teve como objetivo principal um estudo psicológico da asma em crianças, considerando, principalmente, a angústia e a inibição presentes na sintomatologia. Especificamente, buscou-se descrever as primitivas relações mãe-filho, das quais emerge um corpo erógeno, enfocando o desamparo do neonato e a angústia materna. Além disso, busca-se uma compreensão de alguns fatores psicológicos que possam ser observados no surgimento e nas reincidências da doença, sublinhando a simbologia da bombinha medicamentosa. Para isso, utiliza-se de uma pesquisa na teoria freudiana e estudo

de caso, realizado por meio de entrevistas semiestruturadas e observações por meio da escuta, em um ambulatório de pneumologia pediátrica, das mães e crianças com asma persistente. Participaram dessa pesquisa 12 díades.

No mesmo ano na dissertação “Em busca do elo perdido: escuta psicanalítica para histórias de adoção” (2001), encontramos um estudo dos aspectos psicodinâmicos de indivíduos que viveram a experiência de adoção. Analisa-se o material composto por trechos de sessões psicoterápicas e entrevistas realizadas em consultório particular com cinco pacientes de faixa etária diversa, que são filhos adotivos. Fazem parte do material trechos de entrevistas com os pais adotivos de alguns dos pacientes estudados. A análise do material aponta dificuldades de pais e de filhos adotivos, relativas ao processo de identificação, às questões com o resgate das origens e à história dos filhos adotivos no período em que viveram com seus pais biológicos. Aponta, ainda, a descontinuidade vivenciada psiquicamente em função da troca de cuidados dos pais originais para os cuidados dos pais adotivos. Conclui que a impossibilidade de elaboração, por parte de pais e filhos adotivos, dessa história diferente, que inclui um momento de descontinuidade, é o que pode propiciar patologia em termos psicológicos para esses indivíduos. Aponta que a possibilidade de elaboração psíquica da descontinuidade e de integração da história vivida nas origens poderia propiciar uma saída saudável, permitindo a esses indivíduos uma vivência interna de unidade e continuidade.

Em 2002, na dissertação “Retrato de vivências emocionais de crianças recém-abrigadas: observações psicanalíticas por meio do Procedimento de Desenhos-Estórias”, vemos o retrato de vivências emocionais de crianças recém-abrigadas, encaminhadas pelo Conselho Tutelar da Criança e pela Justiça a um abrigo. O abrigamento é aplicado pela Justiça quando os direitos da criança, descritos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1991), são ameaçados ou violados. Para retratar tais vivências emocionais, realizou-se uma entrevista semiestruturada e foi aplicado individualmente o Procedimento de Desenhos-Estórias (D-E) de Trinca (1976) em 13 sujeitos abrigados, de 5 a 12 anos de idade, de ambos os sexos e de nível socioeconômico baixo; empregou-se o método do estudo de caso. Os dados do Procedimento de Desenhos-Estórias são apresentados em uma avaliação de conteúdo do tipo análise por livre inspeção do material (TARDIVO, 1997), com fundamentação psicanalítica. A partir da análise dos dados, foi possível observar que a privação de um bom ambiente está intimamente relacionada à situação de miséria e de multicarências em que vivem as famílias das crianças. O abrigamento intensificou os problemas emocionais das crianças por mobilizar sofrimento intenso relacionado às frustrações de seus desejos de estarem com a sua família, além da angústia por estarem em um

lugar estranho. A separação da criança de tudo que lhe é familiar intensificou seus sentimentos de desproteção, de desamparo, de solidão, de abandono e de rejeição. O sofrimento das crianças se acentuou, ainda mais, ao conceberem o abrigo como um castigo por não se comportarem bem, o que mobilizou sentimentos de culpa. Observou-se que, devido à experiência com a situação real, as crianças se tranquilizaram e começaram a querer comunicar suas vivências emocionais, se relacionar e se vincular. O estudo mostrou que todas as crianças apresentam problemas psicológicos. Elas necessitam, além de bons cuidados no abrigo, de atendimento psicológico.

“A observação lúdica e o psicodiagnóstico compreensivo: aplicações do referencial de análise do procedimento de desenhos-estórias” inicia o ano de 2003. Essa dissertação estuda a Observação Lúdica no contexto do psicodiagnóstico compreensivo, propondo para a sua interpretação o Referencial de Análise elaborado por Trinca (1984). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de orientação psicanalítica, com o objetivo de contribuir para ampliar a compreensão e o uso da Observação Lúdica, sugerindo um referencial de análise acessível e estudado em pesquisas. Desenvolve estudos clínicos de quatro crianças, de cinco a sete anos, analisando os dados obtidos nas entrevistas com os pais, na Observação Lúdica, no Procedimento de Desenhos-Estórias (D-E) e por meio das aplicações do Referencial de Tardivo (1997). Apresenta os diversos sentidos do jogo e do brincar, a partir de estudos da filosofia, sociologia, psicologia da aprendizagem e do desenvolvimento. Esses estudos valorizaram o brincar como manifestação sociocultural, relacionado à alegria, à imaginação, à interação social, à estética e ao desenvolvimento em geral. Na psicanálise, enfatiza as contribuições de Freud, Anna Freud, Klein, Aberastury, Winnicott entre outros, que estudaram o brincar como expressão simbólica, ressaltando a fantasia, a comunicação não verbal, a elaboração, a superação de ansiedades, criando alternativas e utilizando o potencial criativo. Examina também os conceitos de psicodiagnóstico, valorizando o processo de tipo compreensivo (TRINCA, 1984). Descreve os sentidos do termo projeção, que fundamentam os testes psicológicos e a Observação Lúdica. Discute o Procedimento de Desenhos-Estórias, reconhecido por meio de suas pesquisas em diversos campos de atuação, destacando os estudos normativos de Tardivo. Descreve a Observação Lúdica como um contato inicial com a criança, possibilitando uma comunicação espontânea através dos brinquedos. Enfatiza a utilização do brincar para a avaliação psicológica, ao lado de outros procedimentos para a investigação de aspectos conscientes e inconscientes da personalidade.

O ano de 2006 é marcado pela dissertação “A latência hoje: reflexões acerca da organização psíquica da sexualidade em crianças de 9 anos”. Esse é um estudo qualitativo que tem como objetivo refletir sobre a organização psíquica da sexualidade em crianças de nove anos. Para tanto, foi utilizado o Procedimento de Desenhos-Estórias (D-E), técnica de investigação clínica da personalidade, introduzida por Walter Trinca em 1972. Essa pesquisa contou com a participação de dez crianças de nove anos, sendo cinco meninas e cinco meninos, de uma escola particular em São Luís do Maranhão. Ao analisar os desenhos e as estórias de cada criança, procurou-se investigar: a) indícios de erotização precoce; b) a solidez do ego para lidar com as demandas pulsionais; c) a existência de um psicodinamismo que caracterizasse uma adolescência precoce; d) a utilização do mecanismo de repressão na intensidade própria ou característica do período de latência. Os resultados obtidos nessa pesquisa revelaram indícios de erotização precoce em apenas uma das crianças estudadas. Por outro lado, a análise do D-E revelou que as crianças empregam a repressão para evitar a intensa angústia que viveriam se os estímulos sexuais genitais invadissem o ego nesse momento do desenvolvimento. As crianças revelam que a sexualidade poderia ser vivida de uma forma destrutiva, uma vez que o ego nesta fase da vida não tem capacidade para elaborar o surgimento abrupto de estímulos sexuais genitais. Foi possível verificar, também, que a erotização precoce poderia acarretar dificuldades relacionadas com as capacidades de aprender e de pensar, tendo como consequência a substituição do pensamento pela atuação. A erotização precoce em crianças de nove anos implicaria, de outro lado, dificuldades na preparação do ego para lidar com os conflitos característicos da adolescência. Esse estudo mostra que cada fase de desenvolvimento deve ser vivida com suas características próprias. Confirmou-se o valor, já evidenciado em outros trabalhos, do Procedimento de Desenhos-Estórias, no diagnóstico clínico e também como mediador no contato com as crianças.

Finalizamos a temática com a dissertação “Compreendendo a fobia em odontopediatria por meio de intervenções com o Procedimento de Desenhos-Estórias” (2008), uma pesquisa qualitativa que aplicou, avaliou os resultados e comprovou a utilidade da aplicação do Procedimento de Desenhos-Estórias na apreensão dos conteúdos emocionais de crianças e adolescentes com receio do tratamento odontopediátrico. O objetivo do estudo foi pesquisar os pontos nodais das angústias, conflitos, fantasias e mecanismos de defesa que emergem nessa situação de crise. O método consistiu na utilização de entrevistas clínicas com as mães e crianças, na observação clínica da criança e na aplicação do procedimento. Foram estudadas 15 crianças entre 8 e 14 anos, utilizando-se de 3 a 12 sessões. O referencial de abordagem e interpretação foi o psicanalítico. Como modificação em relação à proposta

original do instrumento, foram utilizadas intervenções auxiliares de associações livres e propiciadoras de aprofundamento no material emergente e de compreensão dos conteúdos emocionais. Observou-se que: a. A necessidade de atendimento odontopediátrico exacerba com intensidade fantasias, conflitos e mecanismos de defesa primitivos. b. O instrumento facilita o contato e aprofundamento com focos nodais de conflitos e angústias inconscientes. c. O processo auxilia no conhecimento dos conflitos, mobilizando uma tendência para a integração deles. Verificou-se que as intervenções com o Procedimento de Desenhos- Estórias foram plenamente adequadas à apreensão dos conteúdos emocionais profundos de crianças e adolescentes nessa condição de crise. Concluiu-se que a situação de crise que antecede o atendimento odontopediátrico dos pacientes estudados foi ampla de mobilização de angústias primitivas e intensas fantasias que necessitam ser comunicadas e elaboradas em um processo psicoterapêutico.

### **9.1 Alinhando tendências**

Este tópico tem por objetivo apontar os elementos em comum nas teses e dissertações apresentadas, o que nos permitiu denominá-los sob a rubrica “Relatos Clínicos”.

A principal característica que une a maioria dos trabalhos descritos diz respeito à utilização do método de estudo de caso, mesmo quando o tema principal foi a discussão e aprofundamento de questões teóricas e técnicas, como é possível observar nas pesquisas "Tia, você veio?": um estudo dos mecanismos de projeção e introjeção e das relações objetais na psicoterapia psicanalítica de uma criança vítima de abandono”(2002) e “Especificidades da comunicação no trabalho clínico com crianças” (2000).

Nos dois estudos, vemos um diálogo entre a teoria e a clínica por meio da discussão teórica sobre as relações objetais, introjeção e projeção e a utilização da técnica de psicanálise com crianças. A discussão dos casos clínicos é realizada a partir de recortes das sessões de psicoterapia que permitiram a investigação e o aprofundamento com base na teoria de Melanie Klein e dos desenvolvimentos posteriores de Winnicott e Bion.

Outra característica comum entre alguns trabalhos diz respeito ao quadro médico ou à sintomatologia da criança. Como é possível observar no próprio título dos trabalhos “A criança com distúrbio neurológico” (2000) e “Um estudo psicológico da asma em crianças: considerações acerca da angústia e inibição presentes nessa sintomatologia” (2001), a questão principal diz respeito a crianças com quadros somáticos específicos.

As duas pesquisas procuram lançar um melhor conhecimento dos fenômenos psicológicos, nesses casos, pelo viés da teoria psicanalítica. São apontadas, principalmente, a angústia e a inibição presentes nesses quadros. Especificamente, buscam-se descrever as primitivas relações pais-filho, o primeiro, na teoria freudiana, e o segundo, na laciana. Ambas as pesquisas contêm a descrição de relatos clínicos desenvolvidos em contexto hospitalar.

Pelo enunciado anteriormente – e pelos exemplos apresentados até o momento – é evidente que o procedimento de D - E adequa-se bem ao método de estudo de caso. Alguns exemplos podem ser aqui apresentados para ilustrar essa questão.

Para ilustrar, podemos utilizar os trabalhos orientados pela professora Leila Tardivo, que acompanhou 3 dos 9 trabalhos dessa categoria, utilizando o Procedimento de Desenhos-Estórias.

Dentre os trabalhos apresentados anteriormente e orientados pela referida professora, utilizando o Procedimento em diferentes contextos, destacaremos os seguintes:

- “Retrato de vivências emocionais de crianças recém-abrigadas: observações psicanalíticas por meio do Procedimento de Desenhos”. (2002)
- “A latência hoje: reflexões acerca da organização psíquica da sexualidade em crianças de 9 anos”. (2006)

Antes, no entanto, apresentaremos algumas considerações sobre o Procedimento. Como apontado anteriormente, esse procedimento adequa-se facilmente aos estudos de casos em diferentes contextos, permitindo uma avaliação baseada nos princípios psicanalíticos.

O método foi introduzido por Walter Trinca, em 1972, no intuito de explorar profundamente a dinâmica inconsciente da personalidade, especialmente queixas e outras angústias emergentes em dada situação. A proposta foi apresentada inicialmente como tese de doutorado, sendo posteriormente transformada em livro.

Segundo Cunha (2000), hoje se encontram mais de 100 trabalhos publicados, dentre eles, mais de 30 teses de Doutorado e dissertações de Mestrado que abordam o D – E. A técnica do procedimento de Desenhos – Estórias de Trinca propõe que o examinando realize uma série de desenhos livres, associados às estórias que eles contam, também de modo livre, servindo como estímulos de apercepção temática. Sendo assim, “ele se constitui em instrumento com características próprias que se vale de processos expressivo-motores e aperceptivo-dinâmicos” (CUNHA, 2000, p.429).

Ao resultado desse trabalho – os desenhos que eliciam as estórias e formam um todo – soma-se ainda a utilização de “inquéritos” e títulos para as unidades gráfico-verbais. O uso do

D – E expressa-se com grande valor não somente na detecção de componentes das experiências subjetivas, mas também no reconhecimento das características formais e estruturais da personalidade.

Grassano (1996) afirma que a produção gráfica revela a concepção e os conflitos inerentes ao manejo especial das funções e do interior do próprio corpo, além das angústias e fantasias dominantes com relação ao corpo de outras pessoas, construídas desde as primitivas relações de objeto.

Por isso, o Procedimento de Desenhos – Estórias fundamenta-se em suposições como:

- O indivíduo pode revelar disposições, conflitos, esforços, dentre outros, ao estruturar ou completar uma situação incompleta. Esse é o princípio das técnicas projetivas em geral. As associações livres tendem a se dirigir a setores em que o indivíduo é emocionalmente mais sensível. Segundo Cunha (2000), essa mesma hipótese fundamenta a psicanálise e aplica-se ao D – E, que deixa o examinando livre para realizar a tarefa, podendo exprimir seus impulsos, angústias, conflitos, fantasias inconscientes etc.
- Nas técnicas projetivas, quanto menor for a direção e estruturação do estímulo, maior será a possibilidade de surgir material emocionalmente significativo. Nesse caso, espera-se que os núcleos significativos da personalidade possam manifestar-se.
- Crianças e adolescentes preferem comunicar-se por desenhos e fantasias aperceptivas do que se expressar por comunicações verbais diretas. Alguns adultos, muitas vezes, também têm essa preferência.
- Determinadas sequências retiradas de provas gráficas e temáticas tendem a produzir um fator ativador dos mecanismos e dinamismos da personalidade, possibilitando uma maior profundidade e clareza na comunicação, com começo, meio e fim.

Quanto à avaliação do D – E, existe a proposta psicanalítica com método “livre inspeção do material”. Essa forma de avaliação baseia-se em análise globalística, ou seja, a partir do conjunto da produção (desenhos – estórias, respostas aos inqueritos e outras associações), são levantadas hipóteses referentes às angústias e conflitos predominantes, à natureza dos impulsos, das fantasias inconscientes, dos vínculos mais significativos, das defesas mais utilizadas, entre outros aspectos. Esses aspectos são relacionados com as queixas.

Pinheiro (2006), ao contextualizar a latência hoje, aprova essas possibilidades ao analisar os desenhos e as estórias de cada criança que aplicou o procedimento. Em cada

estudo de caso em contexto tradicional, procurou-se investigar: a) os indícios de erotização precoce; b) a solidez do ego para lidar com as demandas pulsionais; c) a existência de um psicodinamismo que caracterizasse uma adolescência precoce; d) a utilização do mecanismo de repressão na intensidade própria ou característica do período de latência.

Considerando que o procedimento também é válido no estudo de casos clínicos em diversos contextos, encontramos a dissertação de Leoncio (2002). Com o objetivo de estudar e retratar vivências emocionais de crianças recém-abrigadas, encaminhadas pelo Conselho Tutelar da criança e pela Justiça, o autor realizou entrevista semiestruturada e aplicou individualmente o Procedimento de Desenhos-Estórias em 13 sujeitos abrigados, entre 5 e 12 anos de idade, de ambos os sexos e de nível socioeconômico baixo.

A partir da análise dos dados, Leôncio observou que a privação de um bom ambiente está intimamente relacionada à situação de miséria e de multicarências em que vivem as famílias das crianças. Concluiu que o abrigo intensificou os problemas emocionais das crianças por mobilizar sofrimento intenso relacionado às frustrações de seus desejos de estar com a sua família, além da angústia por estar em um lugar estranho. A separação da criança de tudo que lhe é familiar, segundo o pesquisador, intensificou os sentimentos de desproteção, de desamparo, de solidão, de abandono e de rejeição. Dessa forma, Leôncio observou que o Procedimento Desenhos-Estórias é realmente um instrumento capaz de mobilizar as angústias e os conflitos existentes no mundo interno da criança.

Nesse breve percurso por essas duas pesquisas realizadas com o recurso ao Procedimento de Desenhos-Estórias, podemos perceber que, nas pesquisas selecionadas, ele é um instrumento utilizado tanto na clínica particular como em outras áreas de atuação do psicólogo.

Considerando as suas características, parece legítimo sustentar a hipótese de que as sínteses apresentadas refletem algumas das tendências que permeiam os “Relatos Clínicos” psicanalíticos com crianças, desenvolvidos nos trabalhos selecionados em nossa pesquisa.

Coerentes com esse pressuposto, devemos agora demonstrar um panorama que consolide as tendências enunciadas nos capítulos anteriores, retratando as outras categorias criadas para caracterizar parte da produção teórica relativa à psicanálise com crianças na atualidade, a partir da ótica de algumas universidades brasileiras.

## CONCLUSÃO

Se partirmos da premissa de que conclusão pressupõe um final, um acabamento, ou ainda um entendimento definitivo sobre determinado tema, teríamos neste momento o compromisso de apresentar algumas formulações definidoras das principais características atuais da psicanálise com crianças no contexto universitário brasileiro.

No entanto, a natureza do presente trabalho não nos permite seguir em tal direção, uma vez que este estudo propiciou apenas a compreensão de um septo da produção universitária brasileira sobre o tema. Dito em outros termos, a presente pesquisa emerge como um trabalho de natureza muito mais prospectiva do que conclusiva, de tal modo que, ao apresentar pesquisas realizadas em sua maioria nas regiões sul e sudeste do Brasil, notadamente as regiões que tiveram uma difusão pioneira da Psicanálise em nosso país, sinalizamos que apenas algumas das áreas de desenvolvimento na atualidade que caracterizam a psicanálise com crianças em nosso país foram expostas, sem, contudo, esgotar de forma ampla e profunda as diferentes pesquisas desenvolvidas em cada uma das regiões de nosso território. Certamente, essas pesquisas deverão ser objeto, no futuro, de estudos mais detalhados.

Ainda cabe ressaltar que o mapeamento apresentado durante este estudo, sob o qual estão sustentadas nossas conclusões, apresenta um extrato relativo à psicanálise com crianças no meio universitário brasileiro, construído a partir dos trabalhos selecionados. Evidentemente, temos a consciência de que o tema em estudo não foi esgotado, visto que muitas outras pesquisas de destaque e relevância não foram incluídas neste estudo em decorrência das delimitações metodológicas.

Feitas essas ressalvas, estamos em condições de responder de forma sintética as indagações propostas a partir dos objetivos, que foram sendo apresentadas ao longo da pesquisa. Procuraremos, então, mapear as especificidades da produção psicanalítica com crianças, no meio acadêmico brasileiro, durante a primeira década do século XXI, a partir de dissertações e teses sobre o tema, localizadas em uma base de dados virtual.

Um primeiro ponto a ser destacado recai sobre a intensidade e a inconstância do crescimento da atividade dos trabalhos selecionados. Como observado, durante o período de 2000 a 2006, ocorreu um crescimento no número de dissertações e teses defendidas, seguido de um declínio nos anos seguintes. No período considerado de 2000 a 2010, foram defendidas 74 dissertações e teses sobre o tema. Apesar da inconstância, esse fato aponta uma produção ativa sobre o tema nos Programas de Pós-Graduação em Psicologia em nosso país,

representada por meio dos trabalhos selecionados. Localizamos uma prevalência de trabalhos defendidos no Instituto de Psicologia da USP. Atribuímos tal característica ao fato de a Universidade de São Paulo ser umas das mais tradicionais e a maior da América Latina. Além disso, conta com incentivos e fomentos à pesquisa quantitativamente maiores do que as demais instituições. É fato que todas as áreas têm recebido apoio institucional da CAPES, sob a forma de bolsas e auxílios, bem como da FAPESP e do CNPq para bolsas e desenvolvimento de projetos de pesquisa de docentes.

A presente pesquisa também permitiu identificar quais orientadores possuem uma produção maior de trabalhos sobre o tema localizados em nossa busca. Entre os docentes que mais orientaram destaca-se, com 10 trabalhos, a Doutora Maria Cristina Machado Kupfer, que atualmente é Professora Titular da Universidade de São Paulo e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, atuando principalmente nos seguintes temas: psicanálise, infância, pesquisa interdisciplinar, educação especial, autismo e psicose infantil.

Em relação à fundamentação teórica dos trabalhos, encontramos números significativos nas citações de Lacan, Freud, Winnicott e Klein, nessa ordem. A citação de autores como Freud, Lacan e Winnicott, como psicanalistas, nos permite comentar a convergência de dois fatores. De um lado, a constante influência freudiana nos trabalhos com crianças e, de outro lado, uma crescente influência do pensamento lacaniano e winnicottiano na abordagem dos trabalhos com crianças localizados em nossa pesquisa.

Partindo dessa constatação, podemos dizer que os fundamentos teóricos que subsidiam os trabalhos aqui arrolados não nos permitem, neste momento, circunscrever o surgimento de um pensamento teórico original e dotado de razoável independência que possibilite singularizar a psicanálise com crianças nas universidades onde os trabalhos foram desenvolvidos. Todas são influenciadas pelas vertentes teóricas oriundas da Europa e das Sociedades de Psicanálise existentes em nosso país. Como demonstramos na fundamentação teórica, a prática em psicanálise infantil existente no Brasil é originária de matrizes europeias, no entanto essa influência não é linear, sofrendo variações e interferências em decorrência de fatores de natureza histórica. Mas podemos considerar, seguindo esta linha de raciocínio, que após uma primeira influência fundante da psicanálise com crianças no país, período em que prevaleceu maciçamente o pensamento kleiniano entendido como sinônimo de análise infantil, outras emergências teóricas se fizeram presentes. O surgimento de outras influências teóricas foi promovendo uma ampliação das matrizes teóricas, representadas, agora, não somente por Melanie Klein, mas por outros autores contemporâneos que ganharam maior

destaque, entre os quais Donald Winnicott, Francis Tustin, e mesmo Wilfred Bion. A essas presenças marcantes, acrescente-se a influência da psicanálise francesa de inspiração lacaniana, a partir dos trabalhos de Françoise Dolto, Maud Mannoni e mesmo de Lacan.

No que tange a este último autor, verificamos que suas contribuições são fundamentais nos trabalhos aqui agrupados, já que este aparece como autor mais citado como referencial teórico. Por sua vez, Maud Mannoni, influenciada por Lacan, trouxe grande contribuição para a aplicação das ideias do autor à prática clínica.

Entre as contribuições genuinamente brasileiras, encontramos as citações de dois autores nos trabalhos analisados: Fábio Herrmann e Walter Trinca. Este último destaca-se nas teses e dissertações em que são relatados estudos de caso.

Paralelamente aos dados comentados até o momento e pautados nos temas principais que surgiram na leitura dos trabalhos, foi possível realizar a divisão dos trabalhos em quatro categorias, que retomamos: Contextos Institucionais: relatos de experiência envolvendo organizações de serviços e atendimentos de crianças em instituições, mesmo que elas apresentassem algum quadro clínico específico; Estudos Conceituais: trabalhos que buscam aprofundar e discutir questões teóricas e relacionar a psicanálise com crianças a outras áreas do conhecimento; Casos Clínicos: trabalhos cujas questões teóricas e técnicas são apresentadas, discutidas e aprofundadas, e, em sua maioria, complementadas com um caso clínico; Quadros Clínicos Específicos: estudos em que são apresentadas e discutidas questões relativas a psicose infantil, autismo e deficiência, seja em contextos específicos - estudo de caso – seja em contextos institucionais.

Observamos uma predominância de trabalhos desenvolvidos em contextos institucionais e estudos conceituais.

Vale recordar também que, para criar tais categorias, foi considerada a natureza de cada trabalho. Dessa forma, os resultados obtidos para análise permitiram a constatação de algumas características específicas dos trabalhos desenvolvidos nas universidades.

De acordo com esses resultados, foi possível, depreender, no decorrer desta pesquisa, quatro temas: A importância dos casos clínicos na psicanálise com crianças: a consolidação de uma tradição; Estudos sobre grupos específicos: a psicanálise com crianças e os estados mentais primitivos; Estudos conceituais em psicanálise com crianças: comparações, ampliações e desenvolvimentos; A psicanálise com crianças em contextos institucionais.

Cumprido esse percurso que sinalizou áreas da pesquisa psicanalítica com crianças nos trabalhos selecionados, destacamos variações técnicas, referenciais teóricos, métodos e resultados das pesquisas citadas.

Não podemos finalizar esta pesquisa sem antes tecer alguns comentários sobre as pesquisas originadas nas práticas institucionais.

Em um breve retrospecto acerca da articulação entre psicanálise com crianças e práticas institucionais no Brasil, verificamos que a introdução dessa especialidade no país, conforme demonstrado, ocorreu entre as décadas de 1930 e 1940 por intermédio de Clínicas de Orientação infantil, que inicialmente ofereciam psicodiagnóstico às crianças com dificuldades escolares e orientação a pais e professores. Essas clínicas, posteriormente, entre as décadas de 1940 e 1950, dedicaram-se, de forma pioneira, à psicoterapia psicanalítica com crianças. Apesar do caráter inovador representado pelas práticas introduzidas por essas instituições ao associarem a atenção à criança à teoria psicanalítica, essas iniciativas foram descontinuadas a partir da década de 1960, seja pelo momento político do país seja em decorrência do redirecionamento das práticas psicanalíticas para dentro das recém-criadas Sociedades de Psicanálise.

Longe de afirmar que parte dessas práticas possa ter sido direcionada para o meio acadêmico, fica evidente a coincidência do momento histórico em que surgiram os cursos de graduação e pós-graduação em psicologia no Brasil com o contexto citado. No entanto, ainda é possível afirmar que, segundo nossa pesquisa, grande parte dos trabalhos foi realizada em contexto institucional.

Finalizando, convém destacarmos duas ressalvas, que servem como delimitação para a presente pesquisa, contribuindo para demonstrar os alcances e limites dos objetivos aqui formulados.

Todas as pesquisas aqui apresentadas inserem-se em um campo de variações da teoria e da técnica psicanalítica. Algumas compatíveis com a preservação dos pilares fundantes da psicanálise, ainda que comportem variações, outras com inúmeras inovações, mas que preservam ainda questões relevantes do método ou da teoria psicanalítica.

Como salientamos, e é válido repetir, a presente pesquisa teve um caráter muito mais prospectivo do que conclusivo. Dito de outra forma, nosso estudo procurou mapear parte da produção científica desenvolvida em alguns dos programas de pós-graduação em psicologia em nosso país, em sua maioria na região sul e sudeste. Consideramos também que as temáticas identificadas merecem ser aprofundadas a partir de pesquisas específicas, que abordem de forma cuidadosa cada uma delas, de forma a considerar, simultaneamente, a articulação da psicanálise com o contexto universitário brasileiro no qual estão inseridas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A. *Psicanálise da Criança: teoria e técnica*. Trad. de Ana Lúcia Leite de Campos. 8.ed. Porto Alegre: Artmed, 1992.
- ABERASTURY, A.; SALAS, E. J. *A paternidade: um enfoque psicanalítico*. Tradução de M. N. Folberg. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- ABERSTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência normal*. Tradução de S. M. G. Ballve. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- ABRÃO, J. L. F. *A História da Psicanálise de Crianças no Brasil*. São Paulo: Escuta, 2001.
- ABRÃO, J. L. F. *A Tradição Kleiniana no Brasil: uma investigação histórica sobre a difusão do pensamento kleiniano*. 2004. 300f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- ABRÃO, J. L. F. *As vicissitudes da clínica psicanalítica com crianças no século XXI: delimitação de parâmetros técnicos no contexto brasileiro*. 2012. 248f. Tese (Livre-Docência em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012.
- ABRÃO, J. L. F. Considerações históricas sobre a difusão do pensamento kleiniano no Brasil. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v.11, n.3, p.365-379, 2008.
- ABRÃO, J. L. F. Um inventário das relações entre educação e psicanálise no Brasil: perspectiva histórica. In: OLIVEIRA, M. L. *Educação e Psicanálise: história, atualidade e perspectivas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p. 125-142.
- ABRÃO, J. L. F. *Um percurso pela história da psicanálise de crianças no Brasil*. 1999. 200f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1999.
- ABRÃO, J. L. F. *Virgínia Bicudo: a trajetória de uma psicanalista brasileira*. São Paulo: Arte & Ciência, 2010.
- ALBORNOZ, A. C. G. *Psicoterapia psicanalítica com crianças e adolescentes institucionalizados*. 2004. 127f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- ALVAREZ, A. *Companhia Viva*. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- ALVAREZ, A. Identificação projetiva como comunicação: sua gramática em crianças psicóticas *borderline*. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v.30, n.1, p.35-46, 1996.
- ANDRADE, M. A. de A. *Fala e subjetivação: um estudo sobre os distúrbios da fala na clínica com crianças*. 2001. 82f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-

Graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

ARIÈS, P. *História Social da criança e da família*. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARISTÓTELES. *A política*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARROS, A. F. M, do R. *O lugar do pai no atendimento pais-bebê: consequências para o desenvolvimento da criança*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BASTOS, M. B. *Inclusão escolar: um trabalho com professores a partir de operadores da psicanálise*. 2003. 125f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

BEEB, B. et al. Mother-infant interaction structures and presymbolic self – and object representations. *Psychoanalytic Dialogues: The International Journal of Relational Perspectives*. v.7, n.2, p.133-182, 1997.

BICK, E. (1962) Análise de Crianças Hoje. In: SPILLIUS, E. *Melanie Klein Hoje*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. II, p.186-195.

BICK, E. Notes on infant observation in psycho-analytic. *International Journal of Psychoanalysis*, Londres, v.45, n.3, p.558-566, 1964.

BICUDO, V. L. Contribuições para a história do desenvolvimento da psicanálise em São Paulo. *Arquivos de Neuropsiquiatria*, v.6, n.1, p.69-72, 1948.

BION, W. Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não psicótica. In: E. B. Spillius. *Melanie Klein Hoje*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. v. I, p.69-86.

BOFF, A. A. *Recortes de interações entre cuidadoras e crianças institucionalizadas: uma avaliação das funções parentais à luz da psicanálise*. 2002. 203f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

BRAUER, J. F. *A criança no discurso do outro: ensaios sobre a clínica dos distúrbios graves na infância*. 2000. 248f. Tese (Livre-Docência em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

BRUDER, M. C. R. *A constituição do sujeito na psicanálise lacaniana: a separação e seus impasses*. 2005. 108f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

BUZINARI, M. *Um estudo psicológico da asma em crianças: considerações acerca da angústia e inibição presentes nessa sintomatologia*. 2001. 111f. Dissertação (Mestrado em

Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

CAMPOS, R. H. F. (Org.). *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

CARVALHO, C. A. *Os psiconautas do Atlântico Sul*. Campinas: Editora UNICAMP, 1998.

CARVALHO, M. T. V. de. *A creche: um elemento a mais na constituição do sujeito*. 2001. 137f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

CASTELO, M. T. P. *Especificidades da comunicação no trabalho clínico com crianças*. 2003. 123f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

CAUDURO, C. R. de S.  *Holding: o contexto da neurogênese. Uma aproximação de Winnicott à neurociência do desenvolvimento*. 2008. 132f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

CHEMAMA, R. *Dicionário de Psicanálise Larousse*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

COHEN, R. H. P. *Uma questão entre psicanálise e educação: sobre a etiologia do fracasso escolar*. 2004. 206f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

COLACIQUE, M. A. M. *Intervenção psicológica no sofrimento psíquico de criança e de adolescente envolvidos com processos em tramitação na justiça*. 2005. 243f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CORTE, J. *O método de observação da relação mãe-bebê, de Esther Bick, e a formação do psicoterapeuta*. 2005. 121f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

COSTA, C. L. *A entrada da criança no ambiente escolar: reflexões sobre o processo de adaptação em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI)*. 2006. 165f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

COSTA, P. J. *A mente primitiva: um estudo conceitual a partir da produção psicanalítica escrita*. 2010. 188f. Tese de Doutorado (Doutorado Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CUNHA, J. A. *Psicodiagnóstico*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DI PAOLO, A. F. *Estudo exploratório dos indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil e da avaliação psicanalítica aos 3 anos para avaliar a qualidade de vida e condição sintomática aos seis anos*. 2010. 143f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

DIAS, M. de A. M. *A clínica do bebê pré-termo e a escuta dos pais: questões para a psicanálise*. 2008. 225f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

DOLTO, F. *A imagem inconsciente do corpo*. Tradução de N. M. Kon e M. Levy. São Paulo: Perspectiva, 1992.

DOLTO, F. *Pediatria e Psicanálise*. Tradução de A. Cabra. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

DOLTO, F. *Seminário de psicanálise de crianças*. Tradução de V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

DOLTO, F. *O caso Dominique*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

DONZELOT, J. *A polícia das famílias*. Tradução de M. T. C. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

ELKIND, D. *Sem tempo para ser criança: a infância estressada*. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FARIA, C. A. *A noção de alteridade no estudo das psicoses infantis*. 2006. 163f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

FARIA, M. R. *A criança e o complexo de Édipo: do universal teórico ao particular da clínica*. 2001. 183f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

FELICIANO, D. de S. M. *Para além do seio: uma proposta de intervenção psicanalítica pais-bebê, a partir da escuta dos sentidos ocultos nas dificuldades de amamentação, como auxiliar no desenvolvimento*. 2009. 350f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FENDRICK, S. *Ficção das origens: contribuições à história da teoria da psicanálise de crianças*. Tradução de F. F. Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FENDRICK, S. *Psicoanalistas de niños*. La verdadera historia: 3 Arminda Aberastury y Telma Rea. Buenos Aires: Letra Viva, 2006.

FERENCZI, S. Um Pequeno Homem Galo. In: FERENCZI. *Obras Completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. v.II, p.61-67.

FERREIRA, C. de A. L. *O papel das primeiras experiências infantis no desenvolvimento afetivo: a ideia do determinismo infantil*. 2003. 181f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

FERREIRA, M. R. P. *Crianças que não conseguem esquecer: sobre o traumático na infância*. 2006. 99f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

FIGARO-GARCIA, C. *Uma proposta de prática psicológica para casos de desaparecimento de crianças e adolescentes*. 2010. 239f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FOLINO, C. da S. G. *Encontro entre a psicanálise e a pediatria: impactos da depressão puerperal para o desenvolvimento da relação mãe-bebê e do psiquismo infantil*. 2008. 262f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

FONSECA, V. R. J. R. M. *As relações interpessoais nos transtornos autísticos: uma abordagem interdisciplinar da psicanálise e da etologia*. 2005. 283f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

FRAGELLI, I. K. Z. *A relação entre escrita alfabética e escrita inconsciente: um instrumento de trabalho na alfabetização de crianças*. 2002. 138f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

FREUD, A. *O ego e os mecanismos de defesa*. São Paulo: Artmed, 2006.

FREUD, A. *O Tratamento Psicanalítico de Crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1971.

FREUD, S. (1893). Estudos Sobre Histeria. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. II.

FREUD, S. (1894). As neuropsicoses de defesa. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. III.

FREUD, S. (1900). A Interpretação dos Sonhos. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. IV e V.

FREUD, S. (1901). A Psicopatologia da Vida Cotidiana. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. VI.

FREUD, S. (1901). Sobre os Sonhos. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. V.

FREUD, S. (1905). Fragmentos de Análise de Um Caso de Histeria. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. VII.

FREUD, S. (1905). Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. VII.

FREUD, S. (1907). O esclarecimento sexual das crianças. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. IX.

FREUD, S. (1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. II.

FREUD, S. (1914). A História do Movimento Psicanalítico. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. XIV.

FREUD, S. (1919). Sobre o ensino da psicanálise na universidade. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.XVII.

FREUD, S. (1925a). Um Estudo Autobiográfico. In: \_\_\_\_\_ *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.XX.

FREUD, S. (1933). Conferência XXXIV: explicações, aplicações e orientações. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.XXII.

GALVÃO, L. Notas para a história da Psicanálise em São Paulo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v.1, n.1, p.46-68, 1967.

GHIRARDI, M L. de A. M. *A devolução de crianças e adolescentes adotivos sob a ótica psicanalítica: reedição de histórias de abandono*. 2008. 131f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GOUVEIA, D. da C. *A construção do conhecimento na psicose infantil: uma razão a mais para se pensar a psicanálise na educação*. 2000. 92f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

GRASSANO, E. *Indicadores psicopatológicos nas técnicas projetivas*. Tradução de Leila S.L.P.C. Tardivo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

HERRMANN, F. Duas notas sobre o Itinerário da Psicanálise. *Revista de Psicologia da USP*. v.14, n.3, p.79-88, 2003.

HERRMANN, F. Pesquisando com o método psicanalítico. In: HERRMAN, F.; LOWENKRON, T. (Orgs.). *Pesquisando com o método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p.43-83.

HOLPERT, E. C. *A imagem do corpo em psicanálise e no atendimento de crianças*. 2007. 165f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

HUG-HELLMUTH, H. Von. (1921). On the technique of child analysis. *Int. J. Psychoanal*, Londres, v.2, n.2, p.287-305, 1923.

JORDÃO, M. C. M. *A criança, a deficiência e a escola: uma intervenção orientada pela psicanálise*. 225f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

JUNG, C. G. *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

KLEIN, M. (1921). O Desenvolvimento de uma Criança. In: \_\_\_\_\_. *Amor, Culpa e Reparação*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.I.

KLEIN, M. (1921). Princípios Psicológicos da Análise de Crianças. In: \_\_\_\_\_. *Amor, Culpa e Reparação*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.I.

- KLEIN, M. (1927). Simpósio sobre Análise de Crianças. In: \_\_\_\_\_. *Amor, Culpa e Reparação*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.I.
- KLEIN, M. (1928). Estágios iniciais do conflito edipiano. In: \_\_\_\_\_. *Amor, culpa e reparação*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.I.
- KLEIN, M. (1930). A importância da formação de símbolos para o desenvolvimento do ego. In: \_\_\_\_\_. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.I.
- KLEIN, M. (1932). *A Psicanálise de Crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1997. v.II.
- KLEIN, M. (1955). A Técnica Psicanalítica Através do Brincar: sua história e significado. In: \_\_\_\_\_. *Inveja e Gratidão*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. v.III.
- KLEIN, M. (1960). *Narrativa da análise de uma criança*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.IV.
- KRUG, J. S. *A realização imaginária do desejo inconsciente num grupo terapêutico de crianças: a saída edípica e a entrada no período de latência*. 2005. 138f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. *Vocabulário de Psicanálise*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEONCIO, W. A. H. *Retrato de vivências emocionais de crianças recém-abrigadas: observações psicanalíticas por meio do Procedimento de Desenhos*. 2002. 214f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- LEVISKY, F. B. *Contribuições da psicanálise para a educação: o grupo como sujeito da criação*. 2008. 156f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- LISONDO, A. B. D. Na cultura do vazio, patologias do vazio. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v.38, n.2, p.335-358, 2004.
- LOPEZ, V. B. *A técnica psicoterapêutica psicanalítica com o latente: implicações ao terapeuta*. 2004. 164f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- MARIOTTO, R. M. M. *Cuidar, educar e prevenir: as funções da creche no desenvolvimento e na subjetivação de bebês*. 2007. 133f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- MARTÃO, M. I. S. *Filhos autistas e seus pais: um estudo compreensivo*. 2002. 164f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

- MENICHETTI, D. *A observação lúdica e o psicodiagnóstico compreensivo: aplicações do referencial de análise do procedimento de desenhos-estórias*. 2003. 194f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- MEZAN, R. História da Psicanálise: questões de método. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v.33, n. 60/61, p.147-177, 2000.
- MEZAN, R. Psicanálise e Pós-graduação: notas, exemplos e reflexões. In: *Interfaces da Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.395-435.
- MILLER, W.L.; CRABTREE, B.F. Clinical Research. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. *Strategies of Qualitative Inquiry*. Newbury Park, CA: Sage Publications, 1998. p.292-314.
- MOKREJS, E. *A Psicanálise no Brasil: as origens do pensamento psicanalítico*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- MONTAGNA, P. Psicanálise e Psiquiatria em São Paulo. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DE São Paulo (Org.). *Álbum de família: imagens, fontes e ideias da psicanálise em São Paulo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994. p.39-48.
- MONTSERRA, M. T. V. *O lugar do pai: subjetividade, clínica e contemporaneidade - reflexões a partir de uma leitura freudiana*. 2003. 134f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- MORAIS, D. *A psychanalyse na educação*. Rio de Janeiro: Mendonça, Machado & Cia. Editores, 1927.
- MOUSQUER, D. N. *Efeitos psíquicos da visualização celular no tratamento de crianças com leucemia*. 2004. 161f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- NAKAGAWA, P. Y. *Intervenção precoce: o alcance da escuta psicanalítica de pais e bebês*. 2006. 97f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- NAVEGANTES, L. de F. *Articulações psicanalíticas em torno do tratamento de crianças psicóticas*. 2004. 136f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- OLIVEIRA, F. C. M. de. *Compreendendo a fobia em odontopediatria por meio de intervenções com o Procedimento de Desenhos-Estórias*. 2008. 226f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- OLIVEIRA, H. O Complexo de Édipo em pediatria. *Bahia Médica*, 1932.

OLIVEIRA, M. L. de. *As aventuras de Alice no país das maravilhas e na Emia: Winnicott e a educação*. 2009. 174f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

PARENTE, S M. B. A. *Em busca da comunicação significativa: Transformações no olhar de uma analista na clínica da inibição intelectual*. 2005. 137f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005.

PATELLA, L. *A contratransferência na análise de crianças e adolescentes: uma via de acesso ao inconsciente*. 2004. 84f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

PATTI, A. R. *Sentidos e sujeitos discursivos: filhos e netos do narcotráfico no movimento do discurso*. 2008. 186f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto/SP, 2008.

PERESTRELLO, M. Primeiros encontros com a psicanálise no Brasil (1989-1937). In: \_\_\_\_\_. *Encontros & psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p.111-152.

PERESTRELLO, M. História da Psicanálise no Brasil: o ensino nos institutos. In: \_\_\_\_\_. *Encontros & Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p.155-182.

PERESTRELLO, M. Ainda sobre a história da psicanálise no Brasil. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v.29, n.3, p.667-674, 1995.

PERESTRELLO, M. *Encontros e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

PERESTRELLO, M. *História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: suas origens e fundação*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

PERESTRELLO, M. Vanguardas europeias, modernismo brasileiro e psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v.28, n.3, p.445-457, 1994.

PESARO, M. E. *Alcance e limites teórico-metodológicos da pesquisa multicêntrica de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil*. 2010. 186f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PETOT, J. M. (1979) *Melanie Klein I: primeiras descobertas e primeiro sistema*. Tradução de M. Levy; N. M. Kon; B. P. Haber; M. K. Bilenky. São Paulo: Perspectiva. 1988.

PETOT, J-M. (1979). *Melanie Klein I: primeiras descobertas e primeiro sistema*. Tradução de Marise Levy. São Paulo: Perspectiva, 2005. v.I.

PETOT, J-M. (1979). *Melanie Klein II: o ego e o bom objeto*. Tradução de Marise Levy. São Paulo: Perspectiva, 2005. v.II.

PETRI, R. *Leitura psicanalítica do desenvolvimento e suas implicações para o tratamento de crianças*. 2006. 195f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

PETRI, R. *O lugar do profissional no tratamento institucional da criança psicótica: analista ou educador?* 2000. 150f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

PEZO DEL PINO, M. A. *Do squiggle da consulta terapêutica ao desenho coletivo na intervenção institucional.* 2009. 200f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

PINHEIRO, G. F. M. *A latência hoje: reflexões acerca da organização psíquica da sexualidade em crianças de 9 anos.* 2006. 169f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

PINHO, G. S. *O brincar na infância contemporânea.* 2001. 96f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

PORTO-CARRERO, J. P. A contribuição brasileira à psychanalyse. In: CONGRESSO DE NEUROLOGIA, PSYCHIATRIA E MEDICINA LEGAL, n.3, 1929, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, 1929.

PORTO-CARRERO, J. P. *A Psychanalyse – a sua história e seu conceito.* Rio de Janeiro, p.11-25, 1929.

PORTO-CARRERO, J. P. *Ensaio de psychanalyse.* Rio de Janeiro: Flores & Mono Editores, 1928.

POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância.* Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

PRETTO, B. *Um olhar psicanalítico sobre a inclusão de crianças com necessidades educativas especiais em uma escola de ensino regular.* 2002. 156f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

PROUT, A. *The future of childhood.* London: Routledge Falmer, 2005.

QUINTINO, R. M. *Contribuições da Psicanálise Winnicottiana às rotinas neonatais.* 2005. 196f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005.

REIS, D. B. dos S. *O autismo nos (des)caminhos da feminilidade: o lugar da função materna na ocorrência de autismo infantil.* 2003. 122f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

RIBEIRO, J. M. de L. C. *A criança autista em trabalho: considerações sobre o outro na clínica do autismo.* 2003. 86f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

RIBEIRO, L. M. A. *Violência entre gerações: trilhamentos da repetição*. 2003. 133f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

ROCHA, G. *Introdução ao nascimento da psicanálise no Brasil*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

ROGONE, H. M. H. *Psicanálise e cidadania: correndo riscos e tecendo laços*. 2006. 174f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ROSENFELD, H. Notas sobre a psicanálise do conflito com o superego num paciente esquizofrênico em fase aguda. In: SPILLIUS, E.B. *Melanie Klein Hoje*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. v.I, p.23-59.

ROTONDARO, D. P. *O abrigo pode ser um ambiente facilitador do desenvolvimento de crianças e adolescentes? Grupo psicoterapêutico como instrumento de trabalho*. 2005. 136f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

ROUDINESCO, E; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RUFFINO, R. *Latência e transmissão: uma abordagem psicanalítica da eficácia do ato educativo na infância – entendido como tarefa e dívida paterna para a constituição do sujeito e para a maximização do êxito do trabalho da adolescência*. 2004. 482f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SÁ, M. L. B. P. de. *No reino das espertezas: uma luz clareia o estranho revelador das fragmentações. Um estudo centrado na violência e no abuso sexual na infância*. 2006. 154f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SAGAWA, R. *Os inconscientes no divã da história*. 1989. 200f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989.

SANTOS, V. M. dos. *Adolescência e psicose: da exclusão à construção de novos lugares no social*. 2005. 80f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SEGAL, H. Alguns aspectos da análise de um esquizofrênico. In: SPILLIUS, E.B. *Melanie Klein Hoje*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. II, p.112-131.

SILVA, A. L. B. P. e. *Da fantasia de infância ao infantil na fantasia: A direção do tratamento na psicanálise com crianças*. 2006. 328f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SILVA, A. P. P. da. *A criança com distúrbio neurológico e a psicanálise*. 2000. 110f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

- SILVA, F. C. A. da. *Ameaças à infância: do trauma psíquico ao transtorno de estresse pós-traumático*. 2006. 108f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.
- SILVA, I. Y. M. *Uma leitura da produção brasileira sobre psicanálise de crianças, por meio da Revista Brasileira de Psicanálise*. 2010. 96f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2010.
- SILVA, M. S. A. N. da. *Em busca do elo perdido: escuta psicanalítica para histórias de adoção*. 2001. 164f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- SIMON, R. Introdução à Psicanálise: Melanie Klein. In: RAPPAPORT, C. R. *Temas Básicos de Psicologia*. São Paulo: E.P.U., 1986. v. XVII, p. 1-135.
- SOARES, J. M. *Possibilidades e limites do tratamento psicanalítico da psicose infantil em instituições de saúde mental*. 2007. 139f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- SOUZA, A. B. T. de. *"Tia, você veio?"*: um estudo dos mecanismos de projeção e introjeção e das relações objetais na psicoterapia psicanalítica de uma criança vítima de abandono. 2002. 174f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- SPILLUS, E. A Análise de Crianças: introdução. In: \_\_\_\_\_. *Melanie Klein Hoje*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v.II, p.173-175.
- STOIANI, L. P. *As interações corporais entre a mãe e o bebê nos primórdios da constituição psíquica*: um estudo a partir da experiência de observação na técnica Esther Bick. 2007. 169f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- TAFURI, M. I. *Dos sons à palavra: explorações sobre o tratamento psicanalítico da criança autista*. 2002. 211f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- TARDIVO, Leila S.C. Análise e interpretação. In: TARDIVO, Leila S.C; TRINCA, W. (Orgs.) *Formas de investigação clínica em psicologia*. São Paulo: Vetor, 1997. p.115-156.
- TEPERMAN, D. W. *Bases psicanalíticas da intervenção precoce: uma clínica preventiva dos transtornos do desenvolvimento*. 2002. 150f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- TRINCA, W. Diagnóstico psicológico. A prática clínica. São Paulo: EPU, 1984.
- \_\_\_\_\_. Referenciais teóricos do processo diagnóstico de tipo compreensivo. In: TRINCA, W. et al. *Diagnóstico psicológico. A prática clínica*. São Paulo: EPU, 1984b. p. 25-33.
- TRINCA, A. M. T. *O Procedimento de Desenhos-Estórias como instrumento de intermediação terapêutica na pré-cirurgia infantil: um estudo qualitativo*. 2002. 254f. Tese

(Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

TUSTIN, F. (1990). *Barreiras Autísticas em Pacientes Neuróticos*. Porto Alegre: Artmed, 1992.

TUSTIN, F. *Autismo e Psicose Infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

TUSTIN, F. *Estados autísticos em crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

VILAS-BOAS, C. A. B. *Considerações sobre o objeto autístico e o objeto transacional: o autismo em questão*. 2001. 69f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

VILELA, E. M. B. *A formação do psicólogo e o atendimento a deficientes visuais e suas famílias no contexto de clínica-escola*. 2007. 226f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

WINNICOTT, D. W. (1955). Variedades clínicas da transferência. Em: In: \_\_\_\_\_. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

WINNICOTT, D. W. (1977). *The Piggle*: relato do tratamento psicanalítico de uma menina. Rio de Janeiro, Imago, 1987.

WOODWARD, W. Rumo a uma historiografia crítica da psicologia. In: \_\_\_\_\_. *Historiografia da Psicologia Moderna: a versão brasileira*. São Paulo: Loyola, 1998. p.61-87.

YOUNG-BRUEHL, E. *Anna Freud: uma biografia*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

ZANOTTI, S. V. *Os jovens e o agir: respostas ao mal-estar*. 2006. 170f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

ZIMERMAN, D. E. A face narcisista da sexualidade edípica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v.31, n.2, p.495-514, 1997.